



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

## RESOLUÇÃO Nº 6/REIT - CEPEX/IFRO, DE 30 DE JANEIRO DE 2018

*Dispõe sobre a aprovação do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Campus Ji-Paraná.*

**O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA**, no uso de suas atribuições legais, em conformidade com o disposto no Estatuto e, considerando o Processo nº 23243.012637/2017-48, considerando a Resolução nº 59/CONSUP/IFRO/2017, considerando ainda a aprovação unânime do Cepex na 10ª Reunião Ordinária, em 12/12/2017;

### **R E S O L V E:**

**Art. 1º APROVAR** o Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, *Campus Ji-Paraná*, anexo a esta Resolução.

**Art. 2º** Esta Resolução entra em vigor nesta data.

### **UBERLANDO TIBURTINO LEITE**

Presidente do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão do  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.



Documento assinado eletronicamente por **Uberlando Tiburtino Leite, Presidente do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão**, em 30/01/2018, às 18:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ifro.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ifro.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0156418** e o código CRC **7FC8A0EE**.

## ANEXO I À RESOLUÇÃO Nº 6, DE 30 DE JANEIRO DE 2018 PPC ENGENHARIA FLORESTAL, *CAMPUS JI-PARANÁ* - [LINK - 0156417](#)



**INSTITUTO FEDERAL**  
Rondônia



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

# **PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL CAMPUS JI-PARANÁ**

Ji-Paraná– 2022

---

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

Reitoria – Telefone: (69) 2182-9601

Av. 7 de Setembro, nº 2090 – Nossa Senhora das Graças – CEP: 76.804-124 – Porto Velho/RO

E-mail: reitoria@ifro.edu.br / Site: www.ifro.edu.br



**INSTITUTO FEDERAL**  
Rondônia



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

## **PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL CAMPUS JI-PARANÁ**

Núcleo Docente Estruturante  
Portaria Nº 237/JIPA - CGAB/IFRO, de 06 de agosto de 2020

Janice Ferreira do Nascimento  
Andreza Pereira Mendonça  
Giovanni Correa Vieira  
Lorena de Souza Tavares  
Viviane Maia Corrêa

Ji-Paraná – 2022

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>LISTA DE QUADROS</b>   | 8  |
| <b>LISTA DE FIGURAS</b>   | 9  |
| <b>APRESENTAÇÃO</b>   | 10 |
| <b>I. DADOS PRELIMINARES DO CURSO E DA INSTITUIÇÃO</b>  | 12 |
| 1. Dados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (Reitoria)                      | 12 |
| 2. Dirigentes ligados   | 12 |
| 3. Dados da Unidade de Ensino –   | 12 |
| 4. Dados dos Dirigentes da Unidade de Ensino –  | 12 |
| 5. Dados Gerais do Curso  | 13 |
| <b>II. CONTEXTUALIZAÇÃO DO IFRO</b>   | 14 |
| 1. DADOS INSTITUCIONAIS   | 14 |
| 1.1. Breve Histórico do IFRO  | 14 |
| 1.2. Breve Histórico do   | 16 |
| 1.3. Missão, Visão e Valores do IFRO  | 18 |
| 1.3.1. Missão   | 18 |
| 1.3.2. Visão  | 18 |
| 1.3.3. Valores  | 18 |
| 1.4. Dados Sócio-econômicos da Região   | 19 |
| <b>DIMENSÃO 1 – ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DO CURSO</b>  | 22 |
| 1.1. DO CONTEXTO EDUCACIONAL  | 22 |
| 1.1.1. Dados e Pirâmide Populacional  | 22 |
| 1.1.2. População do Ensino Médio Regional   | 23 |
| 1.1.3. Quantidade de Vagas Ofertadas na Educação Superior   | 24 |
| 1.1.4. Taxa Bruta e Líquida de Matriculados na Educação Superior  | 25 |
| 1.1.5. Demanda pelo Curso   | 25 |
| 1.1.6. Justificativa do Curso   | 26 |
| 1.1.7. Formas de Acesso ao Curso  | 27 |
| 1.2. Políticas Institucionais Constantes do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) no Âmbito do Curso | 28 |



|        |   |     |
|--------|---|-----|
| 1.2.1. | A Interrelação entre o Ensino a Pesquisa e a Extensão                           | 29  |
| 1.2.2. | Políticas de Articulação com os Setores Públicos e Privados                     | 30  |
| 1.2.3. | Políticas de Ensino   | 31  |
| 1.2.4. | Políticas de Pesquisa   | 32  |
| 1.2.5. | Políticas de Extensão   | 34  |
| 1.2.6. | Ações para o Desenvolvimento do Ensino, da Pesquisa e da Extensão               | 35  |
| 1.3.   | Dos Objetivos do Curso  | 36  |
| 1.3.1. | Objetivo Geral do Curso   | 36  |
| 1.3.2. | Objetivos Específicos do Curso  | 36  |
| 1.4.   | Perfil Profissional do Egresso: Competências e Habilidades                      | 37  |
| 1.4.1. | Perfil do Egresso   | 37  |
| 1.4.2. | Competências e Habilidades Gerais do Egresso                                    | 38  |
| 1.4.3. | Habilidades Específicas   | 39  |
| 1.4.4. | Mercado de Trabalho   | 39  |
| 1.5.   | Estrutura Curricular  | 40  |
| 1.6.   | Conteúdos Curriculares do Curso   | 43  |
| 1.6.1. | Especificação dos Componentes Curriculares                                      | 43  |
| 1.6.2. | Coerência dos Conteúdos Curriculares com o Perfil Desejado do Egresso           | 45  |
| 1.6.3. | Coerência dos Conteúdos Curriculares Face às Diretrizes Curriculares Nacionais  | 45  |
| 1.6.4. | Curricularização da extensão  | 46  |
| 1.6.5. | Matriz Curricular do Curso  | 47  |
| 1.6.6. | Ementário   | 54  |
| 1.7.   | METODOLOGIA   | 99  |
| 1.7.1. | Concepção do Curso e Abordagens Pedagógicas                                     | 100 |
| 1.7.2. | Transversalidade no currículo   | 102 |
| 1.7.3. | Prática como componente curricular  | 103 |
| 1.7.4. | Estratégias de acompanhamento pedagógico  | 103 |
| 1.7.5. | Flexibilização curricular   | 104 |
| 1.7.6. | Estratégias de desenvolvimento de atividades não presenciais ou semipresenciais | 104 |
| 1.7.7. | Certificação de conclusão de curso  | 105 |
| 1.7.8. | Critérios de aproveitamento de estudos e de certificação de conhecimentos       | 106 |



|                                   |   |            |
|-----------------------------------|---|------------|
| 1.8.                              | Estágio Curricular Supervisionado   | 108        |
| 1.8.1.                            | Supervisão e orientação do estágio supervisionado                                   | 109        |
| 1.8.2.                            | Avaliação do estágio supervisionado   | 110        |
| 1.8.3.                            | Professor orientador  | 110        |
| 1.8.4.                            | Estagiário  | 110        |
| 1.9.                              | Atividades Complementares   | 111        |
| 1.10.                             | Trabalho de Conclusão de Curso  | 112        |
| 1.11.                             | Apoio ao Discente   | 113        |
| 1.12.                             | Ações Decorrentes do Processo Avaliativo do Curso                                   | 113        |
| 1.12.1.                           | Atendimento Extraclasse   | 115        |
| 1.12.2.                           | Atendimento Psicopedagógico   | 115        |
| 1.12.3.                           | Estratégias de Nivelamento  | 116        |
| 1.12.4.                           | Estratégias de Interdisciplinaridade  | 117        |
| 1.12.5.                           | Estímulos às Atividades Acadêmicas  | 118        |
| 1.13.                             | Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no processo ensino-aprendizagem      | 118        |
| 1.14.                             | Procedimentos de Avaliação dos Processos de Ensino-aprendizagem                     | 120        |
| 1.15.                             | Participação Obrigatória dos Discentes no Acompanhamento e na Avaliação do PPC      | 122        |
| <b>DIMENSÃO 2 - CORPO DOCENTE</b> |   | <b>123</b> |
| 2.1.                              | Atuação do Núcleo Docente Estruturante  | 123        |
| 2.1.1.                            | Composição do Núcleo Docente Estruturante   | 123        |
| 2.2.                              | Coordenador do Curso  | 124        |
| 2.2.1.                            | Identificação do Coordenador do Curso   | 125        |
| 2.2.2.                            | Titulação e Formação do Coordenador do Curso  | 125        |
| 2.2.3.                            | Experiência Profissional de Magistério Superior e de Gestão do Coordenador do Curso | 125        |
| 2.2.4.                            | Regime de Trabalho do Coordenador do Curso  | 126        |
| 2.2.5.                            | Carga-Horária do Coordenador do Curso   | 126        |
| 2.3.                              | Titulação do Corpo docente  | 126        |
| 2.3.1.                            | Políticas de Aperfeiçoamento, Qualificação e Atualização do Corpo Docente           | 128        |
| 2.3.2.                            | Percentual de Doutores, Mestres, Especialistas e Graduados                          | 128        |
| 2.4.                              | Regime de Trabalho do Corpo Docente   | 129        |
| 2.5.                              | Experiência Profissional do Corpo Docente   | 130        |

|                                    |  |            |
|------------------------------------|--|------------|
| 2.6.                               | Relação entre o número de docentes e o número de vagas   | 133        |
| 2.7.                               | Funcionamento do Colegiado do Curso  | 133        |
| 2.8.                               | Produção Científica, Cultural, Artística ou Tecnológica do Corpo Docente   | 134        |
| <b>DIMENSÃO 3 – INFRAESTRUTURA</b> |  | <b>137</b> |
| 3.1.                               | Gabinetes de Trabalho para Professores em Tempo Integral   | 137        |
| 3.2.                               | Espaço de Trabalho para Coordenação de Curso e Serviços Acadêmicos   | 137        |
| 3.3.                               | Sala de Professores  | 138        |
| 3.4.                               | Salas de Aula  | 138        |
| 3.5.                               | Recursos materiais   | 139        |
| 3.6.                               | Acesso dos Alunos a Equipamentos de Informática  | 139        |
| 3.6.1.                             | Plano de atualização tecnológica e manutenção de equipamentos  | 139        |
| 3.7.                               | Biblioteca   | 140        |
| 3.8.                               | Bibliografia Básica  | 141        |
| 3.9.                               | Bibliografia Complementar  | 142        |
| 3.10.                              | Periódicos Especializados  | 142        |
| 3.11.                              | Laboratórios Didáticos e Especializados: quantidade  | 142        |
| 3.11.1.                            | Plano de Atualização Tecnológica, Serviços e Manutenção dos Equipamentos   | 145        |
| 3.11.2.                            | Infraestrutura de laboratórios específicos da área de formação   | 145        |
| 3.12.                              | Laboratórios didáticos especializados: qualidade   | 148        |
| 3.13.                              | Laboratórios didáticos especializados: serviços  | 149        |
| 4.                                 | <b>REQUISITOS LEGAIS</b>   | <b>151</b> |
| 4.1.                               | Diretrizes curriculares nacionais do curso   | 151        |
| 4.2.                               | Diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena | 151        |
| 4.3.                               | Diretrizes nacionais para a educação em direitos humanos   | 151        |
| 4.4.                               | Proteção do direito da pessoa com transtorno do espectro autista   | 153        |
| 4.5.                               | Titulação do corpo docente   | 153        |
| 4.6.                               | Núcleo docente estruturante (NDE)  | 154        |
| 4.7.                               | Carga horária mínima, em horas   | 154        |
| 4.8.                               | Tempo de integralização  | 154        |
| 4.9.                               | Acessibilidade para pessoas com deficiência física   | 155        |

|          |  |     |
|----------|--|-----|
| 4.9.1.   | Acessibilidade para alunos com deficiência visual                                | 156 |
| 4.9.2.   | Acessibilidade para alunos com deficiência auditiva                              | 156 |
| 4.10.    | Oferecimento da disciplina de Libras   | 158 |
| 4.11.    | Informações acadêmicas   | 158 |
| 4.12.    | Políticas de educação ambiental  | 159 |
| 5.       | TEMAS GERAIS E INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES  | 160 |
| 5.1.     | Infraestrutura do 160  |     |
| 5.1.1.   | Infraestrutura de Segurança  | 161 |
| 5.1.2.   | Área de Convivência  | 161 |
| 5.1.3.   | Biblioteca   | 162 |
| 5.1.3.1. | Espaço Físico da Biblioteca  | 162 |
| 5.1.3.2. | Serviços Oferecidos na Biblioteca  | 162 |
| 5.1.3.3. | Horário de Funcionamento da Biblioteca   | 163 |
| 5.1.4.   | Espaços para Eventos   | 163 |
| 5.1.5.   | Instalações Sanitárias   | 163 |
| 5.2.     | Organização do Controle Acadêmico  | 164 |
| 5.3.     | Setores de Apoio Pedagógico e Técnico-Administrativo                             | 165 |
| 5.3.1.   | Diretoria de Ensino  | 166 |
| 5.3.1.1. | Departamento de Apoio ao Ensino (DAPE)   | 167 |
| 5.3.1.2. | Coordenação de Assistência ao Educando (CAED)                                    | 167 |
| 5.3.2.   | Departamento de Extensão (DEPEX)   | 167 |
| 5.3.3.   | Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação (DEPESP)                      | 168 |
| 5.3.4.   | Da Coordenação de Tecnologia da Informação (CGTI)                                | 168 |
| 5.3.5.   | Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NAPNE) | 169 |
| 5.4.     | Políticas Especiais do IFRO  | 170 |
| 5.4.1.   | Políticas de Educação Inclusiva  | 170 |
| 5.5.     | Acesso a Equipamentos de Informática pelos Docentes                              | 171 |
| 5.6.     | Recursos Audiovisuais Disponíveis para o Exercício da Docência                   | 172 |
| 6.       | REFERÊNCIAS UTILIZADAS PARA ELABORAÇÃO DO PROJETO                                | 173 |



## LISTA DE QUADROS

|           |  |     |
|-----------|--|-----|
| Quadro 1  | Dados Gerais do IFRO (Reitoria).....   | 12  |
| Quadro 2  | Reitor e Pró-reitores do IFRO.....   | 12  |
| Quadro 3  | Dados Gerais do <i>Campus</i> .....  | 12  |
| Quadro 4  | Diretor Geral e Diretor de Ensino.....   | 12  |
| Quadro 5  | Dados Gerais do Curso.....   | 13  |
| Quadro 6  | Dados Econômicos e Sociais de Rondônia.....  | 19  |
| Quadro 7  | Produto Interno Bruto do Município de Ji-Paraná.....   | 20  |
| Quadro 8  | População da microrregião de Ji-Paraná.....  | 22  |
| Quadro 9  | Escolas que oferecem o Ensino Médio em Ji-Paraná.....  | 23  |
| Quadro 10 | Matrículas no Ensino Médio na Microrregião IV Ji-Paraná.....   | 24  |
| Quadro 11 | IES que oferecem o Curso Superior de Engenharia Florestal no Estado de RO.....   | 24  |
| Quadro 12 | Distribuição das disciplinas por núcleo do Curso de Engenharia Florestal do IFRO – <i>Campus</i> Ji-Paraná .....       | 43  |
| Quadro 13 | Matriz curricular das disciplinas obrigatórias do Curso de Engenharia Florestal do IFRO – <i>Campus</i> Ji-Paraná..... | 48  |
| Quadro 14 | Matriz curricular das disciplinas optativas do Curso de Engenharia Florestal do IFRO – <i>Campus</i> Ji-Paraná.....    | 51  |
| Quadro 15 | Resumo da carga horária do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal do IFRO – <i>Campus</i> Ji-Paraná.....         | 52  |
| Quadro 16 | Núcleo docente estruturante do curso.....  | 124 |
| Quadro 17 | Titulação do coordenador(a) do curso.....  | 125 |
| Quadro 18 | Experiência Profissional do Coordenador do Curso.....  | 126 |
| Quadro 19 | Carga-horária do(a) Coordenador(a) do Curso.....   | 126 |
| Quadro 20 | Titulação do corpo docente.....  | 126 |
| Quadro 21 | Qualificação e quantitativo de docentes do curso de Engenharia Florestal – <i>Campus</i> Ji-Paraná.....                | 128 |
| Quadro 22 | Regime de trabalho do corpo docente.....   | 129 |
| Quadro 23 | Experiência profissional do corpo docente do Curso de Engenharia Florestal do IFRO – <i>Campus</i> Ji-Paraná.....      | 131 |
| Quadro 24 | Produção Científica, Cultural, Artística ou Tecnológica do Corpo Docente.....  | 135 |
| Quadro 25 | Descrição de gabinetes para cada docente.....  | 137 |
| Quadro 26 | Espaço de trabalho para a coordenação de curso e serviços acadêmicos.....  | 137 |
| Quadro 27 | Descrição da sala de professores.....  | 138 |
| Quadro 28 | Espaço físico da Biblioteca.....   | 140 |
| Quadro 29 | Laboratórios de informática.....   | 143 |
| Quadro 30 | Laboratórios didáticos disponíveis.....  | 144 |
| Quadro 31 | Laboratórios específicos para o curso.....   | 146 |
| Quadro 32 | Quantificação e descrição dos ambientes de formação.....   | 147 |
| Quadro 33 | Estrutura física do <i>Campus</i> Ji-Paraná.....   | 161 |
| Quadro 34 | Quantidade de banheiros no <i>Campus</i> IFRO Ji-Paraná.....   | 164 |



## LISTA DE FIGURAS

|          |   |    |
|----------|---|----|
| Figura 1 | Pirâmide Populacional de Ji-Paraná, Rondônia e Brasil.....  | 23 |
| Figura 2 | Fluxograma de disciplinas obrigatórias do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal do IFRO – <i>Campus</i> Ji-Paraná..... | 53 |



## APRESENTAÇÃO

A presente proposta de Projeto Pedagógico de Curso (PPC) leva em consideração os desafios da educação superior diante das intensas transformações que têm ocorrido na sociedade contemporânea, no mercado de trabalho e nas condições de exercício profissional. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) foi concebido como promotor do conhecimento e do saber técnico e tecnológico, mas também, como instância voltada para atender às necessidades educativas da sociedade.

Ressalta-se, também, que o IFRO não se constitui apenas como uma instância reflexiva da sociedade e do mundo do trabalho, mas como um espaço de cultura e de imaginação criativa, capaz de intervir na sociedade, transformando-a em termos éticos.

Neste Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Engenharia Florestal, o IFRO apresenta uma visão sistematizada do curso, compreendendo os seguintes aspectos: perfil, missão, contextos histórico e geográfico, objetivos, concepções e organização pedagógica, distribuídos em três dimensões em atendimento ao Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação presencial e a distância do Ministério da Educação. Além disso, este projeto está embasado nas atualizações mais recentes das Diretrizes curriculares de cursos de graduação em Engenharia Florestal (Resolução CNE/CES nº 03 de 02 de fevereiro de 2006) e demais instrumentos legais (Lei nº 9394 de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; Resolução CNE/CES nº 2 de 18 de junho de 2007 - Carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial; Portaria Normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007 – institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação da educação superior no sistema federal de educação; Lei nº. 10.861, de 14/04/2004: institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES – e dá outras providências; e no Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI do IFRO, quinquênio 2018-2022).

Este Projeto Pedagógico, na sua macro e microestrutura, deverá servir como instrumento norteador no processo de formação do egresso em Engenharia Florestal com foco nas necessidades da região e as aspirações da população local. O IFRO entende que todos os cursos iguais oferecidos nos seus diversos *Campi* devem ter a mesma estrutura pedagógica norteada por um PPC que reflita os aspectos macros do Estado de Rondônia sem, no entanto, desprezar as especificidades de cada microrregião.



O Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal será criado, implantado e executado considerando a flexibilidade necessária na sua organização para atender a diversidade e heterogeneidade do conhecimento do aluno, tanto no que se refere à sua formação anterior (Ensino Médio), quanto aos seus interesses e expectativas em relação ao seu futuro como profissional e cidadão.

Desta forma, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Graduação em Engenharia Florestal apresentam este Projeto Pedagógico com a finalidade de criar um mecanismo de preparação do cidadão, não somente qualificado para o trabalho, mas, principalmente, e, acima de tudo, apto a refletir e produzir novos conhecimentos e novas tecnologias.

Por último, o presente PPC deverá servir como mecanismo de gerência administrativa e pedagógica do curso, devendo, sobremaneira, atuar na formação do aprender a ser, do aprender a fazer, do aprender a conhecer e do aprender a viver juntos.

## 1. DADOS PRELIMINARES DO CURSO E DA INSTITUIÇÃO:

### 1. Dados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (Reitoria)

Quadro 1: Dados Gerais do IFRO (Reitoria)

|                   |  |               |                |
|-------------------|--|---------------|----------------|
| <b>NOME</b>       | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tec. de Rondônia      | <b>SIGLA</b>  | IFRO           |
| <b>CNPJ</b>       | 10.817.343/0006-01   |               |                |
| <b>LEI</b>        | Lei nº11.892, de 29 de dezembro de 2008                        |               |                |
| <b>LOGRADOURO</b> | Avenida Lauro Sodré  | <b>Nº</b>     | 6500           |
| <b>BAIRRO</b>     | Aeroporto  | <b>CIDADE</b> | Porto Velho    |
| <b>ESTADO</b>     | Rondônia   | <b>CEP</b>    | 76.803-260     |
| <b>E-MAIL</b>     | <a href="mailto:reitoria@ifro.edu.br">reitoria@ifro.edu.br</a> | <b>FONE</b>   | (69) 2182-9601 |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

### 2. Dirigentes ligados à Reitoria:

Quadro 2: Reitor e Pró-reitores do IFRO

|  |                               |
|--|-------------------------------|
| <b>Reitor (substituto)</b>                         | Carlos Henrique dos Santos    |
| <b>Pró-reitor de Ensino</b>                        | Edslei Rodrigues de Almeida   |
| <b>Pró-reitor de Pesq. e Inov.e Pós-Graduação</b>  | Gilmar Alves Lima Júnior      |
| <b>Pró-reitor de Extensão</b>                      | Maria Goreth Araújo Reis      |
| <b>Pró-reitor de Administração e Planejamento</b>  | Jackson Bezerra Nunes         |
| <b>Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional</b> | Arijoan Cavalcante dos Santos |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

### 3. Dados da Unidade de Ensino – Campus

Quadro 3: Dados Gerais do Campus

|                   |  |                |              |
|-------------------|--|----------------|--------------|
| <b>CAMPUS</b>     | Ji Paraná  |                |              |
| <b>LOGRADOURO</b> | Rua Rio Amazonas   | <b>Nº</b>      | 151          |
| <b>BAIRRO</b>     | Jardim dos Migrantes   | <b>CIDADE</b>  | Ji-Paraná    |
| <b>ESTADO</b>     | Rondônia   | <b>CEP</b>     | 76.900-730   |
| <b>E-MAIL</b>     | <a href="mailto:Campusjiparana@ifro.edu.br">Campusjiparana@ifro.edu.br</a><br><a href="mailto:cgab.jipa@ifro.edu.br">cgab.jipa@ifro.edu.br</a> | <b>FONE</b>    | 69 2183-6907 |
| <b>C. POSTAL</b>  | -0-  | <b>CELULAR</b> | -0-          |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

### 4. Dados dos Dirigentes da Unidade de Ensino – Campus

Quadro 4: Diretor Geral e Diretor de Ensino

|                          |  |
|--------------------------|--|
| <b>Diretor Geral</b>     | Letícia Carvalho Pivetta<br>Telefone: (69) 2183-6901 e (69) 2183-6906<br>E-mail: <a href="mailto:dg.jipa@ifro.edu.br">dg.jipa@ifro.edu.br</a><br>Currículo Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/5131655612107506">http://lattes.cnpq.br/5131655612107506</a> |
| <b>Diretor de Ensino</b> | Gleison Guardia<br>Telefone: (69) 99901-2997   |



|  |  |
|--|--|
|  | E-mail: <a href="mailto:de.jipa@ifro.edu.br">de.jipa@ifro.edu.br</a><br>Currículo Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/3081488341816997">http://lattes.cnpq.br/3081488341816997</a>  |
| <b>Departamento de Apoio ao Ensino</b> | Luciana Cristina Pereira<br>Telefone: (69) 2183-6926<br>E-mail: <a href="mailto:dape.jipa@ifro.edu.br">dape.jipa@ifro.edu.br</a><br>Currículo Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/4985995614201915">http://lattes.cnpq.br/4985995614201915</a>      |
| <b>Coordenação de Curso</b>            | Janice Ferreira do Nascimento<br>Telefone: (69) 2183-6923<br>E-mail: <a href="mailto:ccef.jipa@ifro.edu.br">ccef.jipa@ifro.edu.br</a><br>Currículo Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/7000093395608653">http://lattes.cnpq.br/7000093395608653</a> |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

## 5. Dados Gerais do Curso

Quadro 5: Dados Gerais do Curso

|   |  |
|---|--|
| <b>Nome do Curso</b>                      | Engenharia Florestal   |
| <b>Modalidade</b>                         | Bacharelado  |
| <b>Endereço de Funcionamento do Curso</b> | Campus Ji-Paraná (Rua Rio Amazonas, 151, Jardim dos Migrantes, Ji-Paraná / Rondônia CEP: 76.900-730) |
| <b>Número de Vagas Pretendidas</b>        | 40 vagas anuais  |
| <b>Turno de Funcionamento do Curso</b>    | Integral (Matutino e Vespertino)   |
| <b>Carga Horária Total do Curso</b>       | 3.618 horas  |
| <b>Tempo Mínimo de Integralização</b>     | 5 anos (10 semestres)  |
| <b>Tempo Máximo de Integralização</b>     | 10 anos (20 semestres)   |
| <b>Regime de Matrícula</b>                | Semestral, por disciplina e período da matriz curricular   |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)



## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO IFRO

### 1. DADOS INSTITUCIONAIS

#### 1.1. Breve Histórico do IFRO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), foi criado por meio da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que reorganizou a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica composta pelas escolas técnicas, agrotécnicas e CEFETs, transformando-os em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia distribuídos em todo o território nacional. O IFRO, portanto, surgiu como resultado da integração da Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste, com 15 anos de existência, e da Escola Técnica Federal de Rondônia (à época em processo de implantação com Unidades em Porto Velho, Ji-Paraná, Ariquemes e Vilhena).

A Instituição é detentora de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, equiparada às universidades federais. É uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multi*Campi*. Especializa-se em oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino para os diversos setores da economia, na realização de pesquisa e no desenvolvimento de novos produtos e serviços, com estreita articulação com os setores produtivos e com a sociedade, dispondo mecanismos para educação continuada.

Marcos Históricos do Instituto Federal de Rondônia:

- ✓ 1993: Criação da Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste e das Escolas Técnicas Federais de Porto Velho e Rolim de Moura por meio da Lei 8.670, de 30/6/1993. Apenas a Escola Agrotécnica Federal de Colorado foi implantada.
- ✓ 2007: Criação da Escola Técnica Federal de Rondônia por meio da Lei 11.534, de 25/10/2007, com unidades em Porto Velho, Ariquemes, Ji-Paraná e Vilhena;
- ✓ 2008: Autorização de funcionamento da Unidade da Escola Técnica Federal em Ji-Paraná, por meio da Portaria 707, de 9/6/2008, e criação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), por meio da Lei 11.892, de 29/12/2008, que integrou em uma única Instituição a Escola Técnica Federal de Rondônia e a Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste;



- ✓ 2009: No dia 02 de março iniciou-se o funcionamento do *Campus Ji-Paraná* com os Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio em Florestas e Informática e os Cursos Técnicos Subsequentes em Móveis, Florestas e Informática. No segundo semestre de 2009, iniciou-se a Especialização *Lato Sensu* em PROEJA no mesmo *Campus*; em 22 de maio, iniciou-se a construção do *Campus Vilhena* e, em 1.º de junho, do *Campus Porto Velho*;
- ✓ 2010: O *Campus Ariquemes* começa suas atividades nas antigas instalações da EMARC/CEPLAC, cujo patrimônio foi transferido para o IFRO; o patrimônio do Centro de Educação Tecnológica e de Negócios de Rondônia (CETENE) foi transferido ao IFRO, para a instalação provisória do *Campus Porto Velho*, onde será estabelecido o *Campus Avançado* da capital; o patrimônio da Escola Agrícola Municipal de Ensino Fundamental Auta Raupp, de Cacoal, foi transferido para o IFRO; os *Campi* Porto Velho, Cacoal, Ariquemes e Vilhena foram inaugurados e passaram a oferecer seus cursos.
- ✓ 2010: Implantação do *Campus Porto Velho* e início de suas atividades. O *Campus* passou a denominar-se Porto Velho Calama em 2011.
- ✓ 2011: Implantação de Polos de Educação à Distância e dos primeiros cursos da modalidade no IFRO;
- ✓ 2012: Implantação do *Campus Porto Velho Zona Norte*, temático, para gestão da EaD;
- ✓ 2013: Início das construções do *Campus Guajará-Mirim* e processo de implantação de mais dois *Campi* avançados;
- ✓ 2013: Instalação de 12 polos EaD;
- ✓ 2014: Expansão de 12 polos EaD, passando para 24 unidades.
- ✓ 2017: Implantação do *Campus Jaru*.
- ✓ 2018: Início do curso de Engenharia Florestal em Ji-Paraná e Engenharia Agrônoma em Ariquemes; Autorização de funcionamento do *Campus Avançado São Miguel do Guaporé*;
- ✓ 2019: Implantação do *Campus São Miguel do Guaporé*.
- ✓ 2019: Início do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas em Ariquemes e do curso de Medicina Veterinária em Jaru.
- ✓ 2020: Manutenção da oferta do Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica; e do Curso de Licenciatura em Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados, ambos na modalidade EaD, da Rede UAB/IFRO.

- ✓ 2021: Início do curso de Medicina Veterinária do *Campus* Colorado do Oeste.
- ✓ 2022: Início dos Cursos de Pedagogia e Sistemas para Internet no *Campus* Porto Velho Zona Norte e Agrocomputação no *Campus* Avançado São Miguel do Guaporé.

O Instituto Federal de Rondônia está fazendo investimentos substanciais na ampliação de seus *Campus* e de sua rede. Atualmente, o IFRO conta com uma Reitoria e dez *Campi* em funcionamento: *Campus* Ariquemes, *Campus* Cacoal, *Campus* Colorado do Oeste, *Campus* Guajará -Mirim, *Campus* Jaru, *Campus* Ji-Paraná, *Campus* Porto Velho Calama, *Campus* Porto Velho Zona Norte, *Campus* Vilhena e *Campus* São Miguel do Guaporé.

Além destes *Campi*, o processo de expansão e interiorização do IFRO se faz também através da criação e implantação de polos de apoio presencial da Educação à distância (EaD), contando com 62 Polos de EaD em Rondônia e 13 Polos de EaD em outros estados e inclusive na Bolívia:

- 10 municípios na Paraíba;
- 1 município em Pernambuco;
- 2 municípios em Minas Gerais;
- 1 polo na Bolívia (Guayaramerín);

O IFRO também conta com 6 Polos EaD em parceria com a UAB-CAPES.

## **1.2. Breve Histórico do *Campus***

As políticas educacionais que conduziram à implantação da Unidade de Ensino de Ji-Paraná são resultantes da gestão participativa com instâncias governamentais das esferas Federal, Estadual e Municipal. Um dos princípios que nortearam a Unidade de Ensino de Ji-Paraná é o reconhecimento da necessidade de ações nessa região que viabilizem o desenvolvimento sustentável.

O Instituto Federal de Rondônia, *Campus* Ji-Paraná, contribui para o desenvolvimento da região através da oferta de cursos e programas de formação inicial e continuada de trabalhadores e educação profissional técnica de nível médio desde 2009.

No ano de 2007, houve uma visita às instalações da Escola Silvio Gonçalves de Farias para avaliar a estrutura física da escola com vistas à implantação da Escola Técnica Federal, a qual foi doada com toda a sua infraestrutura para a implantação da Escola Técnica Federal de Educação Tecnológica em Ji-Paraná/RO. No mesmo ano, houve a realização de uma reunião com a sociedade, bancada federal,

prefeitos municipais, vereadores, secretários municipais e estaduais, empresários e representantes de órgãos federais, estaduais e municipais, para tratar de eixos programáticos da Escola Técnica Federal.

Em 2008, foi realizado o Concurso Público para provimento dos cargos para a Unidade de Ensino de Ji-Paraná por meio de prova escrita. Em seguida, houve a realização do Exame de Seleção dos alunos para os cursos técnicos de Móveis, Florestas e Informática, que eram oferecidos na ocasião, nas modalidades Subsequente e Integrada.

No ano de 2009, houve o início das obras de reforma e ampliação do *Campus* Ji-Paraná e o início do ano letivo. No mesmo ano, por meio de comissão e audiência pública foi definido o Curso de Graduação em Química a ser implantado a partir do ano de 2010.

Em 2011, iniciou os Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação de Jovens e Adultos e Informática na Educação. Em 2016, iniciou o Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. No ano de 2018, para verticalizar o Curso Técnico em Florestas integrado ao Ensino Médio, implantou o Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal.

Dentre os eventos realizados no IFRO/Câmpus Ji-Paraná, destacam-se: Mostra Cultural (2009 a 2011); IFRO Fest (2012-atual); Day Software (2013-atual); Festa Junina (2012, 2013, 2015, 2017 e 2018); Dia Internacional do Meio Ambiente (2009–atual); Todo Mundo Lendo(2013-atual); Mostras da Galeria de Arte (2009 – atual). O *Campus* foi sede para realização do XVI Encontro Regional de Ensino de Astronomia (EREA), do Seminário de Extensão e 1ª Mostra de Extensão do IFRO, todos os eventos realizados em 2011. Na área de ensino, desde 2013, quatro Encontros Pedagógicos ocorrem anualmente, entre gestão do ensino e os servidores para planejamento, ajustes e dimensionamento da atividade do *Campus*. Em 2019 o VII Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFRO foi realizado em Ji-Paraná. Além disso, anualmente é realizada a Semana Acadêmica dos cursos de Graduação do *Campus*.

Atualmente o *Campus* possui 128 profissionais, sendo 78 docentes e 50 técnicos administrativos. O número de alunos atualmente inscritos no *Campus* é 1.055.

De maneira geral, as propostas pedagógicas dos cursos do Instituto Federal de Rondônia tem por objetivos a união do ensino, pesquisa e extensão desde o início do curso, contribuindo para uma aprendizagem associada à realidade da região do *Campus*, situando os alunos às questões sociais vividas pela população regional, bem como unindo a teoria e a prática da profissão nas diversas ações didáticas planejadas pela equipe docente e técnico pedagógica preparando o aluno para a pesquisa científica de caráter interdisciplinar e multidisciplinar, ao mesmo tempo em que procura preparar

profissionais com formação política, filosófica, humana, científica e tecnológica capazes de atuarem nas situações concretas preconizadas pela sociedade globalizada.

No ano 2019, o *Campus* Ji-Paraná a fim de implementar ações de Gestão de Riscos e instituiu Comissão Local, alinhada com o Comitê Técnico de Governança, Gestão de Riscos e Controle Interno, em consonância com a Política de Governança, Gestão de Riscos, Controle Interno no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, aprovada pela Resolução Nº 85/REIT - CONSUP/IFRO, de 17/12/2018.

O IFRO - *Campus* Ji-Paraná possui também Políticas de Acesso, Permanência e Êxito (PAPE-IFRO) apresenta um conjunto de princípios, diretrizes e objetivos norteadores para a efetivação dos programas, projetos e ações visando ao desenvolvimento do discente e sua preparação para atender aos requisitos da sociedade onde vive e atua como agente de transformação social.

### **1.3. Missão, Visão e Valores do IFRO**

#### **1.3.1. Missão**

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, tem como Missão, promover educação científica e tecnológica de excelência no Estado de Rondônia voltada à formação de cidadãos comprometidos com o desenvolvimento e a sustentabilidade da sociedade.

#### **1.3.2. Visão**

Tornar-se padrão de excelência no ensino, pesquisa e extensão na área de Ciência e Tecnologia.

#### **1.3.3. Valores**

Nas suas atividades, o IFRO valorizará o compromisso ético com responsabilidade social, o respeito à diversidade, à transparência, a excelência e à determinação em suas ações, em consonância com os preceitos básicos de cidadania e humanismo, com liberdade de expressão e atos consonantes com os preceitos da ética pessoal e profissional, com os sentimentos de solidariedade, com a cultura da inovação e com os ideais de sustentabilidade social e ambiental.

#### 1.4. Dados Socioeconômicos da Região

O Estado de Rondônia, situado na Região Norte do país, faz divisa ao norte com o Estado do Amazonas, a leste com o Estado do Mato Grosso, ao sul com a República da Bolívia e a oeste com o Estado do Acre e se insere na área de abrangência da Amazônia Legal – porção ocidental. Até 1981 Rondônia se configurava no mapa do Brasil como Território Federal do Guaporé e foi transformado em Estado em janeiro de 1982. O Estado possui dois terços de sua área cobertos pela Floresta Amazônica. Tem uma área de aproximadamente 240 mil km, que corresponde a 2,8% da superfície do Brasil. A capital, Porto Velho, está localizada ao norte do Estado, na margem direita do Rio Madeira. Rondônia apresenta um relevo pouco acidentado, com pequenas depressões e elevações, e o clima predominante é tropical úmido, com chuvas abundantes. A vegetação é uma transição do cerrado para a floresta tropical, com florestas de várzeas, campos inundáveis e campos limpos. O cerrado recobre os pontos mais altos do território – a Chapada dos Parecis e a Serra dos Pacaás, onde há um Parque Nacional.

O Rio Madeira, maior afluente do rio Amazonas, atravessa Rondônia a noroeste. É navegável o ano todo no trecho entre Porto Velho e o rio Amazonas. É utilizado para o escoamento da Zona Franca de Manaus e para o abastecimento da capital amazonense.

O segundo sistema hídrico em importância no Estado é formado pelos rios Ji-Paraná-Machado e seus afluentes e drena boa parte da região oriental, desembocando no rio Madeira no extremo norte do Estado.

A economia rondoniense é baseada no extrativismo vegetal e na agropecuária, o que justifica grande parte de sua imigração. A mineração de cassiterita e o garimpo de ouro, que já foram importantes na economia estadual, estão estabilizados e, atualmente, está prosperando a exploração de pedras ornamentais (granito). Também tem se desenvolvido o turismo autossustentável (ecoturismo).

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – *Campus Ji-Paraná*, possui limite de atuação circunscrito ao Município de Ji-Paraná, Estado de Rondônia.

Quadro 6: Dados Econômicos e Sociais de Rondônia

|  |   |
|--|---|
| População                              | 1.815.278                                   |
| Produto Interno Bruto (PIB)            | R\$ 47,09 bilhões (2019)                    |
| Renda Per Capita                       | R\$ 26.497,12 (2019)                        |
| Principais Atividades Econômicas       | serviços, indústria, turismo e agropecuária |
| Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) | 0,690 - alto                                |
| Coefficiente de Gini                   | 0,47  |

|  |                              |
|--|------------------------------|
| Esperança de vida ao nascer                      | 70,9 anos (2010)             |
| Mortalidade infantil (antes de completar um ano) | 20,8 óbitos % nascidos vivos |

Fonte: IBGE/2019

Conforme se constata pelos dados publicados pelos governos estaduais e federais, o Estado de Rondônia, desde a sua criação, está em franco desenvolvimento. Isso é, sobremaneira, um reflexo do que acontece em seus municípios e, com base no município de Ji-Paraná. A seguir, pode-se ver um quadro que demonstra o crescimento econômico de Ji-Paraná.

Quadro 7: Produto Interno Bruno do Município de Ji-Paraná

|  |                  |
|--|------------------|
| Impostos sobre produtos líquidos de subsídios a preços correntes | R\$ 296.644 mil  |
| PIB a preços correntes   | R\$ 2.043.809mil |
| PIB per capita a preços correntes                                | R\$ 17.306,92    |
| Valor adicionado bruto da agropecuária a preços correntes        | R\$ 119.134mil   |
| Valor adicionado bruto da indústria a preços correntes           | R\$ 397.894mil   |
| Valor adicionado bruto dos serviços a preços correntes           | R\$1.230.137mil  |

Fonte: IBGE/2012

Além de sua vocação para o agronegócio, para a indústria, para o comércio e para o turismo, o Município tem demonstrado ser um fértil celeiro de desenvolvimento tecnológico.

Com o crescimento dos negócios em todas as áreas, a região requer e anseia por profissionais que sejam capazes de modernizar os sistemas de controle da informação nas indústrias, no comércio, na cidade, no campo e em todos os setores envolvidos direta e indiretamente com o desenvolvimento do Estado e do Município, quer sejam públicos, quer sejam privados.

O rebanho bovino de Rondônia, segundo dados do IDARON – Instituto de Defesa Animal de Rondônia (vacinação de novembro de 2005) é de 11,4 milhões de cabeças, ocupando o 8º lugar do ranking brasileiro e o município de Ji-Paraná possui o maior rebanho de Rondônia: são cerca de 2.638.640 cabeças de gado bovino (<http://www.idaron.ro.gov.br/Portal/>). A pecuária com rebanho de corte e leiteiro é responsável pela instalação de frigoríficos e laticínios que oferecem emprego e renda para centenas de pessoas direta e indiretamente, fomentando, ainda, o setor de couro e artefatos com a instalação de curtumes.

A atividade comercial de Ji-Paraná é diversificada, são mais de 9 mil empresas ativas, conforme dados do *site* do IDARON, e atrai consumidores de toda Mesorregião. É comum, pessoas virem de todo o Leste Rondoniense para adquirir produtos ofertados pelo mercado local. A diversidade e os preços são



atrativos para esses consumidores. Os setores que mais se destacam são os supermercados, as autopeças, as concessionárias de veículos, as confecções, os materiais de construção e um forte setor atacadista.

Em 2010, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Ji-Paraná é 0,714 (IBGE, 2010). Segundo a classificação do PNUD, o município está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). Em relação aos outros municípios do Brasil, Ji-Paraná apresenta uma situação boa: ocupa a 1506ª posição, sendo que 1712 municípios (31,1%) estão em situação melhor e 3794 municípios (68,9%) estão em situação pior ou igual. Em relação aos outros municípios do Estado, Cacoal apresenta uma situação boa: ocupa a 4ª posição, sendo que 3 municípios (3,8%) estão em situação melhor e 49 municípios (96,2%) estão em situação pior ou igual.

## DIMENSÃO 1 – ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DO CURSO

### 1.1. DO CONTEXTO EDUCACIONAL

#### 1.1.1. Dados e Pirâmide populacional

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) – *Campus Ji-Paraná*, possui limite de atuação circunscrito ao município de Ji-Paraná, situado na Microrregião de Ji-Paraná, no Estado de Rondônia. A microrregião de Ji-Paraná conta com uma população de mais de 300 mil habitantes, conforme o quadro 8.

Quadro 8– População da microrregião de Ji-Paraná

| NOME DO MUNICÍPIO   | NÚMERO DE HABITANTES |
|---------------------|----------------------|
| Ji-Paraná           | 131.026              |
| Vale do Anari       | 11.545               |
| Theobroma           | 10.348               |
| Ouro Preto do Oeste | 35.445               |
| Vale do Paraíso     | 6.490                |
| Teixeirópolis       | 4.160                |
| Urupá               | 11.081               |
| Presidente Médici   | 18.165               |
| Jaru                | 51.469               |
| Nova União          | 6.822                |
| Mirante da Serra    | 10.691               |
| Alvorada d'Oeste    | 14.106               |
| TOTAL               | 311.348              |

Fonte: IBGE (2021)

Por meio da pirâmide populacional do Município de Ji-Paraná (figura 1), observa-se um processo de diminuição do crescimento da população, provavelmente devido à queda da fecundidade. Entretanto, a população municipal ainda possui uma estrutura jovem, com uma pirâmide populacional de ápice estreito.

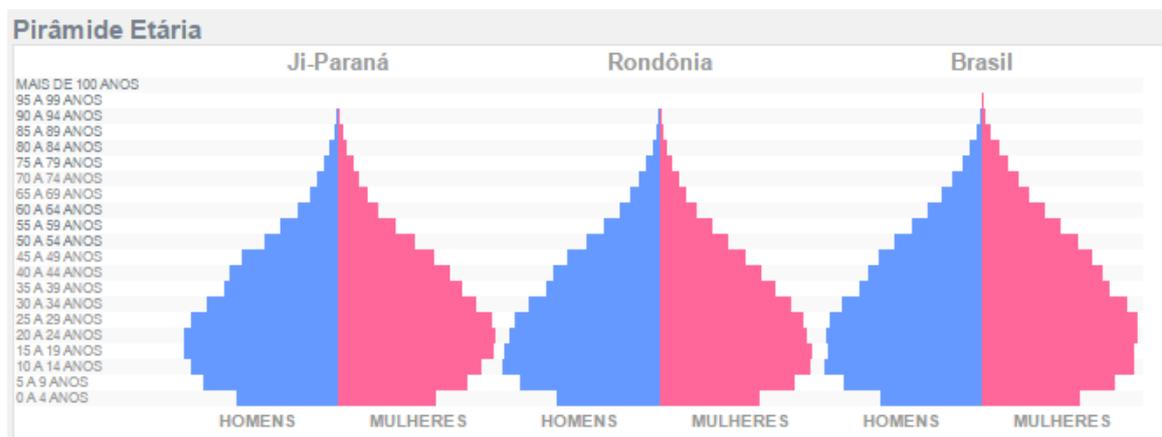


Figura 1: Pirâmide Populacional de Ji-Paraná, Rondônia e Brasil

### 1.1.2. População do Ensino Médio Regional

A universalização progressiva do ensino médio constitui exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A necessária expansão deste nível de ensino foi claramente planejada nas metas do Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado pela Lei nº. 10.172/2001, sendo evidenciada na região de inserção do IFRO.

Em Ji-Paraná, de acordo com os dados (IBGE, 2020), há 67 escolas de Ensino Fundamental e 21 escolas de Ensino Médio, com um registro total de 19.519 matrículas iniciais para o Ensino Fundamental e 4.988 para o Ensino Médio. Vide quadro abaixo:

Quadro 9: Escolas que oferecem o Ensino Médio em Ji-Paraná

| Tipo de Escola (Ensino Médio) | Número de Escolas |
|-------------------------------|-------------------|
| Escolas Públicas Estaduais    | 15                |
| Escolas Públicas Federais     | 01                |
| Escolas Privadas              | 05                |
| <b>TOTAL</b>                  | <b>21</b>         |

Fonte: IBGE (2021)

O *Campus* de Ji-Paraná foi implantado na cidade de Ji-Paraná, que está localizada na porção centro-leste do estado, na microrregião de Ji-Paraná e na mesorregião do Leste Rondoniense. Localiza-se a uma latitude 10°53'07" sul e a uma longitude 61°57'06" oeste, estando a uma altitude de 170 metros. Possui uma área de 6 897 km<sup>2</sup>, representando 2,9 por cento do estado de Rondônia.

Em virtude da sua localização, o *Campus* Ji-Paraná também atende os municípios vizinhos, onde a maioria tem ônibus diários para traslado destes alunos, os dados do Censo Escolar de 2020 revelam que foram registradas 11.529 matrículas iniciais no ensino médio em 2018, o que confirma a existência de demanda potencial por formação superior na localidade (Quadro 10).

Quadro 10: Matrículas no Ensino Médio na Microrregião IV Ji-Paraná

| Municípios da Microrregião IV Ji-Paraná | Nº de matrículas no ensino médio em 2018 |
|---|--|
| Ji-Paraná                               | 4.988                                    |
| Vale do Anari                           | 253                                      |
| Theobroma                               | 381                                      |
| Ouro Preto do Oeste                     | 1.078                                    |
| Vale do Paraíso                         | 233                                      |
| Teixeirópolis                           | 151                                      |
| Urupá                                   | 415                                      |
| Presidente Médici                       | 637                                      |
| Jaru                                    | 1.917                                    |
| Nova União                              | 228                                      |
| Mirante da Serra                        | 484                                      |
| Alvorada d'Oeste                        | 764                                      |
| <b>TOTAL</b>                            | <b>11.529</b>                            |

Fonte: IBGE, 2020

### 1.1.3. Quantidade de Vagas Ofertadas na Educação Superior

A Região Norte do Brasil possui características próprias que a diferenciam das demais regiões do País, principalmente quanto à demanda e implantação do Ensino Superior. Dentre suas principais particularidades estão grandes extensões territoriais pouco povoadas, o isolamento de algumas cidades com polos econômicos em expansão, as quais não estão atendidas pelos sistemas de transporte e, na maioria dos casos, a falta de profissionais para atender à demanda dos setores econômicos, como o setor florestal e de serviços que estão em pleno desenvolvimento.

De acordo com os dados divulgados pelo MEC (Cadastro e-MEC, 2022), atualmente o estado de Rondônia está autorizado a ofertar o Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal presencial em três instituições de ensino, uma particular e duas públicas conforme quadro abaixo (Quadro 11).

Quadro 11: IES que oferecem o Curso Superior de Engenharia Florestal no Estado de RO:

| INSTITUIÇÃO | SIGLA | <i>Campus</i> | MODALIDADE | CH | VAGAS |
|-------------|-------|---------------|------------|----|-------|
|-------------|-------|---------------|------------|----|-------|

|                                   |      |                |            |       |    |
|-----------------------------------|------|----------------|------------|-------|----|
| Instituto Federal de Rondônia     | IFRO | Ji-Paraná      | Presencial | 3.618 | 40 |
| Faculdade de Rondônia             | FARO | Porto Velho    | Presencial | 4.030 | -  |
| Fundação Universidade de Rondônia | UNIR | Rolim de Moura | Presencial | 4.560 | 50 |

Fonte: e-MEC (2022)

O Curso Superior de Engenharia Florestal ofertado pelo IFRO deverá suprir a demanda existente no mercado de trabalho por profissionais da área devidamente qualificados. Além do mais, o aluno pode decidir qual escola oferece os melhores resultados e qual delas tem o melhor quadro docente e os melhores métodos para a sua formação profissional.

#### 1.1.4. Taxa Bruta e Líquida de Matriculados na Educação Superior

Segundo dados do Censo do Ensino Superior (INEP 2016), em Rondônia existem um total de 32 Instituições de Ensino Superior, totalizando 75.688 matrículas em cursos presenciais e à distância.

No município de Ji-Paraná e microrregião, segundo o site e-MEC, existem um total de 14 instituições do ensino superior, e nenhuma delas oferta Engenharia Florestal.

O aumento de áreas de florestas plantadas se tornou mais uma possibilidade de alavancar a economia do agronegócio em Rondônia, depois da alta produtividade de grãos e da pecuária no Estado. Rondônia possui atualmente cerca de 25 mil hectares de florestas plantadas e a expectativa para os próximos anos é aumentar o plantio em mais de 45 mil hectares em todo o Estado.

Considerando, portanto, as grandes possibilidades de desenvolvimento econômico e social e da área de inserção dos *Campi* do IFRO, a oferta de um curso de Engenharia Florestal torna-se um imperativo para esta região, quiçá o estado de Rondônia.

Em virtude do crescimento acelerado do Estado de Rondônia e em decorrência dos indicadores populacionais e educacionais, faz-se necessária a implantação do presente curso para atender a demanda atual e futura por um profissional que seja preparado à luz das teorias contemporâneas sem perder de vista as raízes históricas que as embasaram.

#### 1.1.5. Demanda pelo Curso

No ano de 2015, por iniciativa da PROEN e Direção-Geral, e por necessidade da sociedade Ji-Paranaense, foi formada uma comissão de estudo de demanda do Curso apresentado neste PPC, conforme Portaria n.º 062 de 22 de Abril de 2015, e assim, deu-se início às atividades com a aplicação

de questionários para identificação da demanda a ser atendida na região.

A pesquisa revelou que mais de 60% dos entrevistados tinham pretensão de cursar Engenharia Florestal, se ofertado, por ser uma necessidade da região, que neste âmbito, encontra-se precariamente assistida em virtude da falta de profissionais.

Diante desta perspectiva, o curso de Engenharia Florestal, abrigado na área das Ciências Agrárias, subárea Recursos Florestais e Engenharia Florestal, a ser implantado pelo Instituto Federal de Rondônia, propõe, por intermédio deste projeto, um diálogo entre o homem e a natureza, a fim de promover o desenvolvimento humano sustentável, primando sempre pela ética e pelo bem comum.

O currículo aqui adotado possui características multidisciplinares, permitindo que os profissionais egressos possam atuar, dentre outros campos, na elaboração de projetos de manejo florestal, consultoria na área de ecossistema e florestal, produção de mudas, produção e comércio racional e sustentável de madeira, além de planejamento, gerenciamento e monitoramento de florestas.

É importante destacar a ênfase dada pelo curso à prática profissional que, através do uso de laboratórios e à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais, deve capacitar os egressos ao uso eficiente e eficaz do conhecimento tecnológico e científico, que permitirão ao profissional “a atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade”<sup>1</sup>.

Assim, justifica-se a implantação do curso de Engenharia Florestal no IFRO *Campus* Ji-Paraná, devido à necessidade do mercado de trabalho na região central do estado de Rondônia, sobretudo por estar presente na região amazônica, cuja sociedade necessita de tal profissional, conforme apontou o estudo de demanda realizada no início do ano de 2015.

#### **1.1.6. Justificativa do Curso**

O Curso de Engenharia Florestal é de fundamental importância, pois a região carece de um curso que atenda às necessidades dos indivíduos, grupos sociais e a comunidade de um modo geral, trazendo discussões e propondo soluções para o uso racional dos recursos naturais, conservando o equilíbrio do ambiente.

O Governo de Rondônia tem apoiado fortemente vários projetos de incentivo à produção de

---

<sup>1</sup>MEC. Resolução CNE/CES 3, de 02 de fevereiro de 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces03\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces03_06.pdf). com acesso em 29 de agosto de 2017.



florestas plantadas, da forma que o plantio de florestas tem atraído o interesse de pequenos, médios e grandes produtores de Rondônia. As espécies Pinus e Eucalipto, ambas espécies exóticas, são mais cultivadas no Estado, principalmente no sul, devido à fácil adaptação aos solos. As outras culturas como o Paricá (espécie nativa), Teca e Mogno Africano (espécies exóticas), possuem uma área plantada mais tímida, mas com forte potencial para aumento do plantio.

Por meio do uso de ferramentas tecnológicas, bem como pelo conhecimento dos princípios socioeconômicos, culturais e gerenciais da região, o profissional formado pelo curso de Engenharia Florestal do IFRO terá condições de atuar no planejamento, orientação e execução de técnicas visando à melhoria das atividades ligadas ao setor florestal, na cadeia produtiva dos produtos madeiráveis e não - madeiráveis e na conservação e restauração dos ecossistemas florestais, com ênfase no desenvolvimento sustentável da região.

#### **1.1.7. Formas de Acesso ao Curso**

Para ingressar no curso de Graduação em Engenharia Florestal, o aluno deverá ter concluído o Ensino Médio. O ingresso de alunos no curso de Engenharia Florestal pode se dar por meio de processos de seleção geridos pelo Ministério da Educação, após aprovação dos candidatos em processo seletivo público, regulado por edital específico para cada ingresso, devidamente autorizado pelo reitor, conforme o Regimento Geral do IFRO, por apresentação de transferência expedida por outra Instituição congênere, matrículas especiais e outras formas que vierem a ser criadas por conveniência de programas ou projetos adotados pelo IFRO.

De acordo com a Resolução nº 87/CONSUP/IFRO de 30 de Dezembro de 2016 - Regulamento da Organização Acadêmica (ROA) dos Cursos de Graduação:

- Não será realizado ingresso de aluno em datas diferentes daquelas definidas para matrícula no calendário acadêmico, exceto quando por força de legislações pertinentes.
- O quantitativo de vagas a serem ofertadas para cada ano ou semestre será indicado ao reitor pela Direção-Geral do *Campus* onde as vagas estarão dispostas, após deliberação pelo Conselho Escolar e em observância ao Plano de Desenvolvimento Institucional e aos prazos estabelecidos.
- Quando existirem vagas remanescentes, poderá ser realizado um processo seletivo especial, instituído pelo *Campus*, sob indicação da Direção-Geral.



Haverá também o ingresso por meio de apresentação de transferência expedida por outra instituição, nos termos do artigo 49 da Lei nº 9394/1996, e será realizado se houver compatibilidade igual ou superior a 75% entre o projeto do curso na instituição de origem e o do curso no *Campus* de ingresso, seguindo as especificações do ROA.

Já o ingresso por apresentação de transferência expedida por outra instituição de ensino público ou outro *Campus* do IFRO ficará condicionado ao cumprimento, pelo aluno interessado, de disciplina, carga horária e conteúdo não contemplados no curso em sua instituição de origem e oferecidos pelo novo *Campus* como implementação ou complementação, para se cumprir a equivalência de estudos por disciplina e por matriz curricular de acordo com a resolução nº 87/CONSUP/IFRO, de 30 de dezembro de 2016.

## **1.2. Políticas Institucionais Constantes do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) no Âmbito do Curso**

Como forma de democratização do acesso ao ensino público, gratuito e de excelência, o IFRO adota política de implementação das ações afirmativas aplicadas pela instituição, tanto através da Lei nº 12.711/2012, como pela reserva de vagas às pessoas com deficiência; adesão aos sistemas nacionais de seleção de estudantes de interiorização por meio da abertura de *Campus* e de novos polos de educação a distância.

Para a ampliação das possibilidades de permanência e êxito no processo educativo, o desenvolvimento dos programas de assistência estudantil visa ao atendimento a demandas universais de ensino, pesquisa e extensão e demandas oriundas da vulnerabilidade socioeconômica vivida pelos estudantes. Como parte dessa política está a implementação de um sistema para o levantamento do perfil do estudante com a celeridade necessária para a concessão de auxílios no início do período letivo.

Estratégias típicas de educação a distância são incorporadas nos cursos oferecidos na modalidade presencial, nos limites previstos na legislação vigente, ampliando as possibilidades de flexibilização curricular. A gestão democrática e a capacitação são ferramentas indispensáveis e viabilizadas através de encontros dos diferentes setores sob responsabilidade da gestão do ensino para a discussão, análise de possibilidades, tomada de decisão e formação em nível institucional e na Rede Federal. Neste sentido, eventos anuais são organizados envolvendo gestores do desenvolvimento do ensino, do registro acadêmico, da biblioteca e da assistência estudantil com vistas à implantação dos serviços oferecidos e dos resultados do processo ensino-aprendizagem.



A decisão sobre as ofertas de cursos técnicos de nível médio e de graduação são embasadas em estudos que envolvem o conhecimento da realidade social e econômica local e possibilidades atuais e futuras do mercado de trabalho.

Diante da transformação da economia e do mercado de trabalho em diferentes regiões do Estado, o IFRO esquematiza a reavaliação de suas ofertas nos locais em que as demandas são menores que a oferta. Nos casos em que a avaliação se encaminhar para uma recondução da oferta, novos estudos deverão ser realizados considerando além dos arranjos produtivos locais e as possibilidades do mercado de trabalho, o quadro de servidores existente e o proposto para a unidade, e as possibilidades de organização curricular com gestão otimizada do tempo e de flexibilização curricular.

A avaliação é parte constituinte e indispensável no processo de ensino-aprendizagem, não somente no aspecto de desempenho acadêmico, mas também de condições de infraestrutura e de pessoal, de nível de qualificação dos profissionais da educação e de atendimento às demandas socioeconômicas. O acompanhamento dos indicadores acadêmicos é parte constituinte desse processo de avaliação e reavaliação das ofertas da Instituição.

### **1.2.1. A Interrelação entre o Ensino a Pesquisa e a Extensão**

A concepção de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) orienta os processos de formação com base nas premissas da integração e da articulação entre ciência, tecnologia, cultura e conhecimentos específicos. Visa ao desenvolvimento da capacidade de investigação científica como dimensão essencial à manutenção da autonomia e dos saberes necessários ao permanente exercício da laboralidade, que se traduzem nas ações de ensino, pesquisa e extensão. Tendo em vista que é essencial à Educação Profissional e Tecnológica contribuir para o progresso socioeconômico, as atuais políticas da educação dialogam efetivamente com as políticas sociais e econômicas, em especial aquelas com enfoques locais e regionais.

Assim, o fazer pedagógico deve integrar ciência e tecnologia, bem como teoria e prática; deve conceber a pesquisa como princípio educativo e científico, e as ações de extensão, como um instrumento de diálogo permanente com a sociedade. Para isso, é essencial o incentivo à iniciação científica, ao desenvolvimento de atividades comunitárias e de prestação de serviços, numa perspectiva de participação ativa dentro de um mundo de complexa e constante integração de setores, pessoas e processos. São exemplos de atividades que promovem a inter-relação do ensino com a pesquisa, e a



extensão: “Dias de Campo”, minicursos e projetos de ensino, de iniciação científica e de extensão e também a criação do Núcleo de Incubadora de Empresas.

### **1.2.2. Políticas de Articulação com os Setores Públicos e Privados**

No Plano de Desenvolvimento Institucional do IFRO estão previstas ações para articulação com os setores públicos e privados. Apesar do apoio institucional, ainda é reduzido o número de projetos que o IFRO desenvolve em parceria com instituições ou empresas, sendo, portanto, reduzida captação de recursos externos pela instituição. Entretanto, por meio de políticas institucionais de pesquisa e extensão, a execução de projetos tem sido incrementada, o que contribuirá para a atração de parceiros, públicos e privados, para a execução, em parceria, de projetos científicos e tecnológicos necessários ao desenvolvimento local e regional e que contribuirão para a captação de recursos externos ao orçamento da instituição.

O IFRO também tem incentivado o fomento à participação de Servidores e Alunos em eventos científicos e tecnológicos com o objetivo de divulgar e publicar resultados de trabalhos desenvolvidos na Instituição. Porém, com o objetivo de melhorar a produção intelectual qualificada dos Servidores e de aumentar as possibilidades de captação de recursos externos, esse fomento deverá ser estendido à publicação em periódicos técnicos e científicos.

Portanto, é objetivo do Instituto ampliar a participação dos seus Servidores e Alunos em atividades científicas, tecnológicas e artístico-culturais, de modo a melhorar e consolidar a posição do IFRO junto à comunidade acadêmica e científica, nos âmbitos regional e nacional. A articulação entre o IFRO e os demandantes externos de suas atividades de pesquisa e inovação é realizada pelo Núcleo de Inovação Tecnológica do Instituto (NIT/IFRO). Esse Núcleo tem desenvolvido ações para disseminar, junto à comunidade interna, a cultura da inovação e da propriedade intelectual, de modo a orientar e incentivar a participação dos pesquisadores da instituição na execução de projetos de pesquisa aplicada em parceria com empresas e outras instituições de ciência e tecnologia.

No tocante à internacionalização da pesquisa, o IFRO já aderiu a acordos de cooperação técnico-científicos realizados entre a SETEC e instituições estrangeiras. Ainda sobre essa temática, está sendo criado o Núcleo de Internacionalização Institucional, que coordenará o programa de mobilidade internacional do IFRO e os promovidos pela Capes e CNPq e que oportunizarão aos servidores e alunos a realização de pesquisas e de formação em instituições internacionais parceiras. Uma das ações iniciais



desse Núcleo será a execução do Programa Piloto de Internacionalização da Pesquisa Aplicada e Extensão Tecnológica do IFRO (PIPEX).

Essas ações e iniciativas demonstram que o processo de internacionalização do IFRO já foi iniciado. Quanto à qualificação de Servidores para execução de pesquisas qualificadas e atuação em programas de Pós-Graduação *Stricto sensu*, o IFRO implementou parcerias com instituições de ensino para a oferta de Doutorados e Mestrados Interinstitucionais (DINTER e MINTER) aos seus Servidores. Além da qualificação, essas ações têm contribuído para a elevação da produção técnico-científica dos Servidores, criando um ambiente de produção científica e tecnológica no Instituto para a implantação de programas próprios de mestrado e doutorado, bem como aproximando o IFRO de outras instituições com reconhecida competência no desenvolvimento de atividades de ensino e pesquisa.

Em adição, e com o objetivo de ampliar a divulgação das atividades desenvolvidas por seus servidores e alunos, e como forma de contribuir para a consolidação do diálogo e da interação entre a instituição e o mundo da produção, dos serviços e Sociedade em geral, o IFRO tem buscado fortalecer seus periódicos técnico-científicos e fomentar a publicação de livros autorais por seus servidores e alunos.

Por fim, as atividades de pesquisa e inovação no Instituto, bem como a transferência tecnológica para a Sociedade demandante, estão sendo continuamente fortalecidas, com o objetivo de consolidar o IFRO como instituição de excelência no desenvolvimento de atividades técnico-científicas necessárias para atender as demandas dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais e regionais e de contribuir para a elevação da competitividade tecnológica do país.

### **1.2.3. Políticas de Ensino**

No Plano de Desenvolvimento Institucional do IFRO estão previstas ações e metas que pretendem proporcionar aos egressos de todos os cursos uma educação pautada pelos moldes estabelecidos pelas Diretrizes Curriculares e pelas exigências socioculturais. Por assim o ser, o IFRO desenvolveu um conjunto de diretrizes básicas para o desenvolvimento de suas atividades administrativas e acadêmicas ao longo dos próximos anos e que podem ser reafirmadas ou reformuladas conforme as mudanças do cenário educacional, regional e local.

O desenvolvimento da educação superior necessita de políticas que propiciem a ampliação dos cursos de graduação e ofertas de novas modalidades para o ensino, tendo em vista a grande demanda



da sociedade local, regional e nacional. Portanto, faz-se necessário o aperfeiçoamento dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação e a implementação de procedimentos metodológicos compatíveis com os processos de transformação social e adoção de novas tecnologias. Tais inovações tornam-se exequíveis mediante estudos técnicos e científicos nas áreas de conhecimento contempladas pelo IFRO.

O sistema de informação acadêmico-administrativa está sendo aperfeiçoado, já que constitui mecanismo estratégico para racionalizar os procedimentos burocráticos desenvolvidos e garantir maior agilidade no processo de comunicação.

A interação com a comunidade interna e externa deve ser efetivada por meio de ações consistentes que promovam o envolvimento e o comprometimento da comunidade interna (docentes, discentes, servidores técnico-administrativos e sociedade) por meio de atividades de extensão. O ensino e a extensão devem caminhar de forma indissociável, conforme está preconizado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9394/96).

#### **1.2.4. Políticas de Pesquisa**

O IFRO fomenta e implementa atividades de pesquisa em todos os seus *Campus* e requer que sejam desenvolvidos, de modo sistemático, além dos programas de iniciação científica, pesquisa de alto nível que atenda às necessidades locais de cada unidade.

Com o intuito de efetivação de seus programas de pesquisa, o IFRO adota as seguintes ações:

- a) incentivo aos discentes e aos docentes interessados em práticas investigativas;
- b) concessão de bolsas de iniciação científica aos discentes desde que preenchidos todos os requisitos legais;
- c) alocação de carga-horária para os professores orientarem os alunos incluídos no Programas de Iniciação Científica;
- d) promoção de seminários e encontros institucionais com pesquisadores de renome nacional para incentivar a importância da investigação científica;
- e) estímulo à publicação científica;
- f) desenvolvimento de metodologias e processos inovadores para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.



O IFRO, com vistas ao estabelecimento de bases sólidas para o desenvolvimento de pesquisa científica relevante, compatível com as áreas de conhecimento que promove, apresenta em seu PDI as seguintes diretrizes gerais:

- a) estabelecer mecanismos de articulação entre ensino, pesquisa e extensão: o espírito científico deve permear as práticas pedagógicas exercidas nos cursos de graduação e pós-graduação, de modo a tornar evidente para os alunos, a importância do saber fazer ciência durante a formação profissional;
- b) promover a interação com a comunidade: os grupos de estudos já existentes e os que serão implementados no IFRO contemplarão as potencialidades acadêmicas existentes, devidamente articuladas com as demandas locais e regionais;
- c) consolidação das atividades científicas na medida em que sejam disponibilizados os recursos financeiros necessários;
- d) criar novos e adequar os periódicos institucionais já existentes ao processo Qualis. A socialização do conhecimento por meio de periódicos produzidos nos últimos anos pela Instituição exige um procedimento avaliativo, em nível nacional, além de ser um estímulo de divulgação dos resultados investigativos realizados por docentes e discentes vinculados (ou não) ao IFRO.

O Programa Institucional de Pesquisa do IFRO, regulamentado pela Resolução nº 26/CONSUP/IFRO de 22 de julho de 2015, tem como principais objetivos:

- a) Contribuir para a formação científica de servidores e discentes do IFRO de forma verticalizada;
- b) Estimular a participação dos discentes do IFRO nas atividades de pesquisa, visando a formação de recursos humanos para a atividade científica;
- c) Incentivar pesquisadores a orientarem atividades de pesquisa e a engajarem estudantes em projetos de pesquisa e/ou atividades vinculadas à sua linha de pesquisa, visando o desenvolvimento da iniciação científica no processo acadêmico;
- d) Proporcionar ao aluno, orientado por pesquisador, a aprendizagem de técnicas e métodos científicos, por meio do envolvimento direto com as atividades da pesquisa aplicada e de inovação tecnológica;
- e) Promover o desenvolvimento de metodologias e processos inovadores;
- f) Contribuir para o desenvolvimento de perfil inovador e empreendedor dos acadêmicos, preparando-os para futuras atividades profissionais;



- g) Estimular o incremento da produção científica e inovação tecnológica pela divulgação dos resultados obtidos na pesquisa.
- h) Propiciar o desenvolvimento de ações que apontem para a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Atualmente no *Campus* Ji-Paraná estão atuantes sete grupos de pesquisa, sendo eles: Grupo de Pesquisa em Ciências Florestais (CiFlor), Manejo, Processamento e beneficiamento de propágulo e plantas de essências florestais da Amazônia, Grupo de Estudos em Temáticas Étnicas na Amazônia (GETEA), Grupo de estudos em leitura, linguagens e identidade cultural (GELLIC), Grupo de Pesquisa em Processo e Desenvolvimento de Software (GPPDS), Química Aplicada a Recursos Naturais e Grupo de Pesquisa em Diversidade, Acessibilidade e Educação Inclusiva (GPDIN).

#### **1.2.5. Políticas de Extensão**

O IFRO tem uma política de extensão que inclui cursos, programas e outras atividades com a participação de docentes, discentes e técnicos administrativos, desenvolvendo estratégias que possibilitam maior inserção institucional com a sociedade local e regional.

Para tanto, as atividades extensionistas estão pautadas em diretrizes que permitem à instituição atender, com eficácia, as necessidades de caráter educacional, cultural e social traçadas em seu Plano de Desenvolvimento Institucional.

Os programas e projetos de extensão, desenvolvidos no âmbito das unidades de ensino, do IFRO, representam um importante veículo de troca e interação entre a Instituição e a comunidade em que ela está inserida e atua como agente de transformação social.

As atividades de extensão evidenciam para a sociedade o potencial acadêmico do IFRO no atendimento de necessidades educacionais, sociais e culturais da comunidade local e regional.

No *Campus* são realizadas diversas atividades extensionistas por servidores, que envolvem a comunidade acadêmica e a comunidade externa, como: cursos, minicursos, palestras, dias de campo, projetos de extensão envolvendo a comunidade local e regional, Feira do Empreendedorismo, Feira de Estágio e Negócios, além do envolvimento da instituição com a comunidade local por meio da participação na Feira Internacional Rondônia Rural Show e dos projetos de Curricularização da Extensão.



### 1.2.6. Ações para o Desenvolvimento do Ensino, da Pesquisa e da Extensão

Com o objetivo de implementar o ensino, a pesquisa e a extensão, o IFRO promove eventos que tratam de temas relacionados a esses pilares institucionais para o aprimoramento ainda maior da atuação do Instituto.

- a) Encontro das Equipes Dirigentes de Ensino: Evento realizado no segundo semestre letivo com o objetivo de discutir as temáticas relevantes ao processo de ensino e aprendizagem que perpassam pelo acesso, permanência e êxito, as regulamentações, a (re) organização dos cursos técnicos para atender a demanda social, entre outras, além de promover a aproximação da Reitoria e os *Campi* entre si e desenvolver atividades de integração. Participam do evento, além da equipe da Pró-Reitoria de Ensino: os Diretores de Ensino, os chefes de Departamento/Coordenadores de Apoio ao Ensino, os chefes de Departamento/Coordenadores de Assistência ao Educando, os Coordenadores de Registros Acadêmicos. Nas próximas versões também serão envolvidos neste evento as Coordenações de Biblioteca, Pedagogos e Técnicos em Assuntos Educacionais;
- b) Encontro do Ensino, Pesquisa e Extensão - ENPEX – Evento realizado no primeiro semestre letivo com o propósito de discutir e encaminhar situações estruturantes do ensino, pesquisa e extensão no IFRO, com base nos princípios pedagógicos e organizacionais do IFRO. Participam do evento as equipes das Pró-Reitorias de Ensino, Extensão e Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação e os representantes maiores dos respectivos setores nos *Campi* do IFRO;
- c) Encontro das Equipes Multiprofissionais da Assistência Estudantil – Evento realizado no primeiro semestre letivo com o objetivo de discutir as políticas e programas bem como a implementação da assistência estudantil no âmbito do IFRO como meio de ampliar as possibilidades de permanência e êxito no processo educativo, inserção no mercado de trabalho e exercício pleno da cidadania. Participam do evento, além da Diretoria de Assuntos Estudantis e Coordenação de Assistência Estudantil da Reitoria: Pedagogo (a) Orientador (a) Educacional, Psicólogo (a), Assistente Social e Chefe de Departamento/Coordenador(a) de Assistência ao Educando dos *Campus*;
- d) Encontro das Equipes de Biblioteca – Evento de caráter político e formativo que visa preparar os coordenadores de biblioteca e seus auxiliares para garantir o pleno funcionamento, com



atendimento às regras específicas para o setor e utilização de sistema automatizado de gestão, e atendimento à comunidade acadêmica e geral;

- e) Congresso de Pesquisa e Extensão do IFRO;
- f) Eventos nos *Campi*: Os *Campi* estabelecem em seus Calendários Acadêmicos eventos como seminários, feiras, exposições, entre outros, para a discussão de temas relevantes e ações de ensino, pesquisa e extensão envolvendo toda a comunidade acadêmica e geral. No *Campus Ji-Paraná* destacam-se as seguintes atividades: Reuniões pedagógicas envolvendo todo o corpo docente e as coordenações a fim de discutir sobre as práticas realizadas e a melhoria do processo educativo, promoção da Semana Nacional do Meio Ambiente e Semana do Curso, realização da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, IFRO Profissões, *Day Software*, Feira de Empreendedorismo e o SEPEX.

### **1.3. Dos Objetivos do Curso**

#### **1.3.1. Objetivo Geral do Curso**

O curso de Bacharelado em Engenharia Florestal do Instituto Federal de Educação de Rondônia – *Campus Ji-Paraná* visa formar profissionais capacitados para planejar e gerenciar os recursos florestais de forma racional e sustentável, garantindo assim, a existência contínua das florestas, da biodiversidade e do setor produtivo. O profissional terá sólida formação nas principais áreas da engenharia florestal tais como Silvicultura, Ecologia Florestal, Manejo Florestal e Tecnologia de Produtos Florestais, conciliando o uso múltiplo, econômico e conservatório da floresta na geração de benefícios para a melhoria da qualidade de vida das populações.

#### **1.3.2. Objetivos Específicos do Curso**

- a) Ter juízo crítico autônomo na sua área de conhecimento e atuação, sabendo utilizar o método científico para a análise e condução dos processos de tomadas de decisão dentro dos princípios básicos de sustentabilidade.
- b) Ser capaz de intervir sobre os ecossistemas florestais através de métodos de manejo adequados para cada situação ecológica, econômica e cultural.



- c) Ter visão crítica dos processos sociais, sabendo interagir com pessoas de diferentes grupos sociais e antropológicos.
- d) Pesquisar, desenvolver e difundir tecnologias alternativas apropriadas para a implantação, manejo e exploração dos recursos florestais.
- e) Elaborar e executar projetos voltados para a solução de problemas concretos no âmbito de atuação da Engenharia Florestal.

## **1.4. Perfil Profissional do Egresso: Competências e Habilidades**

### **1.4.1. Perfil do Egresso**

O profissional formado no Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal do IFRO – *Campus* Ji-Paraná deverá ser competente para atuar no uso e conservação dos recursos florestais, sempre observando os princípios do desenvolvimento econômico, com responsabilidade socioambiental.

De acordo com a Resolução n° 03/CNE/MEC de 02 de fevereiro de 2006, espera-se como perfil do profissional do curso de Engenharia Florestal:

- a) Sólida formação científica e profissional geral que possibilite absorver e desenvolver tecnologia;
- b) Capacidade crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade;
- c) Compreensão e tradução das necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação aos problemas tecnológicos, socioeconômicos, gerenciais e organizativos, bem como utilização racional dos recursos disponíveis, além da conservação do equilíbrio do ambiente; e
- d) Capacidade de adaptação, de modo flexível, crítico e criativo, às novas situações.

Ao concluir o curso, o egresso terá desenvolvido, ainda, concepções no âmbito humano e social, que lhe permitirá adotar visões e posturas éticas, cordiais e respeitadas no relacionamento com os demais, ter autoconsciência de seu papel profissional e cidadão e de suas responsabilidades sociais e ambientais junto às comunidades nas quais estão inseridos.



#### 1.4.2. Competências e Habilidades Gerais do Egresso

O curso de Bacharelado em Engenharia Florestal deve possibilitar a formação profissional que contemple as seguintes competências e habilidades, de acordo com a Resolução nº 03/CNE/MEC de 02 de fevereiro de 2006:

- a) Estudar a viabilidade técnica e econômica, planejar, projetar, especificar, supervisionar, coordenar e orientar tecnicamente;
- b) Realizar assistência, assessoria e consultoria;
- c) Dirigir empresas, executar e fiscalizar serviços técnicos corre~~La~~tos;
- d) Realizar vistoria, perícia, avaliação, arbitramento, laudo e pareceres técnicos;
- e) Desempenhar cargo e função técnica;
- f) Promover a padronização, mensuração e controle de qualidade;
- g) Atuar em atividades docentes no ensino técnico profissional, ensino superior, pesquisa, análise, experimentação, ensaios e divulgação técnica e extensão;
- h) Conhecer e compreender os fatores de produção e combiná-los com eficiência técnica e econômica;
- i) Aplicar conhecimentos científicos e tecnológicos;
- j) Conceber, projetar e analisar sistemas, produtos e processos;
- k) Identificar problemas e propor soluções;
- l) Desenvolver, e utilizar novas tecnologias;
- m) Gerenciar, operar e manter sistemas e processos;
- n) Comunicar-se eficientemente nas formas escrita, oral e gráfica;
- o) Atuar em equipes multidisciplinares;
- p) Avaliar o impacto das atividades profissionais nos contextos social, ambiental e econômico;
- q) Conhecer e atuar em mercados do complexo agroindustrial e de agronegócio;
- r) Compreender e atuar na organização e gerenciamento empresarial e comunitário;
- s) Atuar com espírito empreendedor;
- t) Conhecer, interagir e influenciar nos processos decisórios de agentes e instituições, na gestão de políticas setoriais.



### 1.4.3. Habilidades Específicas

As competências e habilidades dos educandos serão garantidas por meio da disposição dos conteúdos em termos de carga horária e de planos de estudo, em atividades práticas e teóricas, individuais ou em equipe por meio de: conferências e palestras; experimentação em condições de campo ou laboratório; utilização de softwares e sistemas computacionais; consultas a bibliotecas; pesquisas temáticas e bibliográficas; visitas técnicas e ações em eventos como Dias de Campo; desenvolvimento e aplicação de projetos de pesquisa e extensão, com divulgação técnica de resultados; estágios profissionalizantes; congressos, seminários, simpósios, encontros, exposições/feiras, concursos, fóruns de discussões, entre outros eventos que favoreçam a interação entre os acadêmicos e a atuação profissional de um Engenheiro Florestal.

Em sua atuação, o engenheiro florestal estará habilitado, de acordo com a Resolução N° 218, de 29 de junho de 1973 e Resolução N° 1.073 de 19 de abril de 2016, do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia, que especifica as atividades no campo da Engenharia Florestal, considerando o planejamento e gerenciamento dos recursos florestais.

### 1.4.4. Mercado de Trabalho

O Curso tem como alvo prioritário a população da Microrregião de Ji-Paraná (Ji-Paraná, Vale do Anari, Theobroma, Ouro Preto do Oeste, Vale do Paraíso, Teixeiraópolis, Urupá, Presidente Médici, Jaru, Nova União, Mirante da Serra e Alvorada d'Oeste), assim como outros estados circunvizinhos. A oferta no *Campus* Ji-Paraná é fundamental principalmente para o atendimento à população que possui carência econômica e também para promoção da verticalização do Ensino, visto que o *Campus* oferece o Curso Técnico em Florestas Integrado ao Ensino Médio.

Além desse fato, deve-se levar em conta que o Estado de Rondônia vem incentivando o sistema produtivo florestal, com fomento ao estabelecimento de florestas plantadas para atender demandas como produção de madeira, fonte de biomassa para geração de energia, produção de goma-resina, e a recuperação de áreas degradadas no Estado.

Diante disso, o número de formandos, no entanto, não é suficiente, sendo bem inferior às necessidades, como mostra a própria procura por profissionais dessa área, tanto em instituições públicas quanto privadas, o que repercute em rapidez na absorção do formado no mercado de trabalho segundo pesquisa aplicada para estudo de viabilidade do curso feita em 2015.



A Coordenação de Curso priorizará a implantação de no mínimo uma semana de eventos por ano na área do curso, para que se difundam as pesquisas realizadas no Instituto e se possibilite a integração da comunidade escolar, inclusive por meio de parcerias realizadas com instituições federais, estaduais e municipais.

### **1.5. Estrutura Curricular**

O Curso de Engenharia Florestal a ser ofertado tem seu currículo estruturado no regime semestral, sendo constituído por 10 semestres e organizado com disciplinas obrigatórias, optativas, atividades complementares, estágio supervisionado e trabalho final de conclusão de curso (TCC).

De acordo com a Resolução CNE/CES nº 03 de 02 de fevereiro de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Bacharelado em Engenharia Florestal e dá outras providências, os conteúdos do curso devem ser distribuídos ao longo de três núcleos: núcleo de conteúdos básicos, núcleo de conteúdos profissionais essenciais e núcleo de conteúdos profissionais específicos.

O núcleo de conteúdos básicos será composto por campos de saber que forneçam o embasamento teórico necessário e preparem o futuro profissional para o contato com os conceitos mais profundos e de preparação profissional.

O núcleo de conteúdos profissionais essenciais será composto por campos de saber destinados à caracterização da identidade do profissional. O agrupamento desses campos gera grandes áreas que definem o campo profissional, integrando as subáreas de conhecimento que identificam o Engenheiro Florestal. Neste núcleo de conteúdos essenciais, as disciplinas e os conteúdos darão o tom acadêmico do curso, cuja meta principal, é a formação de profissionais com sólida base nas ciências florestais, exatas, humanas, econômicas e administrativas, com forte consciência ética, e a preparação do futuro egresso para um mercado de trabalho que urge por profissionais capacitados no uso racional dos recursos florestais.

O núcleo de conteúdos profissionais específicos visa a contribuir para o aperfeiçoamento da qualificação profissional do formando, permitindo atender às peculiaridades locais e regionais. Neste núcleo estão inseridos as disciplinas de formação humanística, como Ética Profissional, Direitos Humanos e Relações Étnico-raciais; as disciplinas optativas, como Sistemas Agroflorestais, Projetos, Auditoria e Perícias rurais e florestais, Manejo de fauna silvestre, Piscicultura, Inglês Técnico, Libras, entre outras; os Trabalhos de Conclusão de Curso I e II, em que o discente terá o suporte necessário



que o tornará hábil para a confecção de produtos que tornarão a vida do homem mais confortável e as instituições públicas e privadas mais dinâmicas e tecnologicamente mais acessíveis, física e virtualmente. Os fundamentos das disciplinas que compreendem esse núcleo devem dialogar de forma transversal, multidisciplinar, transdisciplinar e interdisciplinar com os conhecimentos preconizados nas disciplinas das dimensões de formação básica e essencial.

Além disso, a flexibilidade do curso está preconizada neste projeto na disciplina denominada de Tópicos Especiais em Engenharia Florestal, nas quais o Núcleo Docente Estruturante, depois de se certificar da necessidade de uma demanda do conhecimento, fará a sugestão de conteúdos e referências que poderá ser acatada e anuída pelo Colegiado do Curso. Essa disciplina se faz necessária nesse momento em função das constantes mudanças que acontecem no mundo do trabalho e que acarretam a necessidade do aperfeiçoamento e atualização dos profissionais a serem formados. O tópico especial será proposto pelo colegiado um semestre antes da sua realização.

Diante disso, as disciplinas concebem-se como um todo que deve estar em constante produção e estruturação de competências, conhecimentos e habilidades, capazes de fornecer ao educando capacidade de desenvolvimento intelectual e evolução gradativa da compreensão da ciência florestal. A interdisciplinaridade dar-se-á por intermédio de projetos que podem ser desenvolvidos em todos os semestres englobando todas ou parte das disciplinas segundo a demanda dos temas e o interesse da equipe de professores.

Os semestres não são terminais, ou seja, não conferem ao discente certificação intermediária. A integralização do currículo deve ocorrer no mínimo em dez semestres (5 anos) e no máximo em 20 semestres (10 anos). Caso o discente exceda o prazo determinado, sem justificativa válida, prevista no Regulamento da Organização Acadêmica dos Cursos de Graduação, do IFRO, deverá submeter-se a novo processo seletivo. As aulas serão distribuídas em 200 dias letivos anuais, de acordo com o Calendário Acadêmico. As disciplinas estão distribuídas na Matriz Curricular e as atividades complementares poderão ser realizadas ao longo do curso.

A organização curricular foi estruturada com disciplinas articuladas, respeitando uma sequência lógico-formativa. As disciplinas representam importantes instrumentos de flexibilização, em conformidade com as distintas realidades regionais, e permitem permanente equivalência dos processos formativos. As disciplinas estão dispostas de maneira a permitir o avanço contínuo e sistemático dos conhecimentos científicos e tecnológicos, apresentando, em alguns casos, pré-requisitos obrigatórios.



O estudante que não for aprovado nas disciplinas definidas como pré-requisito não poderá avançar no eixo das interdependências para se matricular em outra disciplina que exija aquele pré-requisito. Porém, permite-se ao aluno continuar seus estudos matriculando-se em disciplinas fora do eixo, desde que não ultrapasse o período de integralização do curso. Em momentos oportunos, cursará novamente as disciplinas em que ficou retido e as que delas dependem, conforme o itinerário formativo mais adequado.

O regime em tempo integral aumenta a permanência do estudante na Instituição, o que trará maior dedicação e produção de trabalhos e atividades extracurriculares, bem como maior integração com os projetos de pesquisa, de ensino e extensão; atividades complementares e trabalhos de conclusão de curso (TCC).

Do ponto de vista pedagógico, o educando, enquanto agente do processo da aprendizagem, trabalhará por meio do desenvolvimento de projetos e pesquisas. Pela pedagogia de projetos, o professor ampliará o universo de formação do aluno e o privilegiará como agente da aprendizagem. Esta metodologia articula a aprendizagem com o mercado de trabalho, a escola e a sociedade, pois facilita a contextualização e favorece a flexibilidade proporcionada pela estrutura semestral do curso. São previstos projetos de pesquisa e de extensão, que podem incluir congressos, simpósios, seminários, palestras, exposições, Dias de Campo e outras formas de exploração de temas e/ou de exposição dos conhecimentos construídos. A Instituição incentivará a participação em eventos técnicos e científicos e sua promoção, especialmente se relacionados à área de Ciências Florestais, pois são de grande valia para a formação específica e geral.

Ademais, serão realizados Projetos Integradores de Ensino, Pesquisa e Extensão, de forma a possibilitar a curricularização das atividades de extensão e envolver os discentes em atividades externas que possibilitem a aplicação prática/teórica das informações e conceitos vivenciados no decorrer do curso.

O currículo pauta-se, por fim, na vivência da prática social e da Engenharia Florestal, a fim de permitir a construção multi e interdisciplinar da capacitação profissional. Assim, o curso foi organizado de modo a garantir o desenvolvimento de competências fixadas pela legislação em vigor e o atendimento às necessidades que foram identificadas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. A estrutura curricular foi organizada para atender a vocação florestal do Estado e da região Norte e, especificamente, da região Central de Rondônia, tendo em vista as especificidades demandadas para a Amazônia Legal.

Em face do exposto, considera-se que este projeto tenha sido elaborado de forma a favorecer o aluno e o professor, procurando assegurar-lhes a mais ampla acessibilidade pedagógica e atitudinal. A organização pedagógica e a administrativa proposta por este projeto visam promover a teoria aliada à prática na formação ampla do futuro egresso, asseverando-lhe as necessárias competências e habilidades para exercício da profissão e para as relações subjetivas de transformação do meio no qual está inserido.

## 1.6. Conteúdos Curriculares do Curso

### 1.6.1. Especificação dos Componentes Curriculares

As disciplinas estão distribuídas de acordo com os núcleos: Básico, essenciais e específicos (Quadro 12), o que permite melhor visualização das bases necessárias e da evolução das abrangências e especificidades requeridas para a formação de um Engenheiro Florestal.

Quadro 12. Distribuição das disciplinas por núcleo do Curso de Engenharia Florestal do IFRO – *Campus* Ji-Paraná.

| NÚCLEO DE CONTEÚDOS BÁSICOS                     |
|---|
| Algoritmos e lógica de programação              |
| Biologia Geral                                  |
| Bioquímica                                      |
| Cálculo   |
| Comunicação e expressão                         |
| Desenho Técnico                                 |
| Física Aplicada I                               |
| Física Aplicada II                              |
| Fundamentos de matemática elementar             |
| Metodologia Científica                          |
| Metodologia de projetos integradores e extensão |
| Probabilidade e Estatística                     |
| Química Analítica                               |
| Química Geral                                   |
| NÚCLEO DE CONTEÚDOS PROFISSIONAIS ESSENCIAIS    |
| Administração de Empreendimentos Florestais     |
| Anatomia e Química da Madeira                   |
| Arborização e paisagismo                        |
| Avaliação de Impactos Ambientais                |
| Dendrologia                                     |
| Dendrometria                                    |



Ecologia Florestal  
Economia Florestal  
Entomologia Florestal  
Experimentação Florestal  
Extensão Rural  
Fertilidade e Manejo de Solos  
Fisiologia Vegetal  
Genética  
Geoprocessamento  
Hidrologia e Manejo de Bacias Hidrográficas  
Implantação de povoamentos florestais  
Incêndios Florestais  
Indústria e Derivados da Madeira  
Introdução à Engenharia Florestal  
Inventário Florestal  
Manejo de produtos florestais não madeireiros  
Manejo de unidades de conservação  
Manejo Florestal  
Mecanização e Colheita Florestal  
Melhoramento Florestal  
Meteorologia aplicada a sistemas florestais  
Microbiologia  
Morfologia e Taxonomia Vegetal  
Nutrição Florestal  
Patologia Florestal  
Pedologia  
Política e Legislação Florestal  
Recuperação de Áreas Degradadas  
Sensoriamento Remoto e Geotecnologia  
Silvicultura Tropical  
Sociologia Rural  
Tecnologia de sementes e viveiros florestais  
Tecnologia e Utilização da Madeira  
Topografia  
Zoologia

#### **NÚCLEO DE CONTEÚDOS PROFISSIONAIS ESPECÍFICOS**

Defesa Fitossanitária e Receituário Agrônomo  
Estágio Curricular Supervisionado  
Ética Profissional, direitos humanos e relações étnico-raciais  
Fruticultura  
Inglês Técnico  
Língua Brasileira de Sinais – Libras  
Manejo de fauna silvestre  
Piscicultura  
Projetos Integradores de Extensão I e II  
Projetos, Auditoria e Perícia rurais e florestais



Sistemas Agroflorestais  
Tópicos Especiais em Engenharia Florestal  
Trabalho de Conclusão de Curso I  
Trabalho de Conclusão de Curso II

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

### **1.6.2. Coerência dos Conteúdos Curriculares com o Perfil Desejado do Egresso**

A estrutura curricular foi elaborada com disciplinas que integram o curso, como parte essencial do Projeto Pedagógico. Esta estrutura expressa a sugestão institucional de currículo e integra a proposta semestral de cumprimento de disciplinas, para a integralização do curso pelo aluno, no tempo definido neste Projeto Pedagógico.

A organização da estrutura das disciplinas que serão oferecidas busca inter-relacionar, contrastar, complementar e ampliar os conhecimentos a ser formado no egresso.

O curso apresenta estrutura curricular e conteúdos programáticos previamente definidos que serão estudados de forma interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinarmente para atender à formação do perfil do profissional egresso.

### **1.6.3. Coerência dos Conteúdos Curriculares Face às Diretrizes Curriculares Nacionais**

A estrutura curricular do curso, preservando a sua articulação, busca mecanismos capazes de lhe permitir um grau de flexibilidade, possibilitando ao aluno “desenvolver/trabalhar vocações, interesses e potenciais específicos”, criando-se condições de tempo para pesquisas bibliográficas e auto aprendizagem, por meio de adequado planejamento das cargas horárias anuais, respeitado o limite máximo de horas/aula semanais, seguindo orientação da Resolução CNE/CES nº 03 de 02 de fevereiro de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Engenharia Florestal. Ainda, em consonância com este propósito, busca-se oportunizar a flexibilização por meio da implementação curricular das Atividades Complementares de interesse individual e coletivo.

As disciplinas estão organizadas na matriz curricular de modo a atender os interesses das políticas nacionais para a educação superior e também para adequar o curso às exigências regionais.

O graduando em Engenharia Florestal trabalha com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada pelo exercício da profissão, fundamentando-se em interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética. Este repertório



deve se constituir por meio de múltiplos olhares, próprios das ciências, das culturas, das artes, da vida cotidiana, que proporcionam leitura das relações sociais e étnico-raciais, também dos processos educativos por estas desencadeados.

Para a formação do bacharel em Engenharia Florestal é importante ressaltar que o conhecimento adquirido na graduação é o referencial para a organização da vida e do trabalho. Os estudos e conhecimento devem servir como principal base de promoção, com equidade, do exercício pleno da cidadania.

Também é central, para essa formação, a proposição, realização, análise de pesquisas e a aplicação de resultados, em perspectiva extensionista, histórica, cultural, política, ideológica, tecnológica e teórica, com a finalidade, entre outras, de identificar e gerir, em práticas efetivas, elementos mantenedores, transformadores, geradores de relações sociais e étnico-raciais que fortaleçam ou enfraqueçam identidades, reproduzam ou criem novas relações de poder fazendo das tecnologias e da informação os melhores caminhos para a sublimação do homem.

#### **1.6.4. Curricularização da extensão**

De acordo com o Plano Nacional de Educação sancionado na Lei 13.005 de 25 de junho de 2014, na meta 12, estratégia 12.7, os cursos de Graduação devem assegurar no mínimo 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas ou projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente para áreas de grande pertinência social.

O NDE do curso de Engenharia Florestal entende que para promover a curricularização da extensão a carga horária será distribuída na disciplina de “Metodologia de projetos integradores e extensão”, na reserva de carga horária nas disciplinas do núcleo profissional essencial e nos projetos integradores de extensão I e II.<sup>2</sup>

Os Projetos Integradores serão definidos em reunião do colegiado. Nessa reunião será definido os coordenadores e as ações a serem realizadas por projeto, sendo que os docentes responsáveis pelo semestre em questão deverão participar efetivamente das atividades propostas pelo colegiado.

Ao final de cada projeto os alunos deverão entregar um relatório como comprovação das atividades realizadas, cuja aprovação será regulamentada por resolução própria.

---

<sup>2</sup>Os projetos integradores de extensão podem sofrer alterações para atender a regulamentação da curricularização da extensão do IFRO.



As formas de realização da disciplina Projetos Integradores serão definidas conforme regulamento vigente no IFRO.

#### **1.6.5. Matriz Curricular do Curso**

Os quadros 13 e 14 apresentam a distribuição da carga horária das disciplinas obrigatórias e optativas, segundo a proposta do Projeto Pedagógico para o curso de Bacharelado em Engenharia Florestal e a carga horária mínima prevista para as atividades. O somatório da carga horária dos núcleos básico, essenciais e específicos atende ao mínimo estabelecido na Resolução CNE/CES nº 02/2007, que dispõe da carga horária mínima para os cursos de bacharelado na modalidade presencial.

Quadro 13. Matriz curricular das disciplinas obrigatórias do Curso de Engenharia Florestal do IFRO – *Campus Ji-Paraná*.

| <b>MATRIZ CURRICULAR UNIFICADA DO CURSO SUPERIOR DE ENGENHARIA FLORESTAL - CH aula 50 minutos<br/>RESOLUÇÃO Nº 06/CEPEX/IFRO/2018</b> |   |               |                       |   |                 |                   |                   |                     |                        |                  |                     |            |
|---|---|---------------|-----------------------|---|-----------------|-------------------|-------------------|---------------------|------------------------|------------------|---------------------|------------|
| <b>Períodos</b>   | <b>Disciplinas</b>                              | <b>Código</b> | <b>Pré-requisitos</b> |   | <b>Créditos</b> | <b>CH Teórica</b> | <b>CH Prática</b> | <b>CH Extensão*</b> | <b>CH à Distância*</b> | <b>Hora-aula</b> | <b>Hora-relógio</b> |            |
| 1º  | Introdução à Engenharia Florestal               | ENF-01        | -                     | - | 2               | 20                | 16                | 4                   | 8                      | 40               | 33                  |            |
|   | Ecologia Florestal                              | ENF-02        | -                     | - | 2               | 30                | 10                | -                   | 8                      | 40               | 33                  |            |
|   | Biologia Geral                                  | NB-04         | -                     | - | 2               | 30                | 10                | -                   | 8                      | 40               | 33                  |            |
|   | Fundamentos de matemática elementar             | NB-01         | -                     | - | 4               | 60                | 20                | -                   | 16                     | 80               | 67                  |            |
|   | Química Geral                                   | NB-02         | -                     | - | 4               | 40                | 40                | -                   | 16                     | 80               | 67                  |            |
|   | Desenho Técnico                                 | NB-03         | -                     | - | 2               | 20                | 20                | -                   | 8                      | 40               | 33                  |            |
|   | Comunicação e expressão                         | NB-05         | -                     | - | 2               | 30                | 10                | -                   | 8                      | 40               | 33                  |            |
|   | Metodologia Científica                          | NB-09         | -                     | - | 2               | 10                | 30                | -                   | 8                      | 40               | 33                  |            |
|   | <b>SUBTOTAL 1</b>                               |               |                       |   |                 | <b>20</b>         | <b>240</b>        | <b>156</b>          | <b>4</b>               | <b>80</b>        | <b>400</b>          | <b>332</b> |
| <b>TOTAL 1º PERÍODO</b>   |   |               |                       |   | <b>20</b>       | <b>240</b>        | <b>156</b>        | <b>4</b>            | <b>80</b>              | <b>400</b>       | <b>332</b>          |            |
| 2º  | Cálculo   | NB-07         | NB-01                 | - | 4               | 60                | 20                | -                   | 16                     | 80               | 67                  |            |
|   | Morfologia e Taxonomia Vegetal                  | ENF-03        | -                     | - | 4               | 60                | 12                | 8                   | 16                     | 80               | 67                  |            |
|   | Física Aplicada I                               | NB-08         | NB-01                 | - | 4               | 40                | 40                | -                   | 16                     | 80               | 67                  |            |
|   | Química Analítica                               | NB-10         | NB-02                 | - | 2               | 20                | 20                | -                   | 8                      | 40               | 33                  |            |
|   | Microbiologia                                   | ENF-08        | NB-04                 | - | 2               | 20                | 20                | -                   | 8                      | 40               | 33                  |            |
|   | Zoologia  | ENF-05        | NB-04                 | - | 2               | 30                | 10                | -                   | 8                      | 40               | 33                  |            |
|   | <b>SUBTOTAL 2</b>                               |               |                       |   |                 | <b>18</b>         | <b>210</b>        | <b>150</b>          | <b>-</b>               | <b>72</b>        | <b>360</b>          | <b>300</b> |
|   | Metodologia de projetos integradores e extensão | PIEX-01       | -                     | - | 2               |                   | -                 | 40                  | 8                      | 40               | 33                  |            |
| <b>TOTAL 2º PERÍODO</b>   |   |               |                       |   | <b>20</b>       | <b>230</b>        | <b>122</b>        | <b>48</b>           | <b>80</b>              | <b>400</b>       | <b>333</b>          |            |
| 3º  | Probabilidade e Estatística                     | NB-14         | -                     | - | 4               | 60                | 20                | -                   | 16                     | 80               | 67                  |            |
|   | Bioquímica                                      | ENF-15        | NB-02                 | - | 2               | 20                | 20                | -                   | 8                      | 40               | 33                  |            |
|   | Dendrologia                                     | ENF-07        | ENF-03                | - | 4               | 60                | 12                | 8                   | 16                     | 80               | 67                  |            |

|                   |   |         |        |           |            |            |            |            |            |            |            |
|-------------------|---|---------|--------|-----------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|                   | Sociologia Rural                            | ENF-26  | -      | -         | 2          | 20         | 20         | -          | 8          | 40         | 33         |
|                   | Física Aplicada II                          | NB-11   | NB-08  | NB-07     | 4          | 40         | 40         | -          | 16         | 80         | 67         |
|                   | Algoritmos e lógica de programação          | NB-12   | -      | -         | 4          | 40         | 40         | -          | 16         | 80         | 67         |
|                   | <b>SUBTOTAL 3</b>                           |         |        |           | <b>20</b>  | <b>240</b> | <b>152</b> | <b>8</b>   | <b>80</b>  | <b>400</b> | <b>334</b> |
|                   | <b>TOTAL 3º PERÍODO</b>                     |         |        |           | <b>20</b>  | <b>240</b> | <b>152</b> | <b>8</b>   | <b>80</b>  | <b>400</b> | <b>334</b> |
| 4º                | Meteorologia Aplicada a Sistemas Florestais | ENF-09  | NB-11  | -         | 4          | 40         | 40         | -          | 16         | 80         | 67         |
|                   | Experimentação Florestal                    | ENF-06  | NB-14  | -         | 4          | 40         | 40         | -          | 16         | 80         | 67         |
|                   | Dendrometria                                | ENF-10  | NB-07  | -         | 4          | 60         | 12         | 8          | 16         | 80         | 67         |
|                   | Pedologia                                   | ENF-12  | -      | -         | 4          | 60         | 12         | 8          | 16         | 80         | 67         |
|                   | Genética                                    | ENF-13  | NB-14  | -         | 4          | 40         | 40         | -          | 16         | 80         | 67         |
|                   | Incêndios florestais                        | ENF-14  | -      | -         | 2          | 30         | 6          | 4          | 8          | 40         | 33         |
|                   | <b>SUBTOTAL 4</b>                           |         |        |           | <b>22</b>  | <b>270</b> | <b>150</b> | <b>20</b>  | <b>88</b>  | <b>440</b> | <b>368</b> |
|                   | Projeto integrador de extensão I            | PIEX-02 | -      | -         | 4          |            |            | 80         | 16         | 80         | 67         |
|                   | <b>TOTAL 4º PERÍODO</b>                     |         |        |           | <b>26</b>  | <b>270</b> | <b>150</b> | <b>100</b> | <b>104</b> | <b>520</b> | <b>435</b> |
| 5º                | Fertilidade e Manejo dos Solos              | ENF-16  | ENF-12 | -         | 4          | 40         | 32         | 8          | 16         | 80         | 67         |
|                   | Melhoramento Florestal                      | ENF-17  | ENF-13 | -         | 4          | 60         | 20         | -          | 16         | 80         | 67         |
|                   | Entomologia Florestal                       | ENF-18  | NB-04  | -         | 2          | 20         | 20         | -          | 8          | 40         | 33         |
|                   | Anatomia e Química da Madeira               | ENF-19  | -      | -         | 4          | 60         | 20         | -          | 16         | 80         | 67         |
|                   | Fisiologia Vegetal                          | ENF-20  | ENF-15 | ENF-03    | 2          | 40         | -          | -          | 8          | 40         | 33         |
|                   | Silvicultura Tropical                       | ENF-21  | -      | -         | 4          | 60         | 20         | -          | 16         | 80         | 67         |
|                   | Topografia                                  | ENF-48  | -      | -         | 2          | 30         | 10         | -          | 8          | 40         | 33         |
| <b>SUBTOTAL 5</b> |   |         |        | <b>22</b> | <b>310</b> | <b>122</b> | <b>8</b>   | <b>88</b>  | <b>440</b> | <b>367</b> |            |
|                   | <b>TOTAL 5º PERÍODO</b>                     |         |        |           | <b>22</b>  | <b>310</b> | <b>122</b> | <b>8</b>   | <b>88</b>  | <b>440</b> | <b>367</b> |
| 6º                | Nutrição Florestal                          | ENF-22  | ENF-16 | -         | 4          | 60         | 12         | 8          | 16         | 80         | 67         |
|                   | Sensoriamento Remoto e Geotecnologia        | ENF-23  | -      | -         | 4          | 40         | 40         | -          | 16         | 80         | 67         |
|                   | Administração de Empreendimentos Florestais | ENF-24  | -      | -         | 2          | 40         | -          | -          | 8          | 40         | 33         |
|                   | Tecnologia e Utilização da Madeira          | ENF-25  | ENF-19 | -         | 4          | 60         | 12         | 8          | 16         | 80         | 67         |
|                   | Extensão Rural                              | ENF-39  | -      | -         | 2          | 20         | 10         | 10         | 8          | 40         | 33         |

|                         |  |        |        |           |            |            |            |            |            |            |            |
|-------------------------|--|--------|--------|-----------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|                         | Patologia Florestal  | ENF-27 | ENF-08 | -         | 2          | 20         | 20         | -          | 8          | 40         | 33         |
|                         | Tópicos Especiais em Engenharia Florestal                      | ENF-28 | -      | -         | 2          | 20         | 20         | -          | 8          | 40         | 33         |
|                         | <b>SUBTOTAL 6</b>  |        |        |           | <b>20</b>  | <b>260</b> | <b>114</b> | <b>26</b>  | <b>80</b>  | <b>400</b> | <b>333</b> |
|                         | <b>TOTAL 6º PERÍODO</b>  |        |        |           | <b>20</b>  | <b>260</b> | <b>114</b> | <b>26</b>  | <b>80</b>  | <b>400</b> | <b>333</b> |
| 7º                      | Tecnologia de Sementes e Viveiros Florestais                   | ENF-29 | -      | -         | 4          | 40         | 32         | 8          | 16         | 80         | 67         |
|                         | Indústria e Derivados da Madeira                               | ENF-30 | ENF-25 | -         | 4          | 60         | 12         | 8          | 16         | 80         | 67         |
|                         | Geoprocessamento   | ENF-31 | ENF-23 | ENF-48    | 4          | 40         | 32         | 8          | 16         | 80         | 67         |
|                         | Inventário Florestal   | ENF-32 | ENF-10 | -         | 4          | 60         | 12         | 8          | 16         | 80         | 67         |
|                         | Política e Legislação Florestal                                | ENF-33 | -      | -         | 2          | 36         | -          | 4          | 8          | 40         | 33         |
|                         | Avaliação de Impactos Ambientais                               | ENF-41 |        |           | 2          | 20         | 16         | 4          | 8          | 40         | 33         |
|                         | <b>SUBTOTAL 7</b>  |        |        |           | <b>20</b>  | <b>256</b> | <b>104</b> | <b>40</b>  | <b>80</b>  | <b>400</b> | <b>334</b> |
| <b>TOTAL 7º PERÍODO</b> |  |        |        | <b>20</b> | <b>256</b> | <b>104</b> | <b>40</b>  | <b>80</b>  | <b>400</b> | <b>334</b> |            |
| 8º                      | Manejo Florestal   | ENF-35 | ENF-32 | -         | 4          | 60         | 12         | 8          | 16         | 80         | 67         |
|                         | Economia Florestal   | ENF-36 | -      | -         | 4          | 60         | 20         | -          | 16         | 80         | 67         |
|                         | Implantação de povoamentos florestais                          | ENF-37 | ENF-29 | -         | 4          | 60         | 12         | 8          | 16         | 80         | 67         |
|                         | Manejo de Produtos Florestais não Madeireiros                  | ENF-38 | -      | -         | 4          | 40         | 32         | 8          | 16         | 80         | 67         |
|                         | Ética Profissional, direitos humanos e relações étnico-raciais | NB-13  | -      | -         | 2          | 36         | -          | 4          | 8          | 40         | 33         |
|                         | Optativa 1   | -      | -      | -         | 2          | 20         | 20         | -          | 8          | 40         | 33         |
|                         | <b>SUBTOTAL 8</b>  |        |        |           | <b>20</b>  | <b>276</b> | <b>96</b>  | <b>28</b>  | <b>80</b>  | <b>400</b> | <b>334</b> |
|                         | <b>TOTAL 8º PERÍODO</b>  |        |        |           | <b>24</b>  | <b>276</b> | <b>96</b>  | <b>108</b> | <b>96</b>  | <b>480</b> | <b>401</b> |
| 9º                      | Manejo de Unidades de Conservação                              | ENF-40 | -      | -         | 2          | 20         | 16         | 4          | 8          | 40         | 33         |
|                         | Arborização e Paisagismo                                       | ENF-34 | ENF-07 | -         | 2          | 20         | 16         | 4          | 8          | 40         | 33         |
|                         | Recuperação de áreas degradadas                                | ENF-42 | ENF-12 | -         | 2          | 20         | 16         | 4          | 8          | 40         | 33         |
|                         | Mecanização e colheita florestal                               | ENF-43 | -      | -         | 4          | 60         | 20         | -          | 16         | 80         | 67         |
|                         | Hidrologia e Manejo de Bacia Hidrográfica                      | ENF-44 | -      | -         | 4          | 60         | 12         | 8          | 16         | 80         | 67         |
|                         | Trabalho de Conclusão de Curso I                               | ENF-45 | NB-09  | -         | 2          | 40         | -          | -          | 8          | 40         | 33         |

|                           |                                   |        |   |   |            |             |             |            |            |             |             |
|---------------------------|-----------------------------------|--------|---|---|------------|-------------|-------------|------------|------------|-------------|-------------|
|                           | Optativa 2                        | -      | - | - | 2          | 20          | 20          | -          | 8          | 40          | 33          |
|                           | <b>SUBTOTAL 9</b>                 |        |   |   | <b>18</b>  | <b>240</b>  | <b>100</b>  | <b>20</b>  | <b>72</b>  | <b>360</b>  | <b>299</b>  |
|                           | <b>TOTAL 9º PERÍODO</b>           |        |   |   | <b>18</b>  | <b>240</b>  | <b>100</b>  | <b>20</b>  | <b>72</b>  | <b>360</b>  | <b>299</b>  |
| 10º                       | Estágio profissional              | ENF-46 | - | - | -          | -           | -           | -          | -          | 300         | 250         |
|                           | Trabalho de Conclusão de Curso II | ENF-47 | - | - | 2          | 20          | 20          | -          | -          | 40          | 33          |
|                           | <b>TOTAL 10º PERÍODO</b>          |        |   |   | <b>2</b>   | <b>20</b>   | <b>20</b>   | <b>-</b>   | <b>-</b>   | <b>340</b>  | <b>283</b>  |
| Atividades Complementares |                                   |        |   |   | -          | -           | -           | -          | -          | 200         | 167         |
| <b>TOTAL CURSO</b>        |                                   |        |   |   | <b>192</b> | <b>2342</b> | <b>1136</b> | <b>362</b> | <b>760</b> | <b>4340</b> | <b>3618</b> |

\*CH perpassa teoria e prática

Quadro 14. Matriz curricular das disciplinas optativas do Curso de Engenharia Florestal do IFRO – *Campus Ji-Paraná*

| Disciplinas                                       | Código | Pré-requisitos |   | Créditos | CH Teórica | CH Prática | CH à Distância * | Hora-relógio | Hora-aula |
|---|--------|----------------|---|----------|------------|------------|------------------|--------------|-----------|
| Inglês Técnico                                    | OP-01  | -              | - | 2        | 20         | 20         | 8                | 33           | 40        |
| Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS              | OP-02  | -              | - | 2        | 20         | 20         | 8                | 33           | 40        |
| Sistemas Agroflorestais                           | OP-03  | ENF-21         | - | 2        | 20         | 20         | 8                | 33           | 40        |
| Projetos, Auditoria e Perícia Rurais e Florestais | OP-04  | ENF-33         | - | 2        | 20         | 20         | 8                | 33           | 40        |
| Manejo de fauna silvestre                         | OP-05  | ENF-05         | - | 2        | 20         | 20         | 8                | 33           | 40        |
| Piscicultura                                      | OP-06  | -              | - | 2        | 20         | 20         | 8                | 33           | 40        |
| Fruticultura                                      | OP-07  | -              | - | 2        | 20         | 20         | 8                | 33           | 40        |
| Defesa Fitossanitária e Receituário Agrônomo      | OP-08  | ENF-18         | - | 2        | 20         | 20         | 8                | 33           | 40        |

Para promover a curricularização da extensão, foram distribuídas atividades extensionistas nas disciplinas específicas e em projetos integradores de extensão. Da carga horária total do curso (3.618 horas), a carga horária relativa a atividades de extensão somam 362 horas, resultando em aproximadamente 10% da carga horária total do curso.

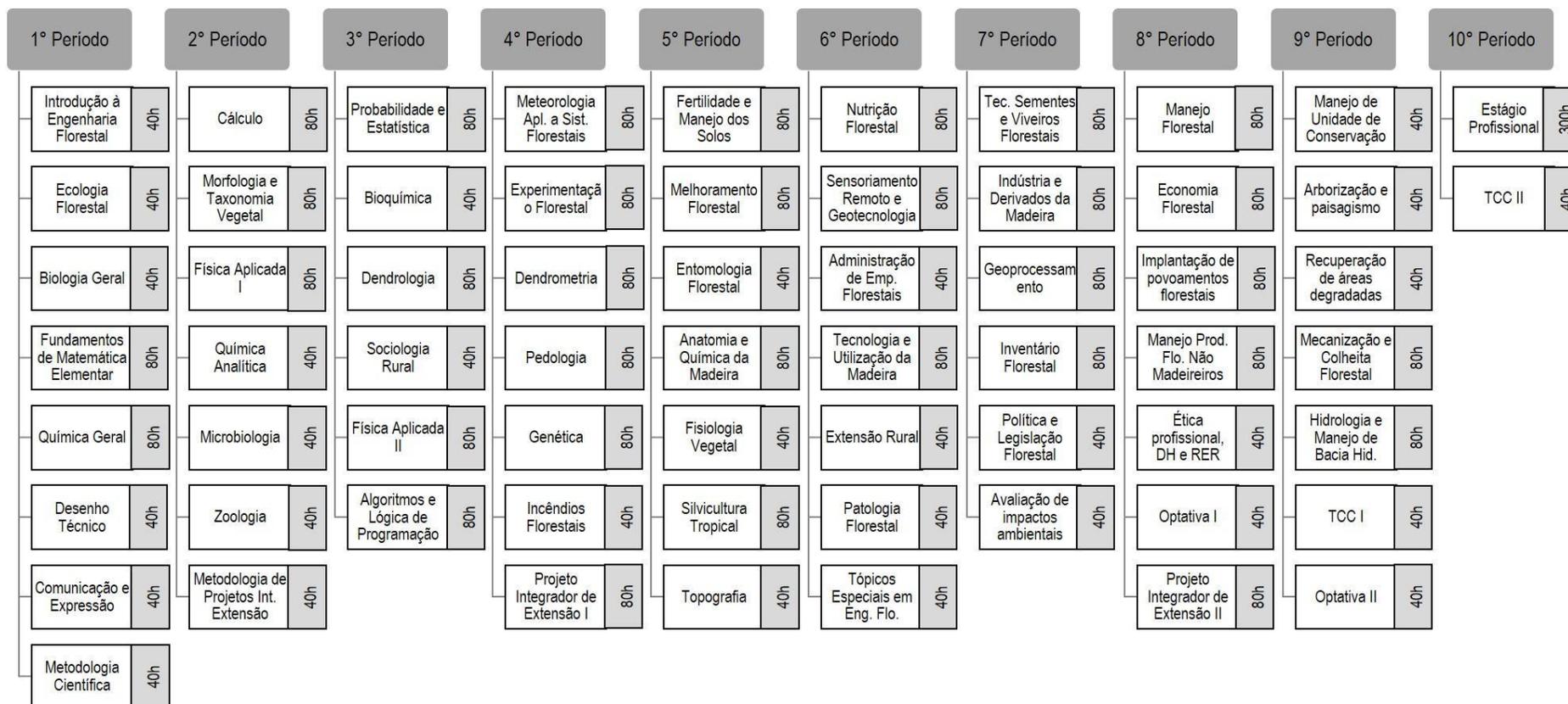
No quadro 15 estão apresentados os resumos da carga-horária do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal.

Quadro 15. Resumo da carga horária do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal do IFRO – *Campus Ji-Paraná*

| <b>RESUMO DA CARGA-HORÁRIA DO CURSO</b>  | <b>Hora/Aula</b> | <b>Hora/Relógio</b> |
|--|------------------|---------------------|
| <b>Carga-horária teórica</b>             | <b>2342</b>      | <b>3201</b>         |
| <b>Carga-horária prática</b>             | <b>1136</b>      |                     |
| <b>Carga-horária extensão</b>            | <b>434</b>       | <b>362</b>          |
| <b>Estágio Curricular supervisionado</b> | <b>300</b>       | <b>250</b>          |
| <b>Atividades Complementares</b>         | <b>200</b>       | <b>167</b>          |
| <b>TOTAL GERAL</b>                       | <b>4340</b>      | <b>3618</b>         |

Na Figura 2 observa-se o percurso de formação indicando as disciplinas ou requisitos curriculares, com suas cargas horárias, organização semestral sugerida e a ordem que os alunos deverão seguir para cursá-las, considerando a existência de pré-requisitos.

Figura 2 – Fluxograma de disciplinas obrigatórias do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal do IFRO – *Campus Ji-Paraná*.



### 1.6.6. Ementário

#### PRIMEIRO SEMESTRE

| EMENTA DA DISCIPLINA   |                         |                         |                           |
|--|-------------------------|-------------------------|---------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal   |                         |                         |                           |
| <b>Disciplina:</b> Introdução à Engenharia Florestal   |                         |                         | <b>Código:</b> ENF-01     |
| <b>Pré-requisito:</b>  |                         |                         |                           |
| <b>CH Teórica:</b> 20 h  | <b>CH Prática:</b> 16 h | <b>CH Extensão:</b> 4 h | <b>CH Total:</b> 40 horas |
| <b>Ementa:</b>   |                         |                         |                           |
| A Engenharia Florestal como profissão: atribuições, currículo e importância no desenvolvimento do país e na conservação da natureza. Histórico da Engenharia no Brasil. As escolas de Engenharia Florestal no Brasil e no mundo. Legislação profissional. A situação florestal brasileira: florestas econômicas e biodiversidade. Os diversos campos de atuação do Engenheiro Florestal. Visitas técnicas. |                         |                         |                           |
| <b>Referências básicas:</b>  |                         |                         |                           |
| LEHFELD, L. de S.; CARVALHO, N. C. B. D.; BALBIM, L. I. N. <b>Código florestal comentado e anotado:</b> artigo por artigo. 3. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Método, 2015. Disponível em: <a href="https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-309-6221-0/">https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-309-6221-0/</a> . Acesso em: 03 jun. 2022.                             |                         |                         |                           |
| HIGMAN, S.; NARDELLI, Á. M. B. <b>Manual do manejo florestal sustentável.</b> 2. ed. Viçosa, MG: UFV, 2015.  |                         |                         |                           |
| RICKLEFS, R. E. <b>A economia da natureza.</b> 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.  |                         |                         |                           |
| <b>Referências complementares:</b>   |                         |                         |                           |
| BRASIL. <b>Lei nº 5.194 de dezembro de 1966.</b> Regula o exercício das profissões de Engenheiro, Arquiteto e Engenheiro-Agrônomo, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1966. Disponível em: <a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5194.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5194.htm</a> . Acesso em: 13 maio 2022.                                 |                         |                         |                           |
| SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENGENHEIROS FLORESTAIS. Legislação Profissional Relativa ao Engenheiro Florestal. Disponível em: <a href="http://www.sbef.org.br">www.sbef.org.br</a> .  |                         |                         |                           |

| EMENTA DA DISCIPLINA   |                         |                     |                           |
|--|-------------------------|---------------------|---------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal   |                         |                     |                           |
| <b>Disciplina:</b> Ecologia Florestal  |                         |                     | <b>Código:</b> ENF-02     |
| <b>Pré-requisito:</b>  |                         |                     |                           |
| <b>CH Teórica:</b> 30 h  | <b>CH Prática:</b> 10 h | <b>CH Extensão:</b> | <b>CH Total:</b> 40 horas |
| <b>Ementa:</b>   |                         |                     |                           |
| Biomás. Conceitos básicos em ecologia. Fatores bióticos e abióticos. Dinâmica de populações, comunidades e ecossistemas. Estrutura, funcionamento e dinâmica de ecossistemas florestais. Ecossistemas florestais na Amazônia. Relações ecológicas. Sucessão ecológica. Fluxo de energia e Ciclos biogeoquímicos. Conservação, biodiversidade e uso dos recursos naturais. Efeito da ação antrópica sobre os ecossistemas florestais. |                         |                     |                           |
| <b>Referências básicas:</b>  |                         |                     |                           |
| BEGON, M.; TOWNSEND, C. R.; HARPER, J. L. <b>Ecologia:</b> de indivíduos e ecossistemas. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.  |                         |                     |                           |
| MARTINS, S. V. <b>Ecologia de florestas tropicais do Brasil.</b> 2. ed. rev. e ampl. Viçosa, MG: UFV, 2012.  |                         |                     |                           |



ODUM, E. P.; BARRETT, G. W. **Fundamentos de ecologia**. 5. ed. São Paulo, SP: Thomson Learning, 2020.

TOWNSEND, C. R. *et al.* **Fundamentos em ecologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

**Referências complementares:**

AMARAL, A. A. do. **Fundamentos de agroecologia**. Curitiba: Editora do Livro Técnico, 2011.

MARENCO, R. A.; LOPES, N. F. **Fisiologia vegetal: fotossíntese, respiração, relações hídricas e nutrição mineral**. 3. ed. rev. Viçosa, MG: UFV, 2009.

PINTO-COELHO, R. M. **Fundamentos em ecologia**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TAIZ, L.; ZEIGER, E.; MØLLER, I. M.; MURPHY, A. **Fisiologia e desenvolvimento vegetal**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582713679/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Biologia geral

**Código:** NB-04

**Pré-requisito:**

**CH Teórica:** 30 h

**CH Prática:** 10 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 40 horas

**Ementa:**

**Técnicas citológicas. Métodos de estudo da célula. Origem e composição química da matéria viva. Estrutura, função e modelos moleculares da superfície da célula. Células procarióticas e eucarióticas. Parede celular e membrana plasmática. Núcleo: carioteca e cromatina. Nucléolo e ribossomos. Ciclos Celulares. Retículo endoplasmático: estrutura e funções. Síntese protéica. Complexo de Golgi. Lisossomos. Peroxissomos. Secreção celular. Materiais armazenados pela célula. Mitocôndrias. Cloroplastos. Centríolos. Cílios e Flagelos. Citoesqueleto. Diferenciação Celular.**

**Referências básicas:**

ALBERTS, B. *et al.* **Biologia molecular da célula**. Porto Alegre: Artmed, 2017.

OLIVEIRA, E. C. de. **Introdução à biologia vegetal**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

ROBERTIS, E. M. F. de *et al.* **Biologia celular e molecular**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

**Referências complementares:**

JUNQUEIRA, L. C. U.; CARNEIRO, J. **Biologia celular e molecular**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-277-2129-5/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

JUNQUEIRA, L. U.; CARNEIRO, J. **Histologia básica: texto e atlas**. 13. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527732178/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

LODISH, H. *et al.* **Biologia celular e molecular**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582710500/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Fundamentos de matemática elementar

**Código:** NB-01

**Pré-requisito:**



|  |                  |              |                    |
|--|------------------|--------------|--------------------|
| CH Teórica: 60 h   | CH Prática: 20 h | CH Extensão: | CH Total: 80 horas |
| <b>Ementa:</b>   |                  |              |                    |
| <b>O Conjunto dos Números Reais como Corpo Ordenado. Funções. Matrizes. Determinantes. Sistemas Lineares. Polinômios.</b>  |                  |              |                    |
| <b>Referências básicas:</b>  |                  |              |                    |
| <p>ARAUJO, Luciana M. M. <i>et al.</i> <b>Fundamentos de matemática</b>. Porto Alegre: Sagah, 2018.<br/>Disponível em: <a href="https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595027701/">https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595027701/</a>. Acesso em: 02 jun. 2022</p> <p>IEZZI, Gelson; HAZZAN, Samuel. <b>Fundamentos de matemática elementar: sequências, matrizes, determinantes e sistemas</b>. 8. ed. São Paulo: Atual Editora, 2013. v. 4.</p> <p>LIMA, Elon Lages <i>et al.</i> <b>A matemática do ensino médio</b>. 10. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Matemática, 2012. v. 1.</p> <p>RATTAN, Kuldip S.; KLINGBEIL, Nathan W. <b>Matemática básica para aplicações de engenharia</b>. Rio de Janeiro: LTC, 2017. Disponível em:<br/><a href="https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788521633716/">https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788521633716/</a>. Acesso em: 02 jun. 2022.</p> |                  |              |                    |
| <b>Referências complementares:</b>   |                  |              |                    |
| <p>IEZZI, Gelson. <b>Fundamentos de matemática elementar: complexos, polinômios e equações</b>. 7. ed. São Paulo: Atual Editora, 2005. v. 6.</p> <p>IEZZI, Gelson; MURAKAMI, Carlos. <b>Fundamentos de matemática elementar: conjuntos e funções</b>. 8. ed. São Paulo: Atual Editora, 2004. v. 1.</p> <p>LIMA, Elon Lages. <b>Álgebra Linear</b>. 9. ed. Rio de Janeiro: IMPA, 2016.</p>  |                  |              |                    |

| <b>EMENTA DA DISCIPLINA</b>   |                  |              |                      |
|---|------------------|--------------|----------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal  |                  |              |                      |
| <b>Disciplina:</b> Química Geral  |                  |              | <b>Código:</b> NB-02 |
| <b>Pré-requisito:</b>   |                  |              |                      |
| CH Teórica: 40 h  | CH Prática: 40 h | CH Extensão: | CH Total: 80 horas   |
| <b>Ementa:</b>  |                  |              |                      |
| <b>Os elementos químicos. Ligações químicas, funções inorgânicas, suas propriedades, funções orgânicas e os processos espontâneos. Conceitos de ácidos-bases. Eletroquímica. Métodos de extração, destilação, cristalização e cromatografia.</b>  |                  |              |                      |
| <b>Referências básicas:</b>   |                  |              |                      |
| <p>JESPERSEN, N. D. <b>Química: a natureza molecular da matéria</b>. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC; 2017.</p> <p>ATKINS, P.; JONES, L. <b>Princípios de química: questionando a vida moderna e o meio ambiente</b>. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.</p> <p>RUSSEL, J. B. <b>Química geral</b>. 2. ed. São Paulo: Pearson: Makron Books, 2012. v. 1.</p> <p>RUSSEL, J. B. <b>Química geral</b>. 2. ed. São Paulo: Pearson: Makron Books, 2012 - 1994. v. 2.</p> |                  |              |                      |
| <b>Referências complementares:</b>  |                  |              |                      |
| <p>BRADY, J. E.; HUMISTON, G. E. <b>Química geral</b>. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016. v. 1.</p> <p>BRADY, J. E.; HUMISTON, G. E. <b>Química geral</b>. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986. v. 2.</p> <p>KOTZ, John C. <i>et al.</i> <b>Química geral e reações químicas</b>. 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013. v. 1.</p> <p>KOTZ, John C. <i>et al.</i> <b>Química geral e reações químicas</b>. 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013. v. 2.</p>   |                  |              |                      |



FARIAS, Robson Fernandes de. **Práticas de química inorgânica**. 3. ed. rev. Campinas, SP: Átomo, 2010.  
 BESSLER, K. E.; NEDER, A. V. F. **Química em tubos de ensaio: uma abordagem para principiantes**. 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2011.  
 CHANG, R. **Química geral: conceitos essenciais**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.  
 BROWN, T. L. *et al.* **Química: a ciência central**. 9. ed. São Paulo: Editora Pearson, 2013.

### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Desenho técnico

**Código:** NB-03

**Pré-requisito:**

**CH Teórica:** 20 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 40 horas

**Ementa:**

**Material e instrumentos para desenho. Normas e convenções. Linhas técnicas. Caligrafia Técnica. Escala. Cotagem. Cortes. Projeções ortogonais. Perspectivas. Supressão de Vistas. Desenho arquitetônico. Noções do uso de computadores para elaboração de desenhos.**

**Referências básicas:**

STRAUHS, F. do R. **Desenho técnico**. Curitiba: Base, 2010.  
 MAGUIRE, D. E.; SIMMONS, C. H.; VIDAL, L. R. de G. **Desenho técnico: problemas e soluções gerais de desenho**. São Paulo: Hemus, 2004.  
 JUNGHANS, D. **Informática aplicada ao desenho técnico**. Curitiba: Base Editorial, 2010.  
 LEAKE, J. M.; BORGERSON, J. L. **Manual de desenho técnico para engenharia: desenho, modelagem e visualização**. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

**Referências complementares:**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10126**: cotagem em desenho técnico: procedimento. Rio de Janeiro: ABNT, 1998. p. 13.  
 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12288**: representação simplificada de furos de centro em desenho técnico: procedimento. Rio de Janeiro: ABNT, 1992. p. 6.  
 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12298**: representação de área de corte por meio de hachuras em desenho técnico: procedimento. Rio de Janeiro: ABNT, 1995. p. 3.  
 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15215-3**: iluminação natural parte 3: procedimento de cálculo para a determinação da iluminação natural em ambientes internos. Rio de Janeiro: ABNT, 2007. p. 36.  
 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 17006**: desenho técnico: requisitos para representação dos métodos de projeção. Rio de Janeiro: ABNT, 2021. p. 51.  
 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6492**: documentação técnica para projetos arquitetônicos e urbanísticos: requisitos. Rio de Janeiro: ABNT, 2021. p. 40.  
 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 8404**: indicação do estado de superfícies em desenhos técnicos: procedimento. Rio de Janeiro: ABNT, 1984. p. 10.  
 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 16751**: desenho técnico: requisitos para apresentação em folhas de desenho. Rio de Janeiro: ABNT, 2020. p. 23.  
 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 16861**: desenho técnico: requisitos para representação de linhas e escrita. Rio de Janeiro: ABNT, 2020. p. 26.  
 NETTO, C. C. **Estudo dirigido: AutoCad 2019 para windows**. São Paulo: Érica, 2019. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#!/books/9788536530840/>. Acesso em: 02 jun. 2022.



| EMENTA DA DISCIPLINA   |                         |                     |                           |
|--|-------------------------|---------------------|---------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal   |                         |                     |                           |
| <b>Disciplina:</b> Comunicação e expressão   |                         |                     | <b>Código:</b> NB-05      |
| <b>Pré-requisito:</b>  |                         |                     |                           |
| <b>CH Teórica:</b> 30 h  | <b>CH Prática:</b> 10 h | <b>CH Extensão:</b> | <b>CH Total:</b> 40 horas |
| <b>Ementa:</b>   |                         |                     |                           |
| Linguagem e variações linguísticas; Língua oral e língua escrita; Gêneros textuais que circulam na esfera cotidiana, acadêmica e profissional; Qualidades e defeitos dos gêneros textuais; Coesão e coerência aplicadas aos gêneros; Particularidades léxicas do idioma português. <b>Sintaxe de concordância.</b>   |                         |                     |                           |
| <b>Referências básicas:</b>  |                         |                     |                           |
| MOTTA-ROTH, Desirée; HEDES, Graciela, H. <b>Produção textual na universidade.</b> São Paulo: Parábola Editora, 2010.<br>MARTINS, D. S.; SILBERKNOP, L. S. <b>Português Instrumental:</b> de acordo com as atuais normas da ABNT. 29. ed. São Paulo: Atlas, 2010.<br>MACHADO, Ana Rachel (org). <b>Resumo.</b> São Paulo: Parábola Editora, 2004.   |                         |                     |                           |
| <b>Referências complementares:</b>   |                         |                     |                           |
| BLIKSTEIN, I. <b>Técnicas de comunicação escrita.</b> 22. ed. São Paulo: Ática, 2006.<br>GARCIA, Othon M.. <b>Comunicação em prosa moderna:</b> aprenda a escrever, aprendendo a pensar. Rio de Janeiro: FGV, 2010.<br>KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. <b>A coerência textual.</b> 17. ed. São Paulo: Contexto, 2006.<br>MACHADO, Ana Rachel (coord.). <b>Resenha.</b> São Paulo: Parábola Editora, 2004.<br>MOYSÉS, Carlos Alberto. <b>Língua portuguesa:</b> atividades de leitura e produção de texto. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.<br>NIZO, R. <b>Escrita criativa:</b> o prazer da linguagem. 2. ed. São Paulo: Summus, 2008.<br>SACONNI, A. C. <b>Nossa gramática:</b> teoria e prática. São Paulo: Saraiva, 2011.<br>VIANA, A. C. <b>Guia de redação:</b> escreva melhor. São Paulo: Scipione, 2011. |                         |                     |                           |

| EMENTA DA DISCIPLINA   |                         |                     |                           |
|--|-------------------------|---------------------|---------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal   |                         |                     |                           |
| <b>Disciplina:</b> Metodologia científica  |                         |                     | <b>Código:</b> NB-09      |
| <b>Pré-requisito:</b>  |                         |                     |                           |
| <b>CH Teórica:</b> 10 h  | <b>CH Prática:</b> 30 h | <b>CH Extensão:</b> | <b>CH Total:</b> 40 horas |
| <b>Ementa:</b>   |                         |                     |                           |
| <b>Conceito de metodologia. Diferenciação entre método, técnica e estratégia. Fundamentos do método científico. Tipos de pesquisa. Tipos de métodos. Procedimentos de pesquisa. Normas para a redação de trabalho científico (ABNT). Elaboração de projetos de pesquisa. Produção de relatórios dos resultados de pesquisa. Desenvolvimento de artigo científico. Seminário de pesquisa.</b> |                         |                     |                           |
| <b>Referências básicas:</b>  |                         |                     |                           |



BARROS, Aidil de J. P. e LEHFELD, Neide A. de S. **Projeto de Pesquisa**: propostas metodológicas. 21.ed. Petrópolis: vozes, 2012.  
BRANDÃO, Carlos R. **A pergunta em várias mãos**: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.  
MOROZ, Melania e GIANFALDONI, Mônica H. T. A. **O processo de pesquisa**: iniciação. 2.ed. Brasília: Liber Livro, 2006.

**Referências complementares:**

ABNT. **NBR 6022**: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 5 p.  
ABNT. **NBR6023**: informação e documentação: elaboração: referências. Rio de Janeiro, 2002. 24 p.  
ABNT. **NBR15287**: Informação e documentação: projeto de pesquisa: apresentação. Rio de Janeiro, 2005. 6 p.  
CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.  
DESCARTES, René. **Discurso do método**. Regras para a direção do espírito. São Paulo: Martin Claret, 2003.  
FEITOSA, Vera C. **Redação de textos científicos**. 7.ed. São Paulo: Papyrus, 2003.  
HÜHNE, Leda M. (ORG.). **Metodologia Científica**: cadernos de textos e técnicas. 7.ed. Rio de Janeiro: AGIR, 2000.  
MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa-formação**. 2.ed. Brasília: Liber Livro, 2010.  
SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre a ciência**. São Paulo: Cortez, 2003

**SEGUNDO SEMESTRE**

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Cálculo

**Código:** NB-07

**Pré-requisito:** Fundamentos de matemática elementar

**Código:** NB-01

**CH Teórica:** 60 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

**Limites. Derivadas. Regras de derivação. Derivadas de Ordem Superior. Máximos e mínimos. Integral. Técnicas de integração. Integral definida e suas aplicações.**

**Referências básicas:**

COELHO, Flávio U. **Cálculo em uma variável**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2013. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502199774/>. Acesso em: 02 jun. 2022.  
LEITHOLD, Louis. **O cálculo com geometria analítica**. 3. ed. São Paulo: Editora Harbra, 1994. v. 1.  
LEITHOLD, Louis. **O cálculo com geometria analítica**. 3. ed. São Paulo: Editora Harbra, 1994. v. 2.  
RATTAN, Kuldip S.; KLINGBEIL, Nathan W. **Matemática básica para aplicações de engenharia**. Rio de Janeiro: LTC, 2017. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788521633716/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

**Referências complementares:**

ÁVILA, Geraldo. **Cálculo das funções de uma variável**. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004. v. 2.  
EVES, Howard. **Introdução à história da matemática**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2004.  
IEZZI, Gelson; MURAKAMI, Carlos; MACHADO, Nilson José. **Fundamentos de matemática elementar**: limites, derivadas e noções de integral. 6. ed. São Paulo: Atual Editora, 2005. v. 8.



MENDELSON, Elliot. **Introdução ao cálculo**. Tradução de Adonai Schlup Sant'Anna. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

#### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Morfologia e taxonomia vegetal

**Código:** ENF-03

**Pré-requisito:**

**Código:**

**CH Teórica:** 60 h

**CH Prática:** 12 h

**CH Extensão:** 8 h

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

**Citologia Vegetal. Histologia Vegetal. Anatomia dos órgãos vegetais. Morfologia dos órgãos vegetais. Taxonomia vegetal.**

**Referências básicas:**

APPEZZATO-DA-GLÓRIA, B.; CARMELLO-GUERREIRO, S. M. **Anatomia vegetal**. 2. ed. Viçosa, MG: UFV, 2006.

GONÇALVES, E. G.; LORENZI, H. **Morfologia vegetal: organografia e dicionário ilustrado de plantas**. 2. ed. São Paulo: Instituto Plantarum, 2007.

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. **Biologia vegetal**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

**Referências complementares:**

CUTTER, E. G. **Anatomia vegetal: células e tecidos**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2007.

FERRI, M. G. **Botânica: morfologia externa das plantas**. 15. ed. São Paulo: Nobel, 1983.

FINKLER, Raquel; PIRES, Anderson S. **Anatomia e morfologia vegetal**. Porto Alegre: SAGAH, 2019.

#### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Física aplicada I

**Código:** NB-08

**Pré-requisito:** Fundamentos de matemática elementar

**Código:** NB-01

**CH Teórica:** 40 h

**CH Prática:** 40 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

**Unidades de medida; Cinemática; Vetores; Leis de Newton; Trabalho e Energia; Momento Linear; Momento Angular; Gravitação Universal; Mecânica dos Fluidos; Estática dos Corpos rígidos.**

**Referências básicas:**

HALLIDAY, David; RESNICK Robert; WALKER, Jearl. **Fundamentos da Física**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2009. v. 1.

HALLIDAY, David; RESNICK Robert; WALKER, Jearl. **Fundamentos da Física**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2009. v. 2.

TIPLER, P.A.; MOSCA, G. **Física para cientistas e engenheiros: mecânica, oscilações e ondas, termodinâmica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2006. v. 1.

**Referências complementares:**



LUZ, Antônio Máximo Ribeiro da; ÁLVARES, Beatriz Alvarenga. **Física**: contexto e aplicações. São Paulo: Scipione, 2012. v. 1.  
YOUNG, H. D.; FREEDMAN, R. A. **Física I**: mecânica. 12. ed. São Paulo: Addison Wesley, 2008.  
NUSSENZVEIG, Herche Moysés. **Curso de física básica**: mecânica. 4. ed. São Paulo: Blücher, 2002. v. 1.  
HEWITT, Paul G. **Física conceitual**. 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

#### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Química Analítica

**Código:** NB-10

**Pré-requisito:** Química geral

**Código:** NB-02

**CH Teórica:** 20 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 40 horas

#### **Ementa:**

**Conceito de solução aquosa; equilíbrio químico; atividade iônica; pH de solução aquosa; solubilidade e produto de solubilidade; complexos e quelatos; oxidação e redução; unidades de concentração de solução e de sólido. Introdução a química analítica; gravimetria; métodos volumétricos de análise química; volumetria de neutralização; quelometria; volumetria de oxi-redução; métodos instrumentais de análise química; colorimetria; fotometria de chama de emissão; espectrofotometria de absorção atômica; potenciometria.**

#### **Referências básicas:**

VOGEL, A. **Química analítica qualitativa**. 3. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.

SKOOG, D. A. *et al.* **Fundamentos de química analítica**. 8. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2010.

RUSSEL, J. B. **Química geral**. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2012. v. 1.

RUSSEL, J. B. **Química geral**. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2012. v. 2.

#### **Referências complementares:**

HARRIS, D. C. **Análise química quantitativa**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

HIGSON, S. P. J.; SILVA, M. **Química analítica**. Rio de Janeiro: Mcgraw Hill, 2009.

MAHAN, B. H.; MYERS, R. J. **Química**: um curso universitário. 4. ed. São Paulo: Blücher, 1995.

JESPERSEN, N. D. **Química**: a natureza molecular da matéria. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

ATKINS, P.; JONES, L. **Princípios de química**: questionando a vida moderna e o meio ambiente. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

#### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Microbiologia

**Código:** ENF-08

**Pré-requisito:** Biologia Geral

**Código:** NB-04

**CH Teórica:** 20 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 40 horas

#### **Ementa:**

**Introdução a Microbiologia. Histórico e comparação dos sistemas de classificação. Importância dos microrganismos para o ser humano e para o meio ambiente. Virologia Básica. Bacteriologia básica. Protistas. Micologia. Utilização de genes de microrganismos em biotecnologia. Principais microrganismos relacionados à saúde, aos alimentos, água e solos. Processos de esterilização e desinfecção. Técnicas de coloração. Meios de cultura de microrganismos. Microrganismos de importância florestal. Relações entre microrganismos.**



**Referências básicas:**

MADIGAN, M. T. **Microbiologia de Brock**. 14. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.  
TORTORA, G. J.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. **Microbiologia**. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.  
TRABULSI, L. R. **Microbiologia**. 6. ed. São Paulo: Atheneu, 2015.

**Referências complementares:**

BLACK, Jacquelyn G.; BLACK, Laura J. **Microbiologia: fundamentos e perspectivas**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021. Disponível em:  
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527737326/>. Acesso em: 02 jun. 2022.  
FADER, Robert C.; ENGELKIRK, Paul G.; DUBEN-ENGELKIRK, Janet. **Burton: microbiologia para as ciências da saúde**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021. Disponível em:  
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527737302/>. Acesso em: 02 jun. 2022.  
SILVA, N. *et al.* **Manual de métodos de análise microbiológica de alimentos e água**. 5. ed. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em:  
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788521212263/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Zoologia

**Código:** ENF-05

**Pré-requisito:** Biologia geral

**Código:** NB-04

**CH Teórica:** 30 h

**CH Prática:** 10 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 40 horas

**Ementa:**

**Características gerais dos Invertebrados (morfologia, anatomia e reprodução). Caracterização e importância dos filos Protozoa, Platyhelminthes, Nemata, Mollusca, Annelida e Arthropoda. Nematologia e Acarologia Agrícolas. Características gerais dos Vertebrados (morfologia, anatomia e reprodução). Caracterização e importância do filo Chordata, classes Osteichthyes, Amphibia, Reptilia, Aves e Mammalia.**

**Referências básicas:**

COSTA, E. C. *et al.* **Entomologia florestal**. 3. ed. rev. Santa Maria: UFSM, 2014.  
HICKMAN Junior, C. P. *et al.* **Princípios integrados de zoologia**. 16 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. 954p.  
POUGH, F. H.; HEISER, J. B.; JANIS, C. M. **A vida dos vertebrados**. 4. ed. São Paulo: Atheneu, 2008.  
RUPPERT, E. E.; FOX, R. S.; BARNES R. D. **Zoologia dos Invertebrados: uma abordagem funcional-evolutiva**. 4. ed. São Paulo: Roca, 2005. 1145 p.

**Referências complementares:**

ALMEIDA, M. L.; RIBEIRO-COSTA, C. S. & MARINONI, L. 1998. **Manual de Coleta, Conservação, Montagem e Identificação de Insetos**. Holos Editora, Ribeirão Preto, 78 pp.  
BARNES, R.S.K.; CALOW, P. & OLIVE, O. J.W. 1995. **Os invertebrados: uma nova síntese**. São Paulo, Atheneu.  
BORROR, D. J. & DELONG, D. M. 1988. **Introdução ao estudo dos insetos**. S. Paulo, Edgard Blucher. 653 p.  
CARDOSO *et al.* 2004. **Animais peçonhentos, biologia, clínica e terapêutica dos acidentes**. Sarvier Editora de Livros Médicos, São Paulo, SP.  
BENEDITO, E. **Zoologia e ecologia dos vertebrados**. 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2017. 259p.  
BRUSCA, R. C.; MOORE, W.; SHUSTER, S. M. **Invertebrados**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.



RIBEIRO-COSTA, C. S.; ROCHA, R. M. **Invertebrados: manual de aulas práticas**. 2. Ed. Ribeirão Preto: Holos, 2006. 271p.

### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Metodologia de projetos integradores e extensão

**Código:** PIPEX-01

**Pré-requisito:**

**CH Teórica:**

**CH Prática:**

**CH Extensão:** 40 h

**CH Total:** 40 horas

**Ementa:**

**Conceitos e teorias da extensão acadêmica. Políticas de integração por meio de atividades que visem associar o meio acadêmico ao meio social. Comunicação e interação social. Metodologia do projeto de extensão. Construção de projetos de extensão.**

**Referências básicas:**

GIDO, Jack; CLEMENTS, James; BAKER, Rose. **Gestão de projetos**. 7. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2018.

Schmitz, Heribert (org.). **Agricultura familiar: extensão rural e pesquisa participativa**. São Paulo: Annablume, 2010.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

**Referências complementares:**

FERRÃO, R. G. **Metodologia científica para iniciantes em pesquisa: enfoque acadêmico com abordagem teórico-prática: guia para elaboração e divulgação de trabalhos científicos**. 4. ed. rev. Vitória: Incaper, 2012.

SILVA, R. C. da. **Extensão rural**. São Paulo: Saraiva, 2014.

### TERCEIRO SEMESTRE

### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Probabilidade e Estatística

**Código:** NB-14

**Pré-requisito:**

**CH Teórica:** 60 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

**Estatística descritiva. Correlação e Regressão Linear. Tópicos gerais de probabilidade. Variáveis aleatórias e distribuições de probabilidade. Intervalos de confiança.**

**Referências básicas:**

MAGALH, M. N. **Noções de probabilidade e estatística**. São Paulo: USP, 2013.

MORETTIN, P. A.; BUSSAB, W. de O. **Estatística básica**. São Paulo: Saraiva, 2013.

MUCELIN, C. A. **Estatística**. Curitiba: Editora do Livro Técnico, 2010.

NOVAES, D. V. **Estatística para educação profissional e tecnológica**. São Paulo: Atlas, 2013.

**Referências complementares:**



MARTINS, G. de A.; DOMINGUES, O. **Estatística geral e aplicada**. São Paulo: Atlas, 2014.  
MELLO, M. P. de; PETERNELLI, L. A. **Conhecendo o R: uma visão mais que estatística**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2013.  
RIBEIRO, I. **Análises estatísticas no Excel: guia prático**. Viçosa - MG: UFV, 2013.

#### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Bioquímica

**Código:** ENF-15

**Pré-requisito:** Química geral

**Código:** NB-02

**CH Teórica:** 20 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 40 horas

#### **Ementa:**

**Aminoácidos e proteínas. Energética. Bioquímica. Enzimas. Carboidratos. Pentoses. Ciclo de ácido tricarboxílicos. Lipídios. Fotossíntese. Ácidos nucleicos e seus compostos. Biossíntese. Ácidos nucleicos e proteínas.**

#### **Referências básicas:**

BARBOSA, L. C. de A. **Introdução à química orgânica**. 2 ed. São Paulo. Pearson Universidades. 2010. 360p.

LEHNINGER, A. L.; NELSON, D. L.; COX, M. M. **Princípios de bioquímica**. 3.ed. São Paulo: Sarvier, 2002. 975p.

VOET, D.; VOET, J. G.; PRATT, C. W. **Fundamentos de Bioquímica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

#### **Referências complementares:**

MOTTA, V. T. **Bioquímica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2011. 488p.

CONN, E. E.; STUMPF, P. K. **Introdução à bioquímica**. 4.ed. São Paulo: Edgard Blucher, 1984. 525p.

BERG, J. M.; TYMOCZKO, J. L.; STRYER, L. **Bioquímica**. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995. 1000p.

#### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Dendrologia

**Código:** ENF-07

**Pré-requisito:** Morfologia e Taxonomia Vegetal

**Código:** ENF-03

**CH Teórica:** 60 h

**CH Prática:** 12 h

**CH Extensão:** 8 h

**CH Total:** 80 horas

#### **Ementa:**

**Definição, evolução e importância. Conceito, origem, classificação e nomenclatura da árvore. Características dendrológicas. Métodos de identificação de árvores na floresta tropical. Gimnospermas ornamentais e, ou, produtoras de madeiras. Angiospermas de interesse florestal. Fenologia e formações florestais.**

#### **Referências básicas:**

MARCHIORI, J. N. C. **Elementos de Dendrologia**. Santa Maria: UFSM, 2004.

CARVALHO, P. E. R. **Espécies Arbóreas Brasileiras**. Colombo: EMBRAPA, 2003.

RIZZINI, C. T. **Árvores e madeiras úteis do Brasil: Manual de dendrologia brasileira**. 2. ed. - São Paulo: Blucher, 1978.

PINHEIRO, A. L.; ALMEIDA, E. C. **Fundamentos de taxonomia e dendrologia tropical. Introdução aos estudos dendrológicos**. Viçosa-MG: Jard produções gráficas, 1994. v. 1.



LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 6 ed. São Paulo: Platarum, 1998. v.1.  
LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 4 ed. São Paulo: Platarum, 2016. v. 2.  
LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 3 ed. São Paulo: Platarum, 2021. v. 3.

**Referências complementares:**

FERREIRA, G. C. **Diretrizes para coleta, herborização e identificação de material botânico nas parcelas permanentes em floretas naturais da Amazônia brasileira**. Manaus: IBAMA- Pró-Manejo. 2006. 44 p.  
FERRI, M. G. **Botânica**: morfologia externa das plantas (organografia). 15. ed. São Paulo: Ed. Nobel, 1983.  
GONÇALVES, E. G.; LORENZI, H. **Morfologia Vegetal**: organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares. 2. ed. Nova Odessa: INSTITUTO PLANTARUM, 416 p.  
SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica sistemática**. Guia ilustrativo para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de estudos da flora Ltda, 2008.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Sociologia Rural

**Código:** ENF-26

**Pré-requisito:**

**Código:**

**CH Teórica:** 20 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 40 horas

**Ementa:**

**Objeto da Sociologia Rural e suas principais correntes; a questão agrária; Processos de desruralização; organizações sociais no campo (camponeses, Povos Indígenas e quilombolas); violência, conflitos agrários e socioambientais; os impactos socioeconômicos, políticos e ambientais dos grandes projetos na Amazônia. Agroecologia e Agricultura familiar.**

**Referências básicas:**

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular, 2012.  
CARVALHO, Horácio Martins de (org.). **Chayanov e o campesinato**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.  
MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro; MACHADO FILHO, Luiz Carlos Pinheiro. **A dialética da Agroecologia**: contribuições para um mundo com alimentos sem veneno. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

**Referências complementares:**

CANUTO, João Carlos; COSTABEBER, José Antônio. (orgs.) **Agroecologia**: conquistando a soberania alimentar. Porto Alegre: Emater/RS-Ascar; Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2004.  
CHAYANOV, Alexander. **La organizacion de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1974.  
ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução de Ruth M. Klaus. São Paulo: Centauro Editora, 2006.  
MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Petrópolis: Vozes. 1986.  
MARTINS, José de Souza. **Reforma agrária – o impossível diálogo sobre a História possível**. São Paulo: Revista Tempo Social - USP, vol. 11(2): p. 97-128, out. 1999 (editado em fev. 2000).



MITIDIERO JUNIOR, Marco Antonio. **Reforma Agrária no Brasil**: algumas considerações sobre a materialização dos assentamentos rurais. São Paulo: Revista Agrária, n. 14, pp. 4-22, 2011.  
NEVES, Delma Pessanha; SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil**. Vol. 01: formas tuteladas de condição camponesa. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: NEAD/MDA, 2008.

### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Física aplicada II

**Código:** NB-11

**Pré-requisito:** Física Aplicada I  
Cálculo

**Código:** NB-08  
NB-07

**CH Teórica:** 40 h

**CH Prática:** 40 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 80 horas

#### **Ementa:**

**Termodinâmica; Ondulatória; Fundamentos da Óptica; Fundamentos do Eletromagnetismo; Física Moderna; Física Nuclear; Fundamentos de Mecânica Quântica.**

#### **Referências básicas:**

HALLIDAY, David; RESNICK Robert; WALKER, Jearl. **Fundamentos da Física**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2009. v. 2.

HALLIDAY, David; RESNICK Robert; WALKER, Jearl. **Fundamentos da Física**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2009. v. 3.

HALLIDAY, David; RESNICK Robert; WALKER, Jearl. **Fundamentos da Física**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2009. v. 4.

TIPLER, P.A.; MOSCA, G. **Física para cientistas e engenheiros** – Vol. 1: Mecânica, Oscilações e Ondas, Termodinâmica. 5.ed. LTC, 2006.

TIPLER, P.A.; MOSCA, G. **Física para cientistas e engenheiros** – Vol. 2: Eletricidade, Magnetismo e Óptica, Termodinâmica. 5.ed. LTC, 2006.

TIPLER, P.A.; MOSCA, G. **Física para cientistas e engenheiros** – Vol. 3: Física Moderna: Mecânica Quântica, Relatividade e a Estrutura da Matéria. 5.ed. LTC, 2006.

#### **Referências complementares:**

LUZ, Antônio Máximo Ribeiro da; ÁLVARES, Beatriz Alvarenga. **Física Contexto & Aplicações**. São Paulo: Scipione, 2012. v. 2.

LUZ, Antônio Máximo Ribeiro da; ÁLVARES, Beatriz Alvarenga. **Física Contexto & Aplicações**. São Paulo: Scipione, 2012. v. 3.

YOUNG, H. D.; FREEDMAN, R. A. **Física I: Mecânica**. 12 ed. São Paulo: Addison Wesley, 2008.

YOUNG, H. D.; FREEDMAN, R. A. **Física II: Termodinâmica e Ondas**. 12 ed. São Paulo: Addison Wesley, 2008.

YOUNG, H. D.; FREEDMAN, R. A. **Física III: Eletromagnetismo**. 12 ed. São Paulo: Addison Wesley, 2008.

YOUNG, H. D.; FREEDMAN, R. A. **Física IV: Óptica e Física Moderna**. 12 ed. São Paulo: Addison Wesley, 2008.

### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Algoritmos e lógica de programação

**Código:** NB-12

**Pré-requisito:**



|  |                         |                     |                           |
|--|-------------------------|---------------------|---------------------------|
| <b>CH Teórica:</b> 40 h  | <b>CH Prática:</b> 40 h | <b>CH Extensão:</b> | <b>CH Total:</b> 80 horas |
| <b>Ementa:</b>   |                         |                     |                           |
| Sequência lógica, Estudo de algoritmos, representações gráfica e textual de algoritmos, variáveis, tipos de dados, constantes, operadores: aritméticos, lógicos e relacionais. Expressões, atribuição, teste de mesa, estruturas de controle.  |                         |                     |                           |
| <b>Referências básicas:</b>  |                         |                     |                           |
| BENEDUZZI, Humberto Martins; METZ, João Ariberto. <b>Lógica e linguagem de programação: Introdução ao desenvolvimento de software</b> . Curitiba: Editora do Livro Técnico, 2010.<br>DEITEL, Paul; DEITEL, Harvey. <b>Java: Como programar</b> . 8.ed. São Paulo: Pearson, 2010.<br>MANZANO, José Augusto N. G. OLIVEIRA. Jayr Figueiredo de. <b>Algoritmos: Lógica para desenvolvimento de Programação de Computadores</b> . 23.ed. São Paulo: Érica, 2010. |                         |                     |                           |
| <b>Referências complementares:</b>   |                         |                     |                           |
| STELLMAN, Andrew; GREENE, JENNIFER. <b>Use a cabeça C#</b> . Rio de Janeiro: Alta Books, 2008<br>SCHILDT, Herbert. <b>C: Completo e total</b> . 3.ed. São Paulo: Pearson Markron Books, 2009.<br>LAUREANO, Marcos. <b>Lógica de programação: Uma abordagem em Pascal ou pascal em alguns minutos</b> . Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010.<br>SIERRA, Kathy; BATES, Bert. <b>Use a Cabeça! Java</b> . Rio de Janeiro: Alta Books, 2009.                   |                         |                     |                           |

#### QUARTO SEMESTRE

|  |                         |                     |                           |
|--|-------------------------|---------------------|---------------------------|
| <b>EMENTA DA DISCIPLINA</b>  |                         |                     |                           |
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal   |                         |                     |                           |
| <b>Disciplina:</b> Meteorologia Aplicada a Sistemas Florestais   |                         |                     | <b>Código:</b> ENF-09     |
| <b>Pré-requisito:</b> Física aplicada II   |                         |                     | <b>Código:</b> NB-11      |
| <b>CH Teórica:</b> 40 h  | <b>CH Prática:</b> 40 h | <b>CH Extensão:</b> | <b>CH Total:</b> 80 horas |
| <b>Ementa:</b>   |                         |                     |                           |
| Introdução à meteorologia e climatologia. Elementos e fatores meteorológicos e do clima. Balanço da energia em sistemas florestais. Evapotranspiração. Balanço hídrico e suas aplicações na silvicultura. Mudanças climáticas promovidas pelo desmatamento. Aplicações da meteorologia e climatologia a sistemas florestais.   |                         |                     |                           |
| <b>Referências básicas:</b>  |                         |                     |                           |
| MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I.M. <b>Climatologia: noções básicas e climas do Brasil</b> . São Paulo: Oficina de Textos, 2007. 206 p.<br>VIANELLO, R.L.; ALVES, A.R. <b>Meteorologia básica e aplicações</b> . Viçosa: Imprensa Universitária/UFV, 2006. 449 p.<br>ALVARENGA, A. A.; AZEVEDO, L. L. C.; MORAES, M. E. de OLIVEIRA. <b>Agrometeorologia: princípios, funcionalidades e instrumentos de medição</b> . São Paulo: Editora Érica, 2015. 120 p. Disponível em:<br><a href="https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788536521480/pageid/0">https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788536521480/pageid/0</a><br>CARNEVSKIS, E. L.; LOURENÇO, L.F.; da SILVA, T. M. B. <b>Agrometeorologia e climatologia</b> . Porto Alegre: SAGAH, 2018. 228 p. Disponível em:<br><a href="https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595028678/pageid/1">https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595028678/pageid/1</a><br>TORRES, F. T. P.; MACHADO, P. J. de OLIVEIRA. <b>Introdução a climatologia</b> . São Paulo : Cengage Learning, 2011. 256 p. Disponível em:<br><a href="https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522112609/pageid/2">https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522112609/pageid/2</a> |                         |                     |                           |



**Referências complementares:**

BARRY, R. G.; CHORLEY, R. J. **Atmosfera, tempo e clima**. 9ª ed. Porto Alegre : Bookman, 2013. 526 p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788565837392/pageid/0>  
MACHADO, V. de S. **Princípios de Climatologia e Hidrologia**. Porto Alegre : SAGAH, 2017. 182 p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595020733/pageid/0>.  
VAREJÃO-SILVA, M.A. **Meteorologia e Climatologia**. Versão Digital. Recife. 2005. 522 p. Disponível em: <https://icat.ufal.br> e <https://edisciplinas.usp.br>.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Experimentação florestal

**Código:** ENF-06

**Pré-requisito:** Probabilidade e Estatística

**Código:** NB-14

**CH Teórica:** 40 h

**CH Prática:** 40 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

**Conceitos e princípios básicos da estatística experimental. Planejamento de experimentos florestais. Análise de dados de um experimento. Comparação entre médias de um experimento. Princípios de delineamentos experimentais. Delineamentos experimentais. Experimentos fatoriais. Experimentos em parcelas subdivididas. Regressão e correlação.**

**Referências básicas:**

MELLO, M. P. de; PETERNELLI, L. A. **Conhecendo o R: uma visão mais que estatística**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2013.  
PIMENTEL, F. **Curso de estatística experimental**. Piracicaba: FEALQ, 2009.  
RIBEIRO, I. **Análises estatísticas no Excel: guia prático**. Viçosa - MG: UFV, 2013.

**Referências complementares:**

MAGALH, M. N. **Noções de probabilidade e estatística**. São Paulo: USP, 2013.  
MARTINS, G. de A.; DOMINGUES, O. **Estatística geral e aplicada**. São Paulo: Atlas, 2014.  
NOVAES, D. V. **Estatística para educação profissional e tecnológica**. São Paulo: Atlas, 2013.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Dendrometria

**Código:** ENF-10

**Pré-requisito:** Cálculo

**Código:** NB-07

**CH Teórica:** 60 h

**CH Prática:** 12 h

**CH Extensão:** 8 h

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

**Dendrometria: introdução, histórico, evolução, importância, aplicações. Princípios de mensuração. Árvore dendrométrica. Estudo do diâmetro e circunferência. Estudo da área basal. Estudo da altura de árvores. Relações hipsométricas. Estimativa volumétrica. Estudo da forma do tronco. Avaliação de biomassa.**

**Referências básicas:**

CAMPOS, J. C. C.; LEITE, H. G. **Mensuração florestal: perguntas e respostas**. 4ª ed. Viçosa: Editora UFV, 2013. 605p.  
SOARES, C. P. B.; PAULA NETO, F.; SOUZA, A. L. **Dendrometria e Inventário Florestal**. Viçosa: Editora UFV, 2ª ed. 2011. 272 p.



SCOLFORO, J. R.; THIERSCH, C. R. **Biometria florestal**: medição, volumetria e gravimetria. Lavras: UFLA/FAEPE, 2004.

**Referências complementares:**

BATISTA, J. L. F. **Mensuração de árvores**: uma introdução à mensuração florestal. Piracicaba: ESALQ, 2001. 85p.

SCOLFORO, R. S. **Biometria florestal**: parte I: modelos de regressão linear e não-linear: Parte II - modelos para relação hipsométrica, volume, afilamento, e peso de matéria seca. Lavras: UFLA/FAEPE, 2005.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Pedologia

**Código:** ENF-12

**Pré-requisito:**

**Código:**

**CH Teórica:** 50 h

**CH Prática:** 22 h

**CH Extensão:** 8 h

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

**Introdução à Pedologia. Gênese e morfologia do solo. Solo e paisagem. Física do solo. Química do solo. Classificação dos solos. Uso e manejo do solo.**

**Referências básicas:**

MELO, V. F.; ALLEONI, L.R.F. **Química e Mineralogia do Solo**. Viçosa: SBCS. 1ª ed. (I e II). 2009. 1380 p.

RESENDE, M; RESENDE, S.B; CORRÊA, G.F. **Pedologia**: Base para Distinção de Ambientes. Editora UFLA. 2007. 322 p.

SANTOS, H.G. dos. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. 3ª ed. Ver. ampl. Brasília, DF: Embrapa, 2013. 353 p.

SCHINEIDER, P; KLAMT, E; GIASSON, E. **Morfologia do solo**: subsídios para caracterização e interpretação de solos a campo. Guaíba: Agrolivros, 2007. 72p.

TEIXEIRA, P. C.; DONAGEMMA, G. K.; FONTANA, A.; TEIXEIRA, W. G. **Manual de métodos de análise de solos**. 3ª edição. Brasília, DF:Embrapa,2017. 574 p. Disponível em: <https://www.embrapa.br>.

VAN LIER, Q.J. **Física do Solo**. Viçosa, MG: SBCS, 2010. 298 p.

WHITE, R.E. **Princípios e Práticas da Ciência do Solo**: o solo como um recurso natural. 4ª Ed. Editora Andrei. 2009. 426 p.

**Referências complementares:**

BERTOLLO, M.; ALBERTIN, R.M.; BACHA, A.L R.; et al. **Pedologia**. Porto Alegre : SAGAH, 2020. 286 p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786556901909/>

BERTONI, J.; LOMBARDI NETO, F. **Conservação do solo**. São Paulo: Icone, 8ª ed. 2012. 355 p.

BRADY, N. C.; WEIL, R.R. **Elementos da Natureza e Propriedades dos Solos**. 3. ed. Porto Alegre : Bookman, 2013. 715 p. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565837798/>.

LEPSCH, I.F. **Formação e conservação dos solos**. São Paulo: Oficina de Textos. 2002. 178 p.



PELINSON, N. de S.; DIAS, C. S.; CHAVES, S. S. de F.; et al. **Morfologia e Gênese do Solo**. Porto Alegre: SAGAH, 2021. 407P. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786556901107/>.

SÁ MENDONÇA, E; MATOS, E.S. **Matéria orgânica do solo: métodos de análises**. Viçosa: UFV, 2005. 107p.

### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Genética

**Código:** ENF-13

**Pré-requisito:** Probabilidade e Estatística

**Código:** NB-14

**CH Teórica:** 40 h

**CH Prática:** 40 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 80 horas

#### Ementa:

**Importância e objetivos da Genética. Genética clássica:** herança monogênica e princípios da distribuição independente; interações alélicas; alelos de autoincompatibilidade. **Ligação gênica:** recombinação; mapeamento cromossômico; teste de 3 pontos; permuta dupla; interferência. **Herança extra nuclear; epigenética. Biologia molecular do funcionamento gênico:** Estrutura dos ácidos nucleicos; replicação; transcrição gênica; tradução. **Regulação da transcrição gênica em procariotos e eucariotos. Elementos genéticos de transposição. Mutação gênica; variações na estrutura e no número dos cromossomos. Genética de Populações:** frequências alélicas e genotípicas; equilíbrio de Hardy-Weinberg; coeficiente de endogamia; índice de fixação. **Herança Poligênica e Genética Quantitativa:** base genética de caracteres controlados por poligenes; princípios de Genética Quantitativa. **Evolução:** seleção natural; teoria sintética da evolução. **Biotecnologia:** princípios de genética aplicados aos procedimentos biotecnológicos; restrição, clonagem gênica; reação em cadeia da polimerase; sequenciamento de DNA. **Organismos geneticamente modificados.**

#### Referências básicas:

GRIFFITHS, A.J.F.; WESSLER, S. R.; CARROL, S. B. et al. **Introdução à Genética**. 12 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022.

MENCK, C. F. M. & SLUYS, M-A. V. **Genética Molecular Básica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

SNUSTAD, D. P. & SIMMONS, M. J. **Fundamentos da Genética**. 7ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

#### Referências complementares:

ALBERTS, B.; JOHNSON, A.; LEWIS, J.; RAFF, M.; ROBERTS, K.; WALTER, P. **Biologia Molecular da Célula**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

BROWN, T.A. **Genética: um enfoque molecular**. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

CLARK, A.G.; HARTI, D.L. **Princípios de Genética de Populações**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BUENO, L. C. S; MENDES, A. N. G; CARVALHO, S. P. **Melhoramento genético de plantas: princípios e procedimentos**. 2 ed.UFLA, 2006.

CRUZ, C.D. **Princípios de Genética Quantitativa**. Viçosa: UFV, 2005.

GRIFFITHS, A.J.F.; WESSLER, S. R.; CARROL, S. B. et al. **Introdução à Genética**. 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

PIERCE, B.A. **Genética: um enfoque conceitual**. 5ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

RAMALHO, M.A.P.; SANTOS, J.B.; PINTO, A.B.P. **Genética na Agropecuária**. 5 ed. Lavras: UFLA, 2008.



### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Incêndios florestais

**Código:** ENF-14

**Pré-requisito:**

**CH Teórica:** 30 h

**CH Prática:** 6 h

**CH Extensão:** 4 h

**CH Total:** 40 horas

#### Ementa:

**Princípios da combustão. Classificação de incêndios florestais. Causas e fatores que influem na propagação dos incêndios. Comportamento do fogo. Caracterização do material combustível florestal. Queimas controladas. Efeitos e importância dos incêndios florestais. Métodos de prevenção e controle. Índices de perigo de incêndios. Técnicas de combate aos incêndios florestais.**

#### Referências básicas:

RIBEIRO, G. A. **Formação e Treinamento de Brigada de Incêndio Florestal**. Viçosa: UFV/CPT, 2002, 180p.

SOARES, R. V.; BATISTA, A. C. **Incêndios Florestais: controle, efeitos e uso do fogo**. Curitiba: UFPR, 2007. 250p.

SOARES, R. V.; BATISTA, A. C. **Manual de Prevenção e Combate a incêndios florestais**. 2ª edição, Curitiba, 2008, 55p.

#### Referências complementares:

BRASIL. **Lei nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências (Lei de crimes ambientais). 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19605.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm)

CHAGAS, A. P. **A história e a química do fogo**. Campinas: Átomo, 2006, 119p.

CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente. **Resolução do CONAMA nº 11 de 14 de dezembro de 1988**. Dispõe sobre procedimentos e medidas preventivas referentes a incêndios florestais em Unidades de Conservação. 1988. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/legislacao/MMA/RE0011-141288.PDF>

DIAS, G. F. **Queimadas e incêndios florestais - Cenários e desafios: Subsídios para a educação ambiental**. Brasília: IBAMA/MMA, 2009, 38p. Disponível em: <https://www.terrabrazilis.org.br/ecotecadigital/images/abook/pdf/1sem2015/marco/Mar.15.03.pdf>

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Portaria nº 94-N de 09 de julho de 1998**. Regulamenta a sistemática de queima controlada. 1998. Disponível em: [http://www.ibama.gov.br/phocadownload/prevfogo/legislacao/portaria\\_ibama\\_94\\_n\\_98.pdf](http://www.ibama.gov.br/phocadownload/prevfogo/legislacao/portaria_ibama_94_n_98.pdf)

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Roteiro metodológico para elaboração de plano operativo de prevenção e combate aos incêndios florestais**. Brasília: IBAMA/MMA/PREVFOGO, 2009, 33p. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/livros/roteiometodologicoparaaelaboracaodeplanooperativo/deprenvecaoecombateaosincendiosflorestaisdigital.pdf>

LEMONS, A. F. de; et al. **Manual para formação de brigadistas de prevenção e combate aos incêndios florestais**. Brasília: ICMBIO/MMA, 2010, 90p. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/servicos/sejaumbrigadista.pdf>

SILVA, R. G. da. **Manual de prevenção e combate aos incêndios florestais**. Brasília: IBAMA, 1998, 80p. Disponível em: <http://www.terrabrazilis.org.br/ecotecadigital/pdf/manual-de-prevencao-e-combate-aos-incendios-florestais.pdf>



### EMENTA DA DISCIPLINA

|  |                    |                          |                           |
|--|--------------------|--------------------------|---------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal   |                    |                          |                           |
| <b>Disciplina:</b> Projeto Integrador de extensão I  |                    |                          | <b>Código:</b> PIPEX-02   |
| <b>Pré-requisito:</b>  |                    |                          |                           |
| <b>CH Teórica:</b>   | <b>CH Prática:</b> | <b>CH Extensão:</b> 80 h | <b>CH Total:</b> 80 horas |
| <b>Ementa:</b>   |                    |                          |                           |
| Definição de projeto integrador e seus objetivos. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Indissociabilidade do Ensino-Pesquisa-Extensão. O papel da Extensão nos Institutos Federais. Etapas do Projeto. Normas para elaboração de Projeto Integrador de Extensão.   |                    |                          |                           |
| <b>Referências básicas:</b>  |                    |                          |                           |
| FAZENDA, I. C. A. (org.). <b>O que é interdisciplinaridade?</b> 2a. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 206p.<br>FERRÃO, R. G. <b>Metodologia científica para iniciantes em pesquisa:</b> enfoque acadêmico com abordagem teórico-prática : guia para elaboração e divulgação de trabalhos científicos. 4 Ed. Rev. Vitória: Incaper. 2012. 254p.<br>GARDNER, H. <b>Inteligências múltiplas:</b> a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. |                    |                          |                           |
| <b>Referências complementares:</b>   |                    |                          |                           |
| BRASIL <b>Plano Nacional de Educação 2014-2024</b> [recurso eletrônico]: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: SANTOS, J. dos. <b>Educação profissional e práticas de avaliação.</b> São Paulo: SENAC. 2011. 207 p.<br>SCHMITZ, H. <b>Agricultura familiar: extensão rural e pesquisa participativa.</b> São Paulo: Annablume. 2010. 351p.                  |                    |                          |                           |

### QUINTO SEMESTRE

### EMENTA DA DISCIPLINA

|  |                         |                         |                           |
|--|-------------------------|-------------------------|---------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal   |                         |                         |                           |
| <b>Disciplina:</b> Fertilidade de solos  |                         |                         | <b>Código:</b> ENF-16     |
| <b>Pré-requisito:</b> Pedologia  |                         |                         | <b>Código:</b> ENF-12     |
| <b>CH Teórica:</b> 40 h  | <b>CH Prática:</b> 32 h | <b>CH Extensão:</b> 8 h | <b>CH Total:</b> 80 horas |
| <b>Ementa:</b>   |                         |                         |                           |
| Introdução ao estudo da fertilidade do solo. Leis da fertilidade do solo. Disponibilidade de macro e micronutrientes no solo. Matéria orgânica do solo. Análise química do solo. Interpretação de análises químicas de solo. Avaliação da fertilidade do solo. Recomendação de adubação e calagem. Aptidão agrícola dos solos. Manejo da matéria orgânica do solo. Erosão do solo. Práticas conservacionistas relacionadas às espécies florestais.   |                         |                         |                           |
| <b>Referências básicas:</b>  |                         |                         |                           |
| BRANDÃO, D. S.; SILVEROL, A. C.; SEVERO, F.F.; et al. <b>Química e Fertilidade do Solo.</b> Porto Alegre : SAGAH, 2021. 305 p. Disponível em:<br><a href="https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786556901763/">https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786556901763/</a><br>FINKLER, R.; PEDROSO, R. M.; STEIN, R. T.; LAZZARINI, P. R. C. <b>Ciências do solo e fertilidade.</b> Porto Alegre: SAGAH, 2018. 240 p. Disponível em:<br><a href="https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595028135/">https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595028135/</a><br>MELO, V. F.; ALLEONI, L.R.F. <b>Química e Mineralogia do Solo.</b> Viçosa: SBCS. 1ª ed. (I e II). 2009. 1380 p.<br>NOVAIS, R.F et al. <b>Fertilidade do Solo.</b> Viçosa, MG: SBCS, 2017. 1017 p. |                         |                         |                           |



TEIXEIRA, P. C.; DONAGEMMA, G. K.; FONTANA, A.; TEIXEIRA, W. G. **Manual de métodos de métodos de análise de solos**. 3ª edição. Brasília, DF:Embrapa,2017. 574 p. Disponível em: <https://www.embrapa.br>.

TROEH, F.R.; THOMPSON, L.M. **Solos e Fertilidade do Solo**. São Paulo: Andrei. 6ª ed. 2007. 718 p.

**Referências complementares:**

BERTONI, J.; LOMBARDI NETO, F. **Conservação do solo**. São Paulo: Icone, 8ª ed. 2012. 355 p

LEPSCH, I.F. **Formação e conservação dos solos**. São Paulo: Oficina de Textos. 2002. 178 p.

PRUSKI, F.F. **Conservação de solo e água: práticas mecânicas para o controle da erosão hídrica**. 2ª ed. atual e ampl. Viçosa, MG: Editora UFV. 2009. 279 p

SÁ MENDONÇA, E; MATOS, E.S. **Matéria orgânica do solo: métodos de análises**. Viçosa: UFV, 2005. 107p.

SILVA, F.C da. **Manual de análises químicas de solos, plantas e fertilizantes**. 2 ed. red. ampl. Brasília, DF: Embrapa Informações Tecnológicas. 2009. 627 p.

VILLAR, M. L. P. **Manual de interpretação de análise de plantas e solos e recomendação de adubação**. Cuiabá: EMPAER-MT, 2007. 182 p. (EMPAER-MT, Série Documentos, 35).Disponível em: <http://www.empaer.mt.gov.br>.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Melhoramento Florestal

**Código:** ENF-17

**Pré-requisito:** Genética

**Código:** ENF-13

**CH Teórica:** 60 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

**Terminologia aplicada ao melhoramento florestal. Sistemas reprodutivos de espécies florestais. Base genética do melhoramento de espécies florestais. Testes genéticos. Seleção: princípios, tipos e métodos. Estratégias de melhoramento florestal. Produção de sementes melhoradas. Noções de biotecnologia florestal. Melhoramento de espécies exóticas e de espécies nativas.**

**Referências básicas:**

ALFENAS, A. C.; ZAUZA, E. A.; MAFIA, R. G.; DE ASSIS, T. F. **Clonagem e doenças do eucalipto**. 2.ed. Viçosa: UFV, 2009. 500 p.

BORÉM, A.; MIRANDA, G.V. **Melhoramento de plantas**. 7.ed. Viçosa: UFV, 2017. 523p.

BUENO, L.C.S.; MENDES, A.N.G.; CARVALHO, S.P. **Melhoramento Genético de Plantas: Princípios e Procedimentos**. 2.ed. Lavras: UFLA, 2006. 282 p.

FONSECA, S. M.; RESENDE, M.D.V.; ALFENAS, A.C.; GUIMARÃES, L.M.S.; ASSIS, T.F.;

GRATTAPLAGLIA. **Manual Prático de Melhoramento Genético do Eucalipto**. Viçosa: UFV, 2010. 200 p.

**Referências complementares:**



BACCARIN, F. J. B.; BACCARIN, L. de A.; VIEIRA, I. G. ALMEIDA, M. de. **Resgate de matrizes de eucaliptos subtropicais**. Curitiba: Appris, 2017. 82 p.  
 CRUZ, C. D. **Princípios de genética quantitativa**. Viçosa: UFV, 2005. 394 p.  
 PIMENTA, C. A. M. **Genética aplicada à biotecnologia**. São Paulo: Erica, 2015. 112 p.  
 RAMALHO, M. A. P.; SANTOS, J. B.; PINTO, C. A.B. P. **Genética na agropecuária**. 5 ed. Lavras: UFLA, 2012. 565 p.  
 XAVIER, A.; WENDLING, I.; SILVA, R. L. **Silvicultura clonal: princípios e técnicas**. Viçosa: UFV. 2013. 279 p.

### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Entomologia Florestal

**Código:** ENF-18

**Pré-requisito:** Biologia geral

**Código:** NB-04

**CH Teórica:** 20 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 40 horas

#### Ementa:

**Reino Animal (Filo Arthropoda: Classe Insecta). História evolutiva das ordens dos insetos e dos hábitos alimentares. Importância e diversidade dos insetos. Morfologia interna e externa dos insetos. Ordens. Biologia, Comportamento e ecologia dos principais grupos. Identificação das ordens e famílias de insetos de importância florestal. Reprodução e desenvolvimento e metamorfose dos insetos. Métodos de amostragem, de coleta, de montagem e conservação de insetos. Insetos úteis. Coleções Entomológicas.**

#### Referências básicas:

COSTA, E. C.; D'AVILA, M.; CANTARELLI, E. B. **Entomologia florestal**. 3º Edição Revista e Ampliada, Santa Maria: Editora UFSM, 2014. 256p.  
 CARRANO-MOREIRA, A. F. **Manejo integrado de pragas florestais: fundamentos ecológicos, conceitos e táticas de controle**. Rio de Janeiro: Technical Books, 2014. 349p  
 GULLAN, P. J.; CRANSTON, P. S. **Insetos: Fundamentos da entomologia**. 5ª Edição, Rio de Janeiro: Roca, 2017. 435p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788527731188>  
 GULLAN, P. J. **Os insetos: um resumo da entomologia**. 4ª Edição, São Paulo: Roca, 2012. 480p.  
 SILVA, N. M.; ADAIME, R.; ZUCCHI, R. A. **Pragas agrícolas e florestais na Amazônia**. Brasília: EMBRAPA, 2016. 608p.

#### Referências complementares:

FONSECA, E. M. dos S.; ARAÚJO, R. C. D. **Fitossanidade princípios básicos e métodos de controle de doenças e pragas**. 1ª edição, São Paulo: Saraiva, 2015. 136p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788536530956/pageid/0>  
 MOURA, A. S. et al. **Entomologia agrícola**. (Recurso eletrônico). Porto Alegre: SAGAH, 2021. 352p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786556900032/pageid/1>  
 RAFAEL, J. A. et al. **Insetos do Brasil: Diversidade e taxonomia**. Ribeirão Preto: Holos, 2012. 796p.  
 TRIPLEHORN, C. A.; JOHNSON, N. F. **Estudo dos insetos**. Tradução Noveritis do Brasil. 2ª Edição, São Paulo: Cengage Learning, 2015. 763p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522124978/pageid/2>  
 ZAMBOLIM, L.; PICANÇO, M. C. **Controle biológico: pragas e doenças, exemplos práticos**. Viçosa: UFV, 2009. 310p.

### EMENTA DA DISCIPLINA



|   |                         |                     |                           |
|---|-------------------------|---------------------|---------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal  |                         |                     |                           |
| <b>Disciplina:</b> Anatomia e Química da Madeira  |                         |                     | <b>Código:</b> ENF-19     |
| <b>Pré-requisito:</b>   |                         |                     |                           |
| <b>CH Teórica:</b> 60 h   | <b>CH Prática:</b> 20 h | <b>CH Extensão:</b> | <b>CH Total:</b> 80 horas |
| <b>Ementa:</b>  |                         |                     |                           |
| Cortes histológicos. Atividades fisiológicas do tronco. Estruturas macroscópicas do tronco: casca, câmbio, anéis de crescimento, raio, cerne, albume e medula. Estrutura da parede celular. Planos anatômicos de cortes. Propriedades organolépticas da madeira: cor, cheiro, gosto, textura, brilho, Figura (desenho), grã, massa específica e dureza. Microscopia. Identificação de madeiras. Defeito da madeira. Celulose. Hemicelulose. Lignina. Extração e processamento de resinas e de óleos essenciais. |                         |                     |                           |
| <b>Referências básicas:</b>   |                         |                     |                           |
| GLÓRIA, B. A., GUERREIRO, S. M. C. <b>Anatomia Vegetal</b> . UFV – Viçosa – MG, 2012. 404p.<br>ALFENAS, A. C.; VALVERDE, E. A. et al. <b>Anatomia das plantas com sementes</b> . UFV. 2009.<br>SALISBURY, F. B. <b>Fisiologia das Plantas</b> . São Paulo: Cengage Learning, 2012.  |                         |                     |                           |
| <b>Referências complementares:</b>  |                         |                     |                           |
| PAULA, J. E. DE; ALVES, J. L. DE H. <b>897 Madeiras Nativas do Brasil: Anatomia, dendrologia, dendrometria, produção, uso</b> . 1 ed. Urubici: Cinco continentes editora, 2007.<br>PEREIRA, A. F. <b>Madeiras brasileiras: guia de combinação e substituição</b> . 2 ed. São Paulo: Blucher, 2020.<br>SOUZA, M. H. DE. <b>Madeiras tropicais brasileiras: Brazilian tropical woods</b> . 2 ed. Brasília: Edições Ibama, 2002.   |                         |                     |                           |

| <b>EMENTA DA DISCIPLINA</b>  |                    |                     |                                 |
|--|--------------------|---------------------|---------------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal   |                    |                     |                                 |
| <b>Disciplina:</b> Fisiologia vegetal  |                    |                     | <b>Código:</b> ENF-20           |
| <b>Pré-requisito:</b> Bioquímica;<br>Morfologia e taxonomia vegetal  |                    |                     | <b>Código:</b> ENF-15<br>ENF-03 |
| <b>CH Teórica:</b> 40 h  | <b>CH Prática:</b> | <b>CH Extensão:</b> | <b>CH Total:</b> 40 horas       |
| <b>Ementa:</b>   |                    |                     |                                 |
| Aplicações da fisiologia vegetal. Fotossíntese. Respiração. Absorção de água e sais minerais. Balanço hídrico. Assimilação de nutrientes minerais. Translocação de solutos orgânicos. Crescimento e desenvolvimento. Desenvolvimento reprodutivo. Reguladores de crescimento vegetal. Fisiologia do estresse.  |                    |                     |                                 |
| <b>Referências básicas:</b>  |                    |                     |                                 |
| TAIZ, L.; ZEIGER, E. <b>Fisiologia Vegetal</b> , 3. Ed., Artmed, 2004.<br>KERBAUY, G.B. <b>Fisiologia Vegetal</b> . Ed. 1. Guanabara Koogan, 2009.<br>RAVEN, P.H.; EVERT, R.F.; EICHHORN, S.E. <b>Biologia Vegetal</b> , 6. Ed., Guanabara-Koogan, 2001.   |                    |                     |                                 |
| <b>Referências complementares:</b>   |                    |                     |                                 |
| DA SILVEIRA, T. A.a; CEOLA, G.. <b>Fisiologia vegetal</b> . Porto Alegre: Grupo A, 2019.<br>MARENCO, R.A.; LOPES, N.F. <b>Fisiologia Vegetal - Fotossíntese, Respiração, Relações Hídricas e Nutrição Mineral</b> . 3° ed. Editora UFV, 2009.<br>SCHWAMBACH, Cornélio; SOBRINHO, Geraldo C. <b>Fisiologia Vegetal - Introdução às Características, Funcionamento e Estruturas das Plantas e Interação com a Natureza</b> . São Paulo: Editora Saraiva, 2014. |                    |                     |                                 |



### EMENTA DA DISCIPLINA

|  |                         |                     |                           |
|--|-------------------------|---------------------|---------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal   |                         |                     |                           |
| <b>Disciplina:</b> Silvicultura tropical   |                         |                     | <b>Código:</b> ENF-21     |
| <b>Pré-requisito:</b>  |                         |                     | <b>Código:</b>            |
| <b>CH Teórica:</b> 60 h  | <b>CH Prática:</b> 20 h | <b>CH Extensão:</b> | <b>CH Total:</b> 80 horas |
| <b>Ementa:</b>   |                         |                     |                           |
| Introdução; dinâmica das florestas tropicais; regeneração natural; fragmentos florestais; ciclagem de nutrientes em florestas; métodos e sistemas silviculturais aplicados às florestas tropicais.   |                         |                     |                           |
| <b>Referências básicas:</b>  |                         |                     |                           |
| DAVIDE, A.C. e BOTELHO, S.A. <b>Fundamentos e métodos de restauração de ecossistemas florestais: 25 anos de experiência em mata ciliares.</b> Ed. UFLA, 2015. 636 p.<br>SOUZA, A. L.; SOARES, C. P. B. <b>Florestas nativas: estrutura, dinâmica e manejo.</b> Viçosa: Editora UFV, 2013, 322p.<br>MARTINS, S.V. <b>Ecologia de florestas tropicais do Brasil.</b> 2 ed. ver. e ampl. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2012. 371 p.  |                         |                     |                           |
| <b>Referências complementares:</b>   |                         |                     |                           |
| CARVALHO, P.E.R. <b>Espécies arbóreas brasileiras.</b> Editora Embrapa, 2003. 1040p. vol. 1 Embrapa Florestas. <b>Cultivo de eucalipto.</b> Sistemas de produção n. 4, agosto de 2003. Embrapa Florestas. <b>Cultivo de pinus.</b> Sistemas de produção n. 5, novembro de 2005. Embrapa-Centro Nacional de Pesquisa de Florestas. <b>Manual técnico da bracatinga.</b> Curitiba: Embrapa-CNPq, 1998. (Doc. 20)<br>LORENZI, Harri <b>Árvores Brasileiras.</b> Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Vol.1 Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008. 384 p. |                         |                     |                           |

### EMENTA DA DISCIPLINA

|   |                         |                     |                           |
|---|-------------------------|---------------------|---------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal  |                         |                     |                           |
| <b>Disciplina:</b> Topografia   |                         |                     | <b>Código:</b> ENF-48     |
| <b>Pré-requisito:</b>   |                         |                     | <b>Código:</b>            |
| <b>CH Teórica:</b> 30 h   | <b>CH Prática:</b> 10 h | <b>CH Extensão:</b> | <b>CH Total:</b> 40 horas |
| <b>Ementa:</b>  |                         |                     |                           |
| Introdução, importância e aplicações da topografia; Equipamentos Topográficos; medição de ângulos e distâncias; Orientação e Alinhamentos; Planimetria e Altimetria; desenho topográfico; determinação de áreas; traçado de curvas de nível.                                  |                         |                     |                           |
| <b>Referências básicas:</b>   |                         |                     |                           |
| COMASTRI, J. A. <b>Topografia : altimetria.</b> 3. ed. Viçosa, MG: UFV, 1999.<br>McCORMAC, J. C. <b>Topografia.</b> 5. ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2007.<br>CASACA, J.M.; MATOS, J. L.; DIAS, J. M. B. <b>Topografia geral.</b> 4. ed. atual. Rio de Janeiro: LTC, 2007. |                         |                     |                           |
| <b>Referências complementares:</b>  |                         |                     |                           |



ALVES, M. de C.; SILVA, F. M. da. **Geomática para levantamento de ambientes**: base para aplicação em Topografia, Georreferenciamento e Agricultura de Precisão. Lavras: Ed. UFLA, 2016.  
COSTA, A. A. da. **Topografia**. Curitiba: Livro Técnico, 2011.  
DAIBERT, J. D. **Topografia**: técnicas e práticas de campo. 2. ed. São Paulo: Érica, 2014.

## SEXTO SEMESTRE

### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Nutrição Florestal

**Código:** ENF-22

**Pré-requisito:** Fertilidade e Manejo dos Solos

**Código:** ENF-16

**CH Teórica:** 50 h

**CH Prática:** 22 h

**CH Extensão:** 8 h

**CH Total:** 80 horas

#### **Ementa:**

**Elementos essenciais e suas funções, Composição mineral das plantas. Absorção, transporte e redistribuição de nutrientes. Diagnóstico foliar e avaliação do estado nutricional de plantas. Nutrição foliar. Ciclagem de nutrientes em um ecossistema florestal. Recomendação de calagem e adubação para espécies florestais.**

#### **Referências básicas:**

EPSTEIN, E.; BLOOM, A. J. **Nutrição mineral de plantas**: princípios e perspectivas. 2. ed. Londrina: Editora Planta, 2004.

SILVA, F. C da. **Manual de análises químicas de solos, plantas e fertilizantes**. 2 ed. rev. ampl. Brasília: Embrapa Informações Tecnológicas, 2009.

SORREANO, M. C. M.; RODRIGUES, R. R.; BOARETTO, A. E. **Guia de nutrição para espécies florestais nativas**. São Paulo: Oficina de Textos, 2012.

TAIZ, L.; ZEIGER, E. **Fisiologia vegetal**. 4. ed. Porto Alegre: Artmet, 2009.

VILLAR, M. L. P. **Manual de interpretação de análise de plantas e solos e recomendação de adubação**. Cuiabá: EMPAER-MT, 2007. (EMPAER-MT, Série Documentos, 35). Disponível em: <http://www.empaer.mt.gov.br>.

#### **Referências complementares:**

REIS, A. C. dos. **Manejo de solo e plantas**. Porto Alegre: SAGAH, 2017. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595022843/>.

FAQUIN, W. **Nutrição mineral de plantas**. Lavras: UFLA: FAEPE, 2005. Disponível em: <https://dcs.ufla.br>.

MARTINS, S. V. **Ecologia de florestas tropicais do Brasil**. 2. ed. rev. e ampl. Viçosa, MG: UFV, 2012.

SCHWAMBACH, C; SOBRINHO, G. C. **Fisiologia vegetal**: introdução às características, funcionamento e estruturas das plantas e interação com a natureza. São Paulo: Érica, 2014.

Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536521572/>

TAIZ, L. *et al.* **Fisiologia e desenvolvimento vegetal**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582713679/>.

### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Sensoriamento Remoto e Geotecnologia

**Código:** ENF-23

**Pré-requisito:**



|   |                  |              |                    |
|---|------------------|--------------|--------------------|
| CH Teórica: 40 h  | CH Prática: 40 h | CH Extensão: | CH Total: 80 horas |
| <b>Ementa:</b>  |                  |              |                    |
| Fundamentos de Sensoriamento Remoto. Radiação eletromagnética. Sensores e satélites. Análises de imagens: interpretação visual e digital. Composições coloridas. Seleção de imagens de satélite. Exemplos de aplicação de imagens de satélite. Fotogrametria e fotointerpretação. Princípios de estereoscopia. Processamento digital de Imagens. Georreferenciamento. |                  |              |                    |
| <b>Referências básicas:</b>   |                  |              |                    |
| FLORENZANO, T. G. <i>Iniciação em sensoriamento remoto</i> . 3. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.   |                  |              |                    |
| MOREIRA, M. A. <i>Fundamentos do sensoriamento remoto e metodologias de aplicação</i> . 4. ed. Viçosa: UFV, 2011.   |                  |              |                    |
| NOVO, E. M. L. de M. <i>Sensoriamento remoto: princípios e aplicações</i> . 4. ed. rev. São Paulo: Blucher, 2010.   |                  |              |                    |
| <b>Referências complementares:</b>  |                  |              |                    |
| FITZ, P. R. <i>Geoprocessamento sem complicação</i> . São Paulo: Oficina de Textos, 2008.   |                  |              |                    |
| FITZ, P.R. <i>Cartografia básica</i> . São Paulo: Oficina de textos, 2008.  |                  |              |                    |
| GORGENS, E. B. <i>LiDAR: aplicações florestais</i> . Curitiba: Ed. CRV, 2014.   |                  |              |                    |
| PONZONI, F. J.; SHIMABUKURO, Y. E.; KUPLICH, T. M. <i>Sensoriamento remoto da vegetação</i> . 2. ed. atual. São Paulo: Oficina de Textos, 2012.   |                  |              |                    |

| EMENTA DA DISCIPLINA   |             |                |                    |
|--|-------------|----------------|--------------------|
| Curso: Engenharia Florestal  |             |                |                    |
| Disciplina: Administração de Empreendimentos Florestais  |             | Código: ENF-24 |                    |
| Pré-requisito:   |             | Código:        |                    |
| CH Teórica: 40 h   | CH Prática: | CH Extensão:   | CH Total: 40 horas |
| <b>Ementa:</b>   |             |                |                    |
| Administração de empresas florestais. As organizações e o profissional da era do conhecimento. O ambiente e as organizações. O processo administrativo. Áreas funcionais da administração. Gestão de pessoas. Gestão de marketing. Papel e a importância dos pequenos e médios empreendimentos florestais. Procedimentos para criação de empresas florestais. Empreendedorismo. Tópicos atuais em administração florestal. |             |                |                    |
| <b>Referências básicas:</b>  |             |                |                    |
| CHIAVENATO, I. <i>Administração nos novos tempos</i> . 2 ed. Rio de Janeiro: <i>Campus</i> , 2009. 648p.   |             |                |                    |
| TRINDADE, C.; REZENDE, J.L.P.; JACOVINE, L.A.G.; SARTÓRIO, M.L. <i>Ferramentas da qualidade aplicação da atividade florestal</i> . 2 ed. Viçosa: UFV, 2007. 158p.  |             |                |                    |
| VALVERDE, S.R. (Ed.) <i>Elementos de gestão ambiental empresarial</i> . Viçosa: UFV, 2005. 127p.   |             |                |                    |
| <b>Referências complementares:</b>   |             |                |                    |
| CHIAVENATO, I. <i>Administração de recursos humanos: fundamentos básicos</i> . 7 ed. São Paulo: Atlas, 2009. 205p.   |             |                |                    |
| DRUCKER, P. <i>Inovação e espírito empreendedor - prática e princípios</i> . São Paulo: Cengage, 2008. 378p.   |             |                |                    |
| MARTINS, P.G.; LAUGENI, F.P. <i>Administração da produção</i> . São Paulo: Saraiva, 1998. 443p.  |             |                |                    |
| MAXIMINIANO, A.C.A. <i>Introdução à administração</i> . 5 ed. São Paulo: Atlas, 2000. 546p.  |             |                |                    |
| SILVA, N.; SALIM, C.S. <i>Introdução ao empreendedorismo</i> . Rio de Janeiro: <i>Campus</i> , 2009. 377p.   |             |                |                    |



| EMENTA DA DISCIPLINA  |                  |                  |                    |
|---|------------------|------------------|--------------------|
| Curso: Engenharia Florestal   |                  |                  |                    |
| Disciplina: Tecnologia e Utilização da Madeira  |                  |                  | Código: ENF-25     |
| Pré-requisito: Anatomia e química da madeira  |                  |                  | Código: ENF-19     |
| CH Teórica: 60 h  | CH Prática: 12 h | CH Extensão: 8 h | CH Total: 80 horas |
| <b>Ementa:</b>  |                  |                  |                    |
| Propriedades físicas, mecânicas, térmicas, elétricas e acústicas da madeira. Avaliação tecnológica da madeira; Instrumentos de medição; Máquinas universais de ensaio, ensaios e inspeção. Causas e agentes da deterioração da madeira. Tipos de degradação na madeira e Meios de controle. Preservação da madeira. Testes de toxicidade. Tratamentos da madeira. Alterações físico-químicas e microbiológicas. Aditivos. Construções. Agentes biológicos: fungos e insetos. Medições do teor de umidade. Secagem da madeira: métodos, etapas da secagem. Defeitos de secagem: Empenamento, Rachamento, Encruamento, Colapso e rachaduras em favos. Conservação e armazenamento da madeira. |                  |                  |                    |
| <b>Referências básicas:</b>   |                  |                  |                    |
| CALIL JÚNIOR, C.; LAHR, F. A. R.; DIAS, A. A. <b>Dimensionamento de elementos estruturais de madeira</b> . São Paulo: Manole, 2003.<br>NENNEWITZ, I. <i>et al.</i> <b>Manual da tecnologia da madeira</b> . 2. ed. São Paulo: Blucher, 2012.<br>PFEIL, W.; PFEIL, M. <b>Estruturas de madeira</b> . 6. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: LTC, 2003.  |                  |                  |                    |
| <b>Referências complementares:</b>  |                  |                  |                    |
| ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. <b>ABNT NBR 7190</b> : projetos de estruturas de madeira. Rio de Janeiro: ABNT, 1997.<br>OLIVEIRA, J. T da S.; FERREIRA, D. G. da S. <b>Secagem e Tratamento de madeira na fazenda</b> . Viçosa, MG: CPT, 2011.<br>PEREIRA, A. F. <b>Madeiras brasileiras</b> : guia de combinação e substituição. São Paulo: Blucher, 2013.  |                  |                  |                    |

| EMENTA DA DISCIPLINA   |                  |                   |                    |
|--|------------------|-------------------|--------------------|
| Curso: Engenharia Florestal  |                  |                   |                    |
| Disciplina: Extensão Rural   |                  |                   | Código: ENF-39     |
| Pré-requisito:   |                  |                   | Código:            |
| CH Teórica: 20 h   | CH Prática: 10 h | CH Extensão: 10 h | CH Total: 40 horas |
| <b>Ementa:</b>   |                  |                   |                    |
| Fundamentos da extensão Rural. Extensão rural - Aspectos gerais, ideologia do serviço de extensão. Caracterização de produtores rurais. Estrutura agrícola do Brasil e de Rondônia. Métodos de aprendizagem e treinamento. Processos de comunicação e difusão de inovações. Planejamento e avaliação de programas de extensão. Pesquisa, ensino e extensão. Políticas florestais. Planejamento Aplicado a extensão rural.                                |                  |                   |                    |
| <b>Referências básicas:</b>  |                  |                   |                    |
| BARROS, E. V. <b>Princípios de ciências sociais para a extensão rural</b> . Viçosa: UFV, 1994.<br>BRASIL. <b>Lei nº 12.188 de 11 de janeiro de 2010</b> . Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. Brasília, DF: Presidência da República, 2010.<br>CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. <b>Agroecologia e Extensão Rural</b> : contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Brasília: MDA: SAF: DATER-IICA, 2004. |                  |                   |                    |



SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA (SNA). **Da monocultura ao agribusiness**: a história da sociedade nacional de agricultura. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2005.  
FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.  
SCHIMITZ, H. **Agricultura familiar**: extensão rural e pesquisa participativa. São Paulo: Annablume, 2010.  
SILVA, R. C. da. **Extensão rural**. São Paulo: Érica, 2014.

**Referências complementares:**

ALMEIDA, J. A. **Pesquisa em extensão rural**: um manual de metodologia. Brasília: MEC: ABEAS, 1989.  
BROSE, M. (org.) **Participação na extensão rural**: experiências inovadoras de desenvolvimento local. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.  
MOLINA, M. I. G. Fundamentos para o trabalho com grupos em extensão rural. **Cadernos de Difusão de Tecnologia**, Brasília, DF, v. 5, n. 1/3, jan./dez. 1988.  
PNUD. O papel do técnico como facilitador nos processos de capacitação. **Série Cadernos Temáticos**, Recife, PE, n. 4, 1999.  
VALENTE, A.L. Juventude universitária e processo de formação: uma análise de reações discentes à disciplina extensão Rural. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.) **Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude**. São Paulo: Cortez, 2006.  
VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo**: guia prático de DRP. Brasília: MDA: Secretaria de Agricultura Familiar, 2006.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Patologia Florestal

**Código:** ENF-27

**Pré-requisito:** Microbiologia

**Código:** ENF-08

**CH Teórica:** 20 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 40 horas

**Ementa:**

**Introdução à patologia florestal. Conceitos em fitopatologia. Principais enfermidades florestais. Doenças florestais de causas não parasitárias. Agentes causais de doenças florestais parasitárias. Princípios de micologia para reconhecimento dos principais gêneros de fungos patógenos florestais. Sintomatologia das doenças florestais. Etiologia. Epifitologia. Princípios de controle de doenças de plantas. Controle de enfermidades florestais com fungicidas e nematicidas. Resistência de plantas no controle de enfermidades. Micorrizas. Apodrecimento e descoloração de madeira**

**Referências básicas:**

GASPAROTTO, L. **Doenças de espécies florestais arbóreas nativas e exóticas na Amazônia**: Brasília: Embrapa, 2014.  
AMORIM, L.; REZENDE, J. A. M.; BERGAMIN FILHO A. **Manual de fitopatologia**: princípios e conceitos. 5. ed. São Paulo, SP: Agronômica Ceres. 2018. v. 1.  
AMORIM, L. *et al.* **Manual de fitopatologia**: doenças das plantas cultivadas. 5. ed. São Paulo, SP: Agronômica Ceres, 2016. v. 2.  
SILVA, N. M. da; ADAIME, R.; ZUCHI, R. A. **Pragas agrícolas e florestais na Amazônia**. Brasília: EMBRAPA, 2016.  
SANTOS, A. F. *et al.* **Patologia de sementes florestais**. 1. ed. Colombo, PR: Embrapa, 2015.



ZAMBOLIM, L.; JESUS JÚNIOR, W. C.; PEREIRA O. L. **O essencial da fitopatologia: agentes causais**. Viçosa, MG: UFV, 2012. v. 2.

**Referências complementares:**

ALFENAS, C. A. **Métodos em fitopatologia**. 2. ed. Viçosa, MG: UFV, 2016.  
GASPAROTTO, L.; PEREIRA, R. C. J. **Doenças da seringueira no Brasil**. 2. ed. Brasília, DF: Embrapa, 2012.  
ZAMBOLIM, L.; PICANÇO, M. C. **Controle biológico: pragas e doenças: exemplos práticos**. Viçosa, MG: UFV, 2009.  
EIRAS, M.; GALLETI, R. R. **Técnicas de diagnósticos de fitopatógenos**. São Paulo: Devir, 2012.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Tópicos Especiais em Engenharia Florestal

**Código:** ENF-28

**Pré-requisito:**

**CH Teórica:** 20 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 40 horas

**Ementa:**

**Inovações tecnológicas decorrentes de pesquisas recentes: aplicações específicas ou gerais na área da Engenharia Florestal. Aspectos específicos de uma ou mais áreas de conhecimento, que merecem uma abordagem integrada mais detalhada em função do interesse social, técnico e/ou científico.**

**Referências básicas:**

**Referências complementares:**

**SÉTIMO SEMESTRE**

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Tecnologia de Sementes e Viveiros Florestais

**Código:** ENF-29

**Pré-requisito:**

**CH Teórica:** 40 h

**CH Prática:** 32 h

**CH Extensão:** 8 h

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

**Formação e maturação de sementes; coleta e beneficiamento de sementes; germinação; dormência e métodos de superação; vigor; armazenamento de sementes; planejamento e instalação de viveiros florestais; métodos de propagação sexuada e assexuada; tipos de**



recipientes, sombreamento e substratos; técnicas de semeadura; sistema de irrigação; avaliação do desenvolvimento das mudas

**Referências básicas:**

GARCIA, L.C.; SILAS, G.A. de S.; LIMA, R.B.M. de. 2011. **Coleta e manejo de sementes florestais da Amazônia**. 2a.ed. EMBRAPA. 28p.  
PAIVA, H.N.; GOMES, J.M. 2011. **Propagação vegetativa de espécies florestais**. Caderno didático. UFV, 46 p.  
PAIVA, H.N.; GOMES, J.M. 2006. **Viveiros florestais**. Caderno didático. UFV, 46 p.

**Referências complementares:**

XAVIER, A.; WENDLING, I E SILVA, R.L. 2009. **Silvicultura clonal**- princípios e técnicas. UFV.  
EPSTIEN, E. BLOOM, A. 2006. **Nutrição mineral de plantas**: princípios e perspectivas. 2ed.  
WENDLING, I. 2001. **Planejamento e instalação de viveiros**.2a. ed. Viçosa: Aprenda Fácil.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Indústria e Derivados da Madeira

**Código:** ENF-30

**Pré-requisito:** Tecnologia e Utilização da Madeira

**Código:** ENF-25

**CH Teórica:** 60 h

**CH Prática:** 12 h

**CH Extensão:** 8 h

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

Características da atividade moveleira no Brasil. Principais polos moveleiros. Indicadores econômicos. Matérias-primas principais. Matérias-primas alternativas. Processos de produção de móveis. Planejamento de serraria. Tipos básicos de engenhos de serra. Manutenção das serras e engenhos de serra. Classificação das toras. Técnicas de desdobro. Secagem de madeira serrada. Técnicas de acabamento para madeira e derivados. Revestimento para madeiras e derivados. O setor nacional de celulose e papel. Matérias-primas fibrosas. Classificação e caracterização dos processos de polpação. Preparo da madeira para polpação. Os processos alcalinos de polpação. O processo Kraft. Madeira com fins energéticos, teoria da carbonização.

**Referências básicas:**

NENNEWITZ, I. et al. **Manual da Tecnologia da Madeira**. 2 ed. Blucher, São Paulo, 2012, 354p.  
PEREIRA, A. F. **Madeiras Brasileiras** - Guia de combinação e substituição. Ed. Blucher e Fapemig. 2013. 132 p.  
VITAL, B. R. **Planejamento e operação de serrarias**. Viçosa: Ed. UFV. 2008. 211 p.

**Referências complementares:**

BERNARDI, R. **Uso de painéis de madeira reconstituída**. SENAI, 2003, 104p.  
JUNIOR, Carlito C.; LAHR, Francisco Antonio R.; DIAS, Antonio A. **Dimensionamento de Elementos Estruturais de Madeira**. São Paulo: Editora Manole, 2003.  
PFEIL, Walter; PFEIL, Michèle. **Estruturas de Madeira, 6ª edição**. São Paulo: Grupo GEN, 2003.  
SOUZA, M. H. et al. **Madeiras Tropicais Brasileiras**. IBAMA Brasília – DF, 2002. 152p.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Geoprocessamento

**Código:** ENF-31



|   |                         |                         |                                 |
|---|-------------------------|-------------------------|---------------------------------|
| <b>Pré-requisito:</b> Sensoriamento remoto<br>Topografia  |                         |                         | <b>Código:</b> ENF-23<br>ENF-48 |
| <b>CH Teórica:</b> 40 h   | <b>CH Prática:</b> 32 h | <b>CH Extensão:</b> 8 h | <b>CH Total:</b> 80 horas       |
| <b>Ementa:</b>  |                         |                         |                                 |
| Introdução, definição e importância do Geoprocessamento. Noções básicas de cartografia e geodésia. Conceitos, fundamentos e componentes principais dos Sistema de Informação Geográfica (SIG). Tipos de dados em geoprocessamento. Representação gráfica. Modelo Raster. Modelo Vetorial. Modelo de Elevação. Aplicação de GPS na coleta de informações florestais. Estudo e aplicação do Geoprocessamento na Engenharia Florestal. |                         |                         |                                 |
| <b>Referências básicas:</b>   |                         |                         |                                 |
| FITZ, P.R. <b>Geoprocessamento sem complicação</b> . São Paulo: Oficina de Textos, 2008. 159 p.<br>FITZ, P.R. <b>Cartografia Básica</b> . São Paulo: Oficina de textos, 2008. 143 p.<br>MIRANDA, J. I. <b>Fundamentos de sistemas de informações geográficas</b> . Brasília: Embrapa, 2015. 399 p.<br>SILVA, J. X. da; ZAIDAN, R. T. <b>Geoprocessamento e meio ambiente</b> . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 328 p.        |                         |                         |                                 |
| <b>Referências complementares:</b>  |                         |                         |                                 |
| FUKS, S.; CARVALHO, M.S.; CÂMARA, G.; MONTEIRO, A. M. <b>Análise espacial de dados geográficos</b> . Brasília, Embrapa, 2ª. Ed. 2004.<br>LANG, S.; BLASCHKE, T. <b>Análise da paisagem com SIG</b> . São Paulo: Oficina de Textos, 2009. 423 p.<br>SILVA, Jorge Xavier da; ZAIDAN, Ricardo Tavares (Org.). <b>Geoprocessamento &amp; análise ambiental: aplicações</b> . 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 363 p.       |                         |                         |                                 |

| <b>EMENTA DA DISCIPLINA</b>   |                         |                         |                           |
|---|-------------------------|-------------------------|---------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal  |                         |                         |                           |
| <b>Disciplina:</b> Inventário Florestal   |                         |                         | <b>Código:</b> ENF-32     |
| <b>Pré-requisito:</b> Dendrometria  |                         |                         | <b>Código:</b> ENF-10     |
| <b>CH Teórica:</b> 60 h   | <b>CH Prática:</b> 12 h | <b>CH Extensão:</b> 8 h | <b>CH Total:</b> 80 horas |
| <b>Ementa:</b>  |                         |                         |                           |
| Definição e tipos de inventários florestais. Teoria, métodos e processos de amostragem. Fundamentos do planejamento de inventários florestais: Estruturação (recursos), processamento dos dados e elaboração de relatório de inventário florestal.  |                         |                         |                           |
| <b>Referências básicas:</b>   |                         |                         |                           |
| SOARES, C. P.; PAULA NETO, F.; SOUZA, A. L. <b>Dendrometria e Inventário Florestal</b> . 2ª edição, Viçosa: UFV, 2011. 272p.<br>SCOLFORO, J. R. S.; MELLO, J. M. de. <b>Inventário Florestal</b> . Lavras: UFLA/FAEPE, 2006. 561p.<br>FLORIANO, E. P. <b>Inventário Florestal</b> . Rio Largo: UFAL, 2021. 135p. Disponível em: <a href="http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8194/1/Invent%C3%A1rio%20Florestal.pdf">http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8194/1/Invent%C3%A1rio%20Florestal.pdf</a> |                         |                         |                           |
| <b>Referências complementares:</b>  |                         |                         |                           |



CAMPOS, J. C. C.; LEITE, H. G. **Mensuração florestal**: perguntas e respostas. 4ª Edição, Viçosa: UFV, 2013. 605p.

CUNHA, U. S. **Dendrometria e inventário florestal** (apostila). Manaus, 2004. 61p. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/284/o/dendroinv.pdf>

SFB - Serviço Florestal Brasileiro. **Manual de campo**: procedimentos para coleta de dados biofísicos e socioambientais. Brasília: SFB, 2020. 67p. Disponível em: <https://www.florestal.gov.br/documentos/informacoes-florestais/inventario-florestal-nacional-ifn/documentos/manual-de-campo-ifn/3028-manual-de-campo/file>

SCOLFORO, J. R. S; THIERSCH, C. R. **Biometria florestal**: medição, volumetria e gravimetria. Lavras: UFLA/FAEPE, 2004. 285p.

### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Política e Legislação Florestal

**Código:** ENF-33

**Pré-requisito:**

**Código:**

**CH Teórica:** 36 h

**CH Prática:**

**CH Extensão:** 4 h

**CH Total:** 40 horas

#### Ementa:

Formação político social do Brasil. Definições sobre termos jurídicos. Política e legislação florestal e ambiental. Código florestal brasileiro. Meio ambiente na constituição federal de 1988. Política nacional do meio ambiente. Política nacional de recursos hídricos. Política estadual de meio ambiente. Política Nacional de Educação Ambiental. Legislação. Responsabilidade ambiental.

#### Referências básicas:

BARSANO, P. R. **Legislação ambiental**. Edição: 1

POLÍZIO JÚNIOR, V. **Novo código florestal: comentado artigo por artigo, Estado Tipo Físico Total anotado e comparado com o código de 1965**. Edição: 2. ed. atual.

PIRES, P. T. L.; PETERS, E. L. **Legislação ambiental federal: os mais importantes diplomas legais do Brasil desde 1934 até 2004**. Edição: 3. ed.

#### Referências complementares:

COELHO, A.B., TEIXEIRA, E.C., BRAGA, M.J. **Recursos Naturais e crescimento econômico**. Independente. 2008. 598p.

ROSADO, J.S., CAVATTE, P.C. **Educação Ambiental**. Independente. 2008. 180p.

### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Avaliação de Impactos Ambientais

**Código:** ENF-41

**Pré-requisito:**

**Código:**

**CH Teórica:** 20 h

**CH Prática:** 16

**CH Extensão:** 4 h

**CH Total:** 40 horas

#### Ementa:

Definição de impacto ambiental; Segmentos do estudo de impacto ambiental (EIA/RIMA); Caracterização dos meios físico, biótico e antrópico. Metodologias de avaliação de impacto ambiental. Classificação dos impactos ambientais. Causas e efeitos da degradação ambiental. Medidas mitigadoras de impacto ambiental. Conceito de degradação e recuperação ambiental. Planos e programas de monitorização de impactos. Estudos de casos.

#### Referências básicas:



BARBOSA, R. P. **Avaliação de risco e impacto ambiental**. São Paulo: Saraiva, 2014. 145p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788536521510/pageid/13>  
 SANCHES, L. H. **Avaliação de impacto ambiental: Conceitos e Métodos**. 2ª Edição atualizada e ampliada, São Paulo: Oficina de Textos, 2013. 583p.  
 SILVA, C. A. **Estudo de impactos ambientais**. Paraná: IFPR, 2011. 123p.  
 SILVA, E. **Técnicas de avaliação de impactos ambientais**. Viçosa: UFV/CPT, 1999, 182p.

**Referências complementares:**

FOGLIATTI, M. C. **Avaliação de impactos ambientais**. Rio de Janeiro: Interciência, 2004. 247p.  
 NOWACKI, C. C. B. **Química ambiental: conceitos, processos e estudo dos impactos ambientais ao meio ambiente**. São Paulo: Érica, 2014. 136p.  
 SANTOS, L. M. M. **Avaliação ambiental de processos industriais**. São Paulo: Oficinas de textos, 2011, 136p.  
 STEIN, R. **Avaliação de impactos ambientais**. Porto Alegre: SAGAH, 2018. 429p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595023451/pageid/1>  
 CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. **Avaliação e perícia ambiental**. 15ª Edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015, 284p.  
 MARTINS, S. V. **Restauração ecológica de ecossistemas degradados**. 2ª Edição, Viçosa: UFV, 2015. 376p.

**OITAVO SEMESTRE**

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Manejo Florestal

**Código:** ENF-35

**Pré-requisito:** Inventário Florestal

**Código:** ENF-32

**CH Teórica:** 60 h

**CH Prática:** 12 h

**CH Extensão:** 8 h

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

**Introdução ao manejo florestal. Fundamentos do manejo florestal. Planejamento, execução e acompanhamento da atividade de exploração florestal. Plano de manejo florestal. Certificação para o manejo de florestas**

**Referências básicas:**

ESPADA, A. L. V. et al. **Manejo florestal e exploração de impacto reduzido em florestas naturais de produção da Amazônia**. Belém: Instituto Floresta Tropical (IFT), 2014. 32p. (Informativo Técnico 1) Disponível em: <http://ift.org.br/wp-content/uploads/2014/11/Informativo-T%C3%A9cnico-1.pdf>  
 FERREIRA, M. A. C. **Manejo Florestal na Amazônia Brasileira: Os Indicadores da Sustentabilidade**, 1. ed. Curitiba: Apris, 2017. 101p.  
 HIGMAN, S. et al. **Manual do manejo florestal sustentável**. 2. ed. Viçosa: UFV, 2015. 398 p.  
 NOGUEIRA, M.M. et al. **Manejo de florestas naturais da Amazônia: corte, traçamento e segurança**. Belém: Instituto Floresta Tropical (IFT), 2011. 144 p. (Manual técnico 2) Disponível em: [http://ift.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Manejo-de-Florestas-Naturais\\_02.pdf](http://ift.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Manejo-de-Florestas-Naturais_02.pdf)  
 SOUZA, A. L.; SOARES, C. P. B. **Florestas nativas: estrutura, dinâmica e manejo**. Viçosa: UFV, 2013. 332 p.

**Referências complementares:**



MEDINA, G. **Avaliação financeira do manejo florestal comunitário**. Goiânia: Kelps, 2014. 215p.  
OLIVEIRA, M. V. N. **Manejo florestal sustentável na pequena propriedade**. Rio Branco: EMBRAPA, 2007. 32p.  
SCOLFORO, J.R.S. **Manejo florestal**. Lavras: UFLA/FAEPE, 1998, 443p.  
ZANETTI, E. **Certificação e manejo de florestas nativas brasileiras**. 1ª Edição, Curitiba: Juruá, 2007. 375p.

#### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Economia Florestal

**Código:** ENF-36

**Pré-requisito:**

**Código:**

**CH Teórica:** 60 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

**O setor florestal. Demanda e oferta de produtos florestais. Estudo dos custos na empresa florestal. Matemática financeira aplicada à economia florestal. Métodos de Avaliação econômica de projetos florestais. Aplicações de problemas práticos na área florestal.**

**Referências básicas:**

HOSOKAWA, R. T.; MOURA, J. B. de; CUNHA, U. S. da. **Introdução ao manejo e economia de florestas**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

SILVA, M.L.; JACOVINE, L.A.G.; VALVERDE, S.R. **Economia Florestal**. 2ª ed. Viçosa: UFV, 2012. 178p.

REZENDE, J.L.P.; OLIVEIRA, A.D. **Análise econômica e social de projetos florestais**. Viçosa, Editora UFV. 3 Ed. 2013. 386p.

**Referências complementares:**

BUIAR, C. L. **Matemática financeira**. São Paulo: Livro Técnico, 2010.

MOURA, L. A. A. de . **Economia ambiental: gestão de custos e investimentos**. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2006.

#### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Implantação de Povoamentos Florestais

**Código:** ENF-37

**Pré-requisito:** Tecnologia de Sementes e Viveiros Florestais

**Código:** ENF-29

**CH Teórica:** 60 h

**CH Prática:** 12 h

**CH Extensão:** 8 h

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

**Planejamento e implantação de povoamentos florestais, fornecendo conhecimentos teóricos e práticos sobre as técnicas operacionais para a implantação e condução dos povoamentos com essências nativas e exóticas. Métodos silviculturais para florestas plantadas. Regeneração de florestas para fins econômicos. Sistemas silviculturais.**

**Referências básicas:**

FERREIRA, C. A.; SILVA, H. D. da. **Formação de povoamentos florestais**. Colombo: Embrapa Florestas, 2008. 109 p.

PAIVA, H. N., JACOVINE, L.A. G., TRINDADE, C. & RIBEIRO, G.T. **Cultivo do eucalipto-Implantação e manejo**. (2ª. ED.). Aprenda-Fácil Editora, UFV. 2011.

XAVIER, A.; WENDLING, I.; SILVA, R. L. **Silvicultura clonal: princípios e técnicas**. 2. ed., Viçosa/MG: Editora UFV, 2013. 279p.



**Referências complementares:**

SILVA A. A. DA; SILVA J. F. **Tópicos em manejo de plantas daninhas**. Viçosa: Editora UFV, 1ª Edição, 2007.  
TRINDADE, C.; JACOVINE, L.A.G.; REZENDE, J.L.P.; SARTÓRIO, M.L.; **Gestão e controle de qualidade na atividade florestal**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2012.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Manejo de Produtos Florestais não Madeireiros

**Código:** ENF-38

**Pré-requisito:**

**Código:**

**CH Teórica:** 60 h

**CH Prática:** 12 h

**CH Extensão:** 8 h

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

**Extrativismo versus manejo não madeireiro; Métodos de secagem e extração de óleos vegetais; Manejo florestal não madeireiro em conformidade com a legislação vigente; Métodos de exploração e beneficiamento dos produtos não madeireiros; princípios da certificação e elaboração de manual de boas práticas**

**Referências básicas:**

HIGMAN, S.; MAYERS, J.; BUSS, S.; JUDD, N.; NUSSHAUM, R. 2015. **Manual do Manejo Florestal Sustentável**. Editora UFV. 398p.  
MACHADO, F. S. 2008. **Manejo de Produtos Florestais Não Madeireiros: um manual com sugestões para o manejo participativo em comunidades da Amazônia**. Frederico Soares Machado. Rio Branco, Acre: PESACRE e CIFOR.  
ZANETTI, E. 2007. **Certificação e manejo de florestas nativas brasileiras**. Editora: Juruá. 376p.

**Referências complementares:**

BENSUSAN, N.; BARROS, A. C.; BULHÕES, B.; ARANTES, A. 2006. **Biodiversidade: para comer, vestir ou passar no cabelo?** Ed. Petrópolis.  
FERREIRA, M. A. C. 2017. **Manejo florestal na Amazônia brasileira: os indicadores da sustentabilidade**. Editora: Appris. 101p.  
WADT, L. H. de O. 2017. **Produtos florestais não madeireiros: guia metodológico da Rede Kamukaia**. Embrapa. 133p.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Ética Profissional, direitos humanos e relações étnico-raciais

**Código:** NB-13

**Pré-requisito:**

**CH Teórica:** 36 h

**CH Prática:**

**CH Extensão:** 4 h

**CH Total:** 40 horas

**Ementa:**

**Ética geral e ética profissional. Código de ética profissional. Responsabilidades no exercício da profissão. Ética ambiental. Ética e sustentabilidade. Identidade, diferença e diversidade sociocultural. Manifestações culturais afro-brasileiras. Crítica ao mito da democracia racial e implantação de políticas afirmativas relacionadas às relações interétnicas. A cultura indígena no Brasil: aspectos culturais e educação indígena. Evolução dos Direitos Humanos. Fundamentos dos Direitos Humanos. Direitos Humanos, igualdade, diversidade e responsabilidade. Direitos Humanos e minorias.**



**Referências básicas:**

ALBERT, Bruce & KOPENAWA, Davi. **A Queda do Céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.  
DIAS, Reinaldo. **Introdução aos direitos humanos**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012.  
SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

**Referências complementares:**

BAUMAN, Zygmunt. **A Ética é Possível Num Mundo de Consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.  
BENTES, Márcia Ketlin; COSTA, Marilene Oliveira; DE ALMEIDA, José Felipe. A dimensão étnica da engenharia e da tecnologia **Complexitas – Revista de Filosofia Temática**, v. 4, n. 2, p. 12-18, 2020.  
BESSA FREIRE, José Ribamar. **Cinco ideias equivocadas sobre os índios**. Disponível em: <http://danielmunduruku.blogspot.com.br/2012/10/cinco-ideias-equivocadas-sobre-os.html>.  
CÓDIGO de Ética do Profissional da Engenharia Florestal. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/284/o/CodigoEtica.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.  
FONSECA, Marcus Vinícius. Et al. **Relações Étnico-Raciais e Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.  
HUNT, Lynn. **A Invenção dos Direitos Humanos: Uma História**. Curitiba, PR: A Página, 2012.  
LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.  
LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, 34 (3): 17-24. set/dez, 2009.  
MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo. Global, 2006.  
OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. Muita terra pra pouco índio? Uma introdução do preconceito. IN **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1 e 2 graus/ Aracy Lopes da Silva et al. (org)**. Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995. Disponível em: [www.sed.sc.gov.br/.../3873-muita-terra-para-pouco-indio-joao-pacheco](http://www.sed.sc.gov.br/.../3873-muita-terra-para-pouco-indio-joao-pacheco)  
SEGATO, Rita Laura. Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais. **Mana**, v. 12, n. 1, p. 207-236, 2006.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Projeto Integrador de extensão II

**Código:** PIPEX-03

**Pré-requisito:**

**CH Teórica:**

**CH Prática:**

**CH Extensão:** 80 h

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

**Definição de projeto integrador e seus objetivos. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Indissociabilidade do Ensino-Pesquisa-Extensão. O papel da Extensão nos Institutos Federais. Etapas do Projeto. Normas para elaboração de Projeto Integrador de Extensão.**

**Referências básicas:**

FAZENDA, I. C. A. (org.). **O que é interdisciplinaridade?** 2a. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 206p.  
FERRÃO, R. G. **Metodologia científica para iniciantes em pesquisa: enfoque acadêmico com abordagem teórico-prática: guia para elaboração e divulgação de trabalhos científicos**. 4 Ed. Rev. Vitória: Incaper. 2012. 254p.  
GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

**Referências complementares:**



BRASIL Plano Nacional de Educação 2014-2024 [recurso eletrônico]: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: SANTOS, J. dos. **Educação profissional e práticas de avaliação**. São Paulo: SENAC. 2011. 207 p. SCHMITZ, H. **Agricultura familiar: extensão rural e pesquisa participativa**. São Paulo: Annablume.2010. 351p.

## NONO SEMESTRE

### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Manejo de Unidades de Conservação

**Código:** ENF-40

**Pré-requisito:**

**Código:**

**CH Teórica:** 20 h

**CH Prática:** 16 h

**CH Extensão:** 4 h

**CH Total:** 40 horas

#### **Ementa:**

**Estrutura e funcionamento dos ecossistemas associados as categorias de unidades de conservação; Conservação e manejo da fauna nas unidades de conservação; Legislação sobre unidades de conservação; Relação das legislações vigentes e as unidades de conservação; estudo de caso sobre as Unidades de Conservação.**

#### **Referências básicas:**

CAVALCANTI, C. **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2009. 429 p.

Lei 9.985 de 2000. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação**.

VIANNA, W. T. de M. 2008. **Consciência ambiental : uma reflexão crítica sobre recursos naturais, essenciais para a vida humana e sua representação**. Editora: Casa do saber.169p.

#### **Referências complementares:**

RICKLEFS,, R. E. 2013. **A economia da natureza**. Editora: Guanabara Koogan. 6 ed. 546p.

MARTINS, S.V. 2012. **Restauração ecológica de ecossistemas degradados**.2 ed. UFV.

### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Arborização e paisagismo

**Código:** ENF-34

**Pré-requisito:** Dendrologia

**Código:** ENF-07

**CH Teórica:** 20 h

**CH Prática:** 16 h

**CH Extensão:** 4 h

**CH Total:** 40 horas

#### **Ementa:**

**Princípios básicos de jardinagem. Histórico dos jardins. Classificação dos jardins. Tendências paisagísticas. Classificação de plantas ornamentais. Elementos básicos do paisagismo. Projeto paisagístico. Jardinagem. Cultivo de plantas ornamentais. Manutenção e recuperação de jardins. Áreas Verdes e Urbanas. As praças e parques. Arborização urbana. Arborização rodoviária.**

#### **Referências básicas:**

GONÇALVES, W.; Paiva, H.N. **Implantação da arborização urbana: especificação técnica**. Viçosa: UFV, 2013. 53 p.

LIRA FILHO, J.A. **Paisagismo: elaboração de projetos de jardins**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2012. 254 p.

PAIVA, H.N.; GONÇALVES, W. **Florestas urbanas: planejamento para melhoria da qualidade de vida**. Viçosa: Aprenda fácil, 2002. 180p.



SILVA, A.G.; PAIVA, H.N.; GONÇALVES, W. **Avaliando a arborização urbana**. Série Arborização Urbana, v.4 Viçosa: Aprenda Fácil, 2007. 346 p.

**Referências complementares:**

FORTES, V. M.; PAIVA, H.N.; GONÇALVES, W. **Técnicas de manutenção de jardins**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2012. 220p.

GATTO, A.; PAIVA, H.N. **Implantação de jardins e áreas verdes**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2011. 154 p.

LORENZI, H., SOUZA, H.M. **Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. Nova Odessa: Plantarum, 2001. 1088p.

LORENZI, H.; NOBLICK, L.R.; KAHN, F./ Ferreira, E. **Flora Brasileira: Arecaceae (palmeiras)**. Nova Odessa: Plantarum, 2010. 368p.

PAIVA, H.N.; GONÇALVES, W. **Produção de mudas para arborização urbana**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001. 130p.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Recuperação de áreas degradadas **Código:** ENF-42

**Pré-requisito:** Pedologia **Código:**ENF-12

**CH Teórica:** 20 h **CH Prática:** 16 h **CH Extensão:** 4 h **CH Total:** 40 horas

**Ementa:**

**Conceitos de degradação e recuperação ambiental. Aspectos legais da recuperação de áreas degradadas. Diagnóstico ambiental para RAD. Técnicas de recuperação de áreas degradadas (RAD). Revegetação de áreas degradadas. Avaliação e monitoramento de processos de RAD. Plano de recuperação de área degradada (PRAD).**

**Referências básicas:**

CASTRO, P.S.; LIMA, F.Z.; LOPES, J.D.S. **Recuperação e conservação de nascentes**. Viçosa: CPT, 2007. 268p. (Curso + DVD)

DAVIDE, A. C.; BOTELHO, S. A. **Fundamentos e métodos de restauração de ecossistemas florestais: 25 anos de experiência em matas ciliares**. Lavras: UFLA, 2015. 635p.

MARTINS, S. V. **Recuperação de áreas degradadas**. 2ª Edição, Viçosa: Aprenda fácil. 2010. 268p.

MARTINS, S. V. **Restauração ecológica de ecossistemas degradados**. 2ª Edição, Viçosa: UFV, 2015. 376p.

**Referências complementares:**

MARTINS, S. V. **Recuperação de matas ciliares**. 3ª Edição revisada, Viçosa: Aprenda Fácil. 2014. 220p.

STEIN, R. T. et al. **Recuperação de áreas degradadas**. Porto Alegre: SAGAH, 2017. 338p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595021372/pageid/0>

VALERI, S. V. **Manejo e recuperação florestal: legislação, uso da água e sistemas agroflorestais**. Jaboticabal: FUNEP, 2004, 180p.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Mecanização e Colheita Florestal **Código:** ENF-43

**Pré-requisito:**

**CH Teórica:** 60 h **CH Prática:** 20 h **CH Extensão:** **CH Total:** 80 horas



**Ementa:**

O setor florestal brasileiro e a colheita florestal. Corte Florestal. Extração Florestal. Mecanização Florestal. Carregamento e Descarregamento Florestal. Sistemas de Colheita Florestal. Planejamento e Organização do Trabalho de Colheita e Transporte Florestal. Controle de produção e custos na colheita e exploração florestal. Estradas florestais. Segurança do trabalho e ergonomia aplicada à colheita e exploração florestal.

**Referências básicas:**

LOPES, E. S.; MINETTI, L. J.; SOUZA, A. P.; MACHADO, C. C. **Operação e manutenção de motosserras - manual técnico**. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2001. 130 p.  
MACHADO, C. C. (Ed.) **Colheita florestal**. 2 ed. Viçosa, MG: Editora UFV, 2008. 501 p.  
MACHADO, C. C.; LOPES, E. S.; BIRRO, M. H. B. **Transporte florestal rodoviário**. 2 ed. Viçosa, MG: Editora UFV, 2009. 217 p.

**Referências complementares:**

AMARAL, P. H. C.; VERÍSSIMO, J. A. O.; BARRETO, P. G.; VIDAL, E. S. J. **Floresta para sempre: um manual de produção de madeira na Amazônia**. Belém: Imazon, 1998. 137 p.  
SCOLFORO, J. R. S. **Manejo Florestal**. Lavras: UFLA/FAEPE, 1998. 438 p.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Hidrologia e Manejo de Bacia Hidrográfica

**Código:** ENF-44

**Pré-requisito:**

**CH Teórica:** 40 h

**CH Prática:** 32 h

**CH Extensão:** 8 h

**CH Total:** 80 horas

**Ementa:**

O ciclo hidrológico. Hidrologia nos ecossistemas florestais. Precipitação. Infiltração. Evapotranspiração. Escoamento superficial. Bacias hidrográficas: caracterização morfométrica e suas relações com a hidrologia. Manejo de bacias hidrográficas. Proteção de nascentes. Matas ciliares.

**Referências básicas:**

MELLO, C.R. de.; SILVA, A.M. da. **Hidrologia: princípios e aplicações em sistemas agrícolas**. 1. ed. Lavras: Editora UFLA, 2013. v. 1. 455 p.  
PINTO, N.L.S.; HOLTZ, A.C.T.; MARTINS, J.A.; GOMIDE, F.L.S. **Hidrologia básica**. São Paulo: Blucher. 1976. 278 p.  
JR, A. P.; SOBRAL, M.do C. **Gestão de bacias hidrográficas e sustentabilidade**. Barueri, SP: Editora Manole. 2019. 1136 p. Disponível em:  
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520458037/>.  
STEIN, R. T. **Manejo de Bacias Hidrográficas**. 2017. 210 p. Disponível em:  
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595021259/pageid/0>.  
VALENTE, O.F.; GOMES, M.A. **Conservação de nascentes: hidrologia e manejo de bacias hidrográficas de cabeceiras**. Viçosa, MG: Aprenda Fácil. 2005. 210 p.  
LIMA, W.de P. **Hidrologia florestal aplicada ao manejo de bacias hidrográficas**. Piracicaba, SP: USP/ESALQ, 2008. 253 p. Disponível em: <https://www.ipef.br>

**Referências complementares:**



CASTRO, P.S.; LIMA, F.Z.; LOPES, J.D.S. **Recuperação e conservação de nascentes**. Viçosa, MG: CPT. 2007. 272 p.

DELMEE, G.J. **Manual de medição de vazão**. São Paulo: Ed. Blucher, 3ª ed. 2003. 346 p.

GRIBBIN, J.E. **Introdução à hidráulica, hidrologia e gestão de águas pluviais**. São Paulo: Cengage Learnins, 2014. 4ª ed. 526 p.

MARTINS, S.V. **Recuperação de matas ciliares**. Viçosa, MG: CPT. 2014. 255 p.

PAIVA, J.B de.; CHAUDHRY, F.H.; REIS, L.F.R. **Monitoramento de bacias hidrográficas e processamento de dados**. São Carlos: RiMa, 2004. 316 p.

PRUSKI, F.F.; BRANDÃO, V.S.; SILVA, D.D da. **Escoamento superficial**. Viçosa, MG: UFV 2ª ed. 204. 87 p.

RODRIGUES, R.R.; LEITÃO FILHO, A.F. **Matas ciliares: conservação e recuperação**. São Paulo: Editora USP – Fapesp. 2009. 320 p.

### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Trabalho de Conclusão de Curso I

**Código:** ENF-45

**Pré-requisito:** Metodologia Científica

**Código:**

**CH Teórica:** 40 h

**CH Prática:**

**CH Extensão:**

**CH Total:** 40 horas

#### Ementa:

**Normas institucionais para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso. Orientações metodológicas para pesquisa. Tipos de Leitura: Orientações para a realização da leitura. Orientações para a produção textual. Normas da ABNT. Regras de formatação de trabalhos acadêmicos. Elaboração de Projetos. Formas básicas de apresentação de textos acadêmicos: relatório, artigo, paper, monografia. Diretrizes para apresentação de Seminários Acadêmicos.**

#### Referências básicas:

BARROS, A. de J. P. de. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 127 p.

FERRÃO, R. G. **Metodologia científica para iniciantes em pesquisa: enfoque acadêmico com abordagem teórico-prática : guia para elaboração e divulgação de trabalhos científicos**. 4. ed. rev. Vitória: Incaper, 2012. 254 p.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. 279 p.

#### Referências complementares:

ABNT, **NBR 6022**: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 5 p.

ABNT, **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002. 24 p.

ABNT, **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002. 7 p.

### 1.6.7. Disciplinas optativas

As disciplinas optativas serão ofertadas no 8º e 9º semestre. O aluno poderá cursar mais disciplinas optativas que estão inseridas na matriz curricular além das Optativas I e II; podendo ser

realizadas no próprio curso ou em outro curso da mesma instituição, neste último caso, sendo contabilizada carga horária como atividade complementar.

### 1.6.8. Ementário das Disciplinas Optativas

| EMENTA DA DISCIPLINA  |                         |                     |                           |
|---|-------------------------|---------------------|---------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal  |                         |                     |                           |
| <b>Disciplina:</b> Inglês Técnico   |                         |                     | <b>Código:</b> OP-01      |
| <b>CH Teórica:</b> 20 h   | <b>CH Prática:</b> 20 h | <b>CH Extensão:</b> | <b>CH Total:</b> 40 horas |
| <b>Ementa:</b>  |                         |                     |                           |
| Estratégias de leitura para a compreensão de textos acadêmicos em língua inglesa. Aquisição de vocabulário a partir de textos técnicos. Aspectos gramaticais (morfológicos e semânticos) pertinentes à compreensão, desenvolvimento e ampliação das estratégias de leitura. |                         |                     |                           |
| <b>Referências básicas:</b>   |                         |                     |                           |
| SOUZA, Adriana Grade Fiori. ET AL. <b>Leitura em Língua Inglesa:</b> uma Abordagem Instrumental. São Paulo: Disal, 2005.  |                         |                     |                           |
| MUNHOZ, Rosângela. <b>Inglês Instrumental:</b> estratégias de leitura. Módulo I. São Paulo, Texto Novo, 2001.   |                         |                     |                           |
| MUNHOZ, Rosângela. <b>Inglês Instrumental:</b> estratégias de leitura. Módulo II. São Paulo, Texto Novo, 2001.  |                         |                     |                           |
| <b>Referências complementares:</b>  |                         |                     |                           |
| STEEL, Miranda. <b>Oxford Wordpower Dictionary.</b> New York: Oxford University Press, 2002.  |                         |                     |                           |
| MASCULL, Bill. <b>Key Words in Science and Technology.</b> United Kingdom, Collins Cobuild, 1997.   |                         |                     |                           |
| MURPHY, Raymond. <b>Essential Grammar in Use: Elementary, Pre-intermediate.</b> 17th ed. United Kingdom: Cambridge University Press, 2005.  |                         |                     |                           |

| EMENTA DA DISCIPLINA   |                         |                     |                           |
|--|-------------------------|---------------------|---------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal   |                         |                     |                           |
| <b>Disciplina:</b> Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS  |                         |                     | <b>Código:</b> OP-02      |
| <b>CH Teórica:</b> 20 h  | <b>CH Prática:</b> 20 h | <b>CH Extensão:</b> | <b>CH Total:</b> 40 horas |
| <b>Ementa:</b>   |                         |                     |                           |
| Conceitos, tipologias e conscientização dos problemas teóricos e práticos da tradução. Reconhecimento e domínio do alfabeto Libras. A mediação do conhecimento através do intérprete de língua de sinais. Aspectos culturais, históricos, linguísticos, educacionais e sociais da surdez. Vocabulário em língua de sinais brasileira. Alternativas didático-pedagógicas para o ensino, por meio da língua de sinais, conforme a faixa etária dos alunos: infantil, juvenil e adulta. |                         |                     |                           |
| <b>Referências básicas:</b>  |                         |                     |                           |
| FALCÃO, L. A. <b>Surdez, cognição visual e libras.</b> [S. l.]: Luiz Albérico, 2010.   |                         |                     |                           |
| GESSER, A. <b>Libras: que língua é essa?</b> [S. l.]: Parábola, 2009.  |                         |                     |                           |
| LACERDA, C.B. F. <b>Intérprete de Libras.</b> [S. l.]: Mediação, 2009.   |                         |                     |                           |
| <b>Referências complementares:</b>   |                         |                     |                           |



BRASIL. Dicionário. **Enciclopédia Ilustrada Trilíngue: Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. Vol. I e II: Brasília: MEC, 2001.

CASTRO, A.R. de; CARVALHO, I.S.de. **Comunicação por língua brasileira de sinais: 3ª Edição** – Brasília: SENAC, 2009.

FELIPE, T.A. **Libras em Contextos: curso básico**. Brasília: Programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos, Brasília: MEC/ SEESP, 2001

ALMEIDA, E.O. **Atividades Ilustradas em Sinais da Libras**. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 2004

BRASIL. Lei nº 10.436/2002. Brasília: MEC, 2002.

LUCHESI, M.R.C. **Educação de pessoas surdas: experiências vividas, histórias narradas**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.

SILVESTRE, N; SOUZA, R.M; ARANTES, V. A. **Educação de surdos**. São Paulo: Summus, 2007.

LACERDA, C. B. F. de. **Intérprete de Libras**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

#### EMENTA DA DISCIPLINA

|  |                         |                     |                           |
|--|-------------------------|---------------------|---------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal   |                         |                     |                           |
| <b>Disciplina:</b> Sistemas agroflorestais   |                         |                     | <b>Código:</b> OP-03      |
| <b>Pré-requisito:</b> Silvicultura Tropical  |                         |                     | <b>Código:</b> ENF-21     |
| <b>CH Teórica:</b> 20 h  | <b>CH Prática:</b> 20 h | <b>CH Extensão:</b> | <b>CH Total:</b> 40 horas |
| <b>Ementa:</b>   |                         |                     |                           |
| A ciência agrossilvicultura e os sistemas agroflorestais. Histórico da agrossilvicultura. Conceitos de sistemas agroflorestais. Classificação de sistemas agroflorestais. Vantagens e desvantagens dos sistemas agroflorestais. Práticas agroflorestais. Diagnóstico e planejamento de sistemas agroflorestais. A agrossilvicultura no mundo. Princípios de seleção e espécies para sistemas agroflorestais. Experimentação em sistemas agroflorestais. Extensão agroflorestal. Análise econômica dos sistemas agroflorestais. |                         |                     |                           |
| <b>Referências básicas:</b>  |                         |                     |                           |
| FERREIRA, C.A.; SILVA, H.D. <b>Formação de Povoamentos Florestais</b> . Colombo: Embrapa Florestas, 2008. 109 p.   |                         |                     |                           |
| MACEDO, R.L.G.; VALE, A.B.; VENTURIN, N. <b>Eucalipto em sistemas agroflorestais</b> . Lavras: Editora da UFLA. 2010. 331 p.   |                         |                     |                           |
| MACEDO, R.L.G. <b>Princípios básicos para o manejo sustentável de sistemas agroflorestais</b> . Lavras: UFLA/FAEPE, 2000. 153 p.   |                         |                     |                           |
| <b>Referências complementares:</b>   |                         |                     |                           |
| FERREIRA, L.R.; MACHADO, A.F.L.; SANTOS, L.D.T.; VIANA, R.G.; FREITAS, L.H.L. <b>Técnicas para aplicação de herbicidas em eucalipto</b> . Viçosa: SIF, 2008.39p.   |                         |                     |                           |
| GAMA-RODRIGUES, A. C. et al. <b>Sistemas Agroflorestais. Bases Científicas para o Desenvolvimento Sustentável</b> . Embrapa: Brasília, DF. 2006. 365p  |                         |                     |                           |
| GALVÃO, A. P. M. (org.). <b>Reflorestamento de Propriedades Rurais para fins Produtivos e Ambientais</b> . Embrapa, 2000. 351p   |                         |                     |                           |
| LEITE, Â.M.P.; FERNANDES, H.C.; LIMA, J.S.S. <b>Preparo inicial do solo: desmatamento mecanizado</b> . Viçosa: UFV, 2004. 48p.   |                         |                     |                           |
| PAIVA, H.N.; VITAL, B.R. <b>Escolha da espécie florestal</b> . Viçosa: UFV, 2008. 42p.   |                         |                     |                           |

#### EMENTA DA DISCIPLINA

**Curso:** Engenharia Florestal



|  |                         |                     |                           |
|--|-------------------------|---------------------|---------------------------|
| <b>Disciplina:</b> Projetos, Auditoria e Perícia Rurais e Florestais   |                         |                     | <b>Código:</b> OP-04      |
| <b>Pré-requisito:</b> Política e Legislação Florestal  |                         |                     | <b>Código:</b> ENF-33     |
| <b>CH Teórica:</b> 20 h  | <b>CH Prática:</b> 20 h | <b>CH Extensão:</b> | <b>CH Total:</b> 40 horas |
| <b>Ementa:</b>   |                         |                     |                           |
| Elaboração de projetos técnicos de investimento e custeio agropecuário. Programas e linhas de crédito agropecuário dos principais agentes financeiros. Elaboração de laudos técnicos para agentes financeiros. Atividades periciais e ações judiciais no âmbito da Agronomia, Engenharia Florestal. Avaliação de inventário rural. Perícias ambientais. Elaboração de Laudo Pericial. Honorários periciais.  |                         |                     |                           |
| <b>Referências básicas:</b>  |                         |                     |                           |
| MACHADO, P. A. L. <b>Direito ambiental brasileiro</b> . 18. ed. rev. São Paulo: Malheiros, 2010.<br>SÁNCHEZ, L. E. <b>Avaliação de impacto ambiental: conceitos e métodos</b> . 2. ed. atual. São Paulo, SP: Oficina de Textos, 2013.<br>YEE, Z. C. <b>Perícias rurais &amp; florestais: aspectos processuais e casos práticos</b> . 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Juruá, 2012.   |                         |                     |                           |
| <b>Referências complementares:</b>   |                         |                     |                           |
| ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. <b>ABNT NBR 14653-1: Avaliação de bens Parte 1: Procedimentos gerais</b> . Rio de Janeiro: ABNT, 2001.<br>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. <b>ABNT NBR 14653-2: Avaliação de bens Parte 2: Imóveis urbanos</b> . Rio de Janeiro: ABNT, 2004.<br>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. <b>ABNT NBR 14653-3: Avaliação de bens Parte 3: Imóveis rurais</b> . Rio de Janeiro: ABNT, 2004.<br>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. <b>ABNT NBR 14653-4: Avaliação de bens Parte 4: Empreendimentos</b> . Rio de Janeiro: ABNT, 2002. |                         |                     |                           |

| EMENTA DA DISCIPLINA  |                         |                     |                           |
|---|-------------------------|---------------------|---------------------------|
| <b>Curso:</b> Engenharia Florestal  |                         |                     |                           |
| <b>Disciplina:</b> Manejo de Fauna Silvestre  |                         |                     | <b>Código:</b> OP-05      |
| <b>Pré-requisito:</b> Zoologia  |                         |                     | <b>Código:</b> ENF-05     |
| <b>CH Teórica:</b> 20 h   | <b>CH Prática:</b> 20 h | <b>CH Extensão:</b> | <b>CH Total:</b> 40 horas |
| <b>Ementa:</b>  |                         |                     |                           |
| Aves e mamíferos silvestres: características gerais das principais famílias e espécies, diversidade, ecologia e distribuição. Animais peçonhentos: reconhecimento das principais espécies, prevenção e primeiros socorros contra acidentes e sintomatologia. Declínio e conservação da fauna brasileira. Animais ameaçados de extinção: listas estaduais do IBAMA e IUCN. Medidas conservacionistas. Legislação sobre fauna silvestre. Métodos de levantamento e monitoramento de fauna silvestre. Manejo: captura e marcação de animais silvestres, análise da sustentabilidade de caça, controle de danos causados por espécies da fauna. |                         |                     |                           |
| <b>Referências básicas:</b>   |                         |                     |                           |
| BEGON, M.; TOWNSEND, C. R.; HARPER, J. L. <b>Ecologia: de indivíduos a ecossistemas</b> . 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 740 p.<br>HICKMAN JUNIOR, C. P. <i>et al.</i> <b>Princípios integrados de zoologia</b> . 16. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. 937 p.  |                         |                     |                           |



REIS, N. R. *et al.* **Técnicas de estudos aplicadas aos mamíferos silvestres brasileiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Technical Books, 2014. 316 p.

**Referências complementares:**

TOWNSEND, C. R. *et al.* **Fundamentos em ecologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 576 p.  
PINTO-COELHO, R. M. **Fundamentos em ecologia**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 252 p.  
GONÇALVES, D. A. F. dos S. **Representantes da fauna do Estado de Rondônia**. Porto Velho: Instituto Federal de Rondônia, 2018. 48 p.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Piscicultura

**Código:** OP-06

**Pré-requisito:**

**Código:**

**CH Teórica:** 20 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 40 horas

**Ementa:**

**Introdução à piscicultura no BR. Principais espécies nativas e exóticas para piscicultura. Sistemas de produção de peixes. Ambiente aquático e qualidade da água na piscicultura. Anatomia e fisiologia de peixes. Instalações para piscicultura. Aspectos gerais da nutrição de peixes. Manejo alimentar de peixes. Reprodução induzida de peixes. Reversão sexual de tilápias. Transporte de peixes. Principais doenças em piscicultura.**

**Referências básicas:**

HICKMAN JUNIOR, C. P. *et al.* **Princípios integrados de zoologia**. 16. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. 937 p.  
LENZI, E.; FAVERO, L. O. B.; LUCHESE, E. B. **Introdução à química da água: ciência, vida e sobrevivência**. Rio de Janeiro: LTC, 2009.  
ORSI, M. L. **Estratégias reprodutivas de peixe: estratégias reprodutivas de peixes da região médio-baixa do rio Paranapanema, reservatório de capivara**. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2010.

**Referências complementares:**

GONÇALVES, D. A. F. dos S. **Representantes da fauna do Estado de Rondônia**. Porto Velho: Instituto Federal de Rondônia, 2018. 48 p.  
TOWNSEND, C. R. *et al.* **Fundamentos em ecologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 576 p.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Fruticultura

**Código:** OP-07

**Pré-requisito:**

**Código:**

**CH Teórica:** 20 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 40 horas

**Ementa:**

**Fruticultura geral. Produção de mudas. Origem e importância econômica, classificação botânica e cultivares, clima e solos, propagação, implantação, tratos culturais, controle fitossanitário, colheita, classificação e comercialização das fruteiras.**



**Referências básicas:**

RUSIN, C. *et al.* **Fruticultura**. Porto Alegre: SAGAH, 2021.  
SOUSA, J. S. I. de. **Poda das plantas frutíferas: o guia indispensável para o cultivo de frutas**. 2. ed. rev. São Paulo: Nobel, 2005. 191 p.  
TAVARES, M. F. de F. **Introdução à gestão do agronegócio**. 2. ed. Porto Alegre: SAGAH, 2018.

**Referências complementares:**

PENTEADO, S. R. **Defensivos alternativos e naturais: para a agricultura saudável**. 4. ed. Campinas, SP: Edição do Autor, 2010.  
FONSECA, E. M. dos S.; ARAÚJO, R. C. D. **Fitossanidade: princípios básicos e métodos de controle de doenças e pragas**. 1. ed. São Paulo: Érica, 2015.

**EMENTA DA DISCIPLINA**

**Curso:** Engenharia Florestal

**Disciplina:** Defesa Fitossanitária e Receituário Agrônomo

**Código:** OP-08

**Pré-requisito:** Entomologia Florestal

**Código:** ENF-18

**CH Teórica:** 20 h

**CH Prática:** 20 h

**CH Extensão:**

**CH Total:** 40 horas

**Ementa:**

**Conceitos, histórico e importância dos produtos fitossanitários. Classificação toxicológica e toxicologia dos produtos fitossanitários. Legislação referente à prescrição, venda, transporte, armazenamento e venda de produtos fitossanitários. Uso de ferramentas computacionais do Ministério da Agricultura e do Sistema de Agrotóxicos da Secretaria de Agricultura do Paraná. Segurança na aplicação de produtos fitossanitários. Descarte de embalagens vazias. Formulações comerciais de produtos fitossanitários. Estudo das gotas, volumes de calda, densidade e cobertura de alvos. Bicos e pontas de pulverização. Equipamentos utilizados na aplicação. Condições climáticas para aplicações. Aplicações terrestres e aéreas. Qualidade da água em aplicações. Tratamento de sementes. Receituário Agrônomo. Impactos ambientais: prevenção e controle.**

**Referências básicas:**

ALVES FILHO, J. P. **Uso de agrotóxicos no Brasil**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2002.  
CARRANO-MOREIRA, A. F. **Manejo integrado de pragas florestais: fundamentos ecológicos, conceitos e táticas de controle**. Rio de Janeiro: Technical Books, 2014. 349p  
SILVA, N. M.; ADAIME, R.; ZUCCHI, R. A. **Pragas agrícolas e florestais na Amazônia**. Brasília: EMBRAPA, 2016. 608p.

**Referências complementares:**

BRASIL. **Lei nº 7.802, de 11 de julho de 1989**. Dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, a comercialização, a propaganda comercial, a utilização, a importação, a exportação, o destino final dos resíduos e embalagens, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, e dá outras providências. [S. l.], 11 jul. 1989. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7802.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7802.htm). Acesso em: 13 jun. 2022.  
FONSECA, E. M. dos S.; ARAÚJO, R. C. D. **Fitossanidade princípios básicos e métodos de controle de doenças e pragas**. 1ª edição, São Paulo: Saraiva, 2015. 136p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788536530956/pageid/0>



GULLAN, P. J.; CRANSTON, P. S. **Insetos**: Fundamentos da entomologia. 5ª Edição, Rio de Janeiro: Roca, 2017.435p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788527731188>



## 1.7. METODOLOGIA

As metodologias propostas visam ao rigor, à solidez e à integração dos conhecimentos teóricos e práticos, voltados para a formação do profissional e do cidadão. O objetivo é levar os alunos a **aprender a aprender** que engloba **aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a conhecer**, garantindo a formação de profissionais com autonomia e discernimento para assegurar a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento prestado ao indivíduo e à coletividade.

A construção de um projeto apoiado em relações democráticas previstas na concepção do curso fica garantida nas metodologias participativas e integradoras, tais como trabalhos em grupos e aulas dialogadas, além de projetos interdisciplinares.

As pesquisas e os seminários levam a formação de profissionais que possam também produzir novos conhecimentos, aliando a teoria à prática por meio da observação e da análise da realidade educacional brasileira. A concepção do curso contempla o indivíduo na condição pós-moderna, evidenciando a formação do conhecimento, aprendendo a lidar com o avanço da ciência, da tecnologia de forma integral e a olhar para o novo homem de forma holística.

Essa visão da educação, que tem por objetivo despertar a consciência do ser humano e sua relação com o mundo que o cerca, é contemplada por intermédio das metodologias que favoreçam não apenas o saber, mas o saber pensar e o intervir.

No IFRO, caberá a cada professor a seleção de metodologias e instrumentos de ensino que, condizentes com a sua área, busquem atender aos objetivos propostos pelo componente curricular, de forma a desenvolver as competências e habilidades esperadas para o egresso.

No seu fazer pedagógico, o professor deverá estar mais preocupado em formar competências, habilidades e disposições de conduta do que com a quantidade de informações.

Ao escolher as estratégias de ensino, sugere-se que elas sejam as mais diversificadas possíveis, sendo que o planejamento acadêmico deve assegurar, em termos de carga horária e de planos de estudos, o envolvimento do aluno em atividades, individuais e em equipe, que incluam, entre outros:

- Aulas expositivas/dialogadas:
- Leitura e discussão de textos
- Pesquisas
- Estudos e trabalho em grupo
- Exercícios de interpretação de textos



- Dinâmicas de grupo
- Seminários temáticos
- Debates
- Elaboração de projeto de pesquisa e extensão
- Pesquisa teórica/bibliográfica
- Análise da legislação
- Visitas técnicas em instituições conveniadas e outras
- Estudos de caso
- aulas não presenciais (ANPs).

Portanto a metodologia utilizada deve se pautar nas seguintes características:

- o ensino centrado no aluno e voltado para os resultados do aprendizado;
- a ênfase na solução de problemas de Engenharia Florestal e na formação de profissionais adaptáveis;
- o incentivo ao trabalho em equipe e à capacidade empreendedora do Engenheiro Florestal;
- a capacidade de lidar com os aspectos socioeconômicos e político-ambientais de sua profissão;
- o enfoque multidisciplinar e interdisciplinar.

### **1.7.1. Concepção do Curso e Abordagens Pedagógicas**

O Projeto Pedagógico do Curso visa proporcionar uma sólida formação com o propósito de formar um profissional generalista que valorize a interdisciplinaridade, que tenha autonomia no pensar e decidir e que seja capaz de atender as necessidades regionais e nacionais no âmbito de suas competências profissionais.

Ademais, visa-se, com o curso de Engenharia Florestal formar um indivíduo que esteja apto a atuar profissionalmente em equipes multiprofissionais ou individualmente, na iniciativa privada ou no setor público, em grandes centros urbanos ou pequenos, com produtividade e qualidade, tendo como preocupação a relação entre o ambiente e a qualidade de vida física e intelectual dos semelhantes.

Cabe destacar que o município de Ji-Paraná e região possui infraestrutura capaz de absorver os egressos, assim como de proporcionar importantes experiências de prática profissional aos alunos, nas diversas áreas da Engenharia Florestal.

Rondônia apresenta diversas oportunidades tanto no mercado de trabalho quanto na pesquisa florestal, tendo no manejo florestal, na silvicultura de espécies nativas e exóticas e na recuperação de áreas degradadas reais perspectivas de desenvolvimento. O curso de Engenharia Florestal do IFRO foi pensado para que o discente e futuro profissional desenvolva atividades voltadas para o manejo florestal sustentável, incluindo o manejo florestal comunitário; desenvolvimento de pesquisas com silvicultura de espécies nativas visando o aproveitamento de áreas alteradas, o fomento da produção madeireira e a recuperação ambiental; propostas de novos modelos de sistemas agroflorestais, em que se priorize o uso de espécies adaptadas à região e de alto valor comercial, inclusive consórcios que envolvam as espécies de destaque na balança comercial, como o café; formação de bancos de sementes e mudas de essências florestais nativas; análises financeiras dos sistemas de produção, e estudos sobre a viabilidade econômica da produção de produtos madeireiros e não madeireiros, além de estar atualizado no uso das geotecnologias empregadas no setor florestal.

Assim sendo, inserido no contexto da oferta de cursos do IFRO, o Curso de Engenharia Florestal visa à formação acadêmica de um profissional com sustentação científica, postura ética reflexiva, qualificado para o exercício profissional, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais.

Considerando que o Estado de Rondônia está em franco desenvolvimento e que suas estruturas econômicas e sociais também crescem no mesmo sentido, faz-se necessária a presença deste curso com o propósito de preparar profissionais melhores qualificados para atender a demanda do mercado que, a cada dia, cresce de forma acelerada.

Em conformidade com o novo Plano Nacional de Educação (2011-2020) o IFRO cria e implanta seus projetos de cursos visando o desenvolvimento do cidadão e do meio em que ele está inserido e atua como indivíduo reflexivo, crítico e criativo.

Ainda em conformidade com o Plano Nacional de Educação (PNE), o IFRO acredita que “o Brasil só será verdadeiramente independente quando todos os seus cidadãos tiverem acesso a uma Educação de qualidade”. Assim o sendo, o IFRO contribui para o movimento Todos pela Educação, citado no texto do PNE, procurando sanar as necessidades de formação profissional no âmbito de sua região de abrangência.



As vagas oferecidas pelo curso não têm a intenção de faltar o mercado de egressos, mas de poder oferecer um profissional diferenciado para um mercado que a cada dia se torna mais e mais competitivo. Isso para não falar no aquecido desenvolvimento econômico e social da região que demanda por um profissional que seja capaz de, não só resolver os problemas urgentes da sociedade, mas que seja capaz de planejar a médio e a longo prazo ações que atendam a um desenvolvimento da sociedade rondoniense de forma digna e sustentável.

O crescimento econômico contribui para o crescimento populacional, visto que há uma tendência de pessoas migrarem de estados menos desenvolvidos em busca de melhores condições de vida nos estados com melhores condições econômicas. Assim o sendo, o crescimento populacional, por sua vez, requer ampliação na infraestrutura e na formação de pessoal que possa atender a essa demanda, fato que justifica a criação de um curso de nível superior em Engenharia Florestal.

A população local cresce em todos os sentidos. Do ensino médio, saem todos os anos, conforme o disposto no PPC deste curso, alunos ávidos por cursar uma faculdade com o propósito de se preparar para o trabalho e para a atuação no mais aquecido mercado de trabalho de todos os tempos.

### **1.7.2. Transversalidade no currículo**

Para falar de transversalidade no currículo é importante antes falar de temas transversais com perspectiva para aqueles que nortearam as discussões nas Diretrizes Curriculares Nacionais. A Ética, o Meio Ambiente, a Pluralidade Cultural, os Direitos Humanos, a Saúde, a Orientação Sexual, a Diversidade, o Trabalho e o Consumo são alguns dos temas que devem ser incorporados ao currículo de um curso.

Nem todos os temas acima mencionados puderam ser incorporados de forma transversal nas disciplinas do curso em questão. Neste caso, o Núcleo Docente Estruturante optou por incluir os temas mais urgentes entre os conteúdos de algumas disciplinas chaves.

Os demais temas de importância social, cultural e humanística deverão permear o currículo deste curso por intermédio da participação dos discentes em seminários, cursos, minicursos, debates, palestra, projetos de pesquisa e extensão e em outros eventos que poderão ser aproveitados para computar até 20% das 200 horas de atividades complementares a serem integralizadas ao longo do curso.

Os temas transversais tratados ao longo do curso, depois de receberem o devido e necessário tratamento pedagógico, servirão como apoio na formação de um egresso que, além dos saberes



específicos, também seja capaz de desenvolver competências e habilidades humanísticas, sociais, culturais e ambientais.

### **1.7.3. Prática como componente curricular**

No Curso de Engenharia Florestal, a prática como componente curricular é condição primordial para a formação do egresso tendo em vista as especificidades previstas nos objetivos deste projeto. Além das horas de prática como instrumento de testagem, de fixação de conteúdos e de avaliação previstas na maioria das disciplinas, a matriz curricular contempla disciplinas destinadas quase que exclusivamente para o desenvolvimento de habilidades práticas por parte do egresso.

Ademais, o projeto pedagógico do curso prevê a possibilidade de o aluno desenvolver projetos integradores como exercício de prática, estágio não obrigatório a qualquer momento do curso visando o aprimoramento do futuro profissional e a apresentação antecipada dos discentes destaques ao mercado de trabalho e, ao final, 250 horas de estágio curricular obrigatório como elemento de consolidação da prática.

### **1.7.4. Estratégias de acompanhamento pedagógico**

As estratégias de acompanhamento pedagógico ao aluno deverão ocorrer desde o início e não poderão se restringir a um simples diagnóstico sem que haja a aplicação imediata de instrumentos de nivelamento quando for detectado qualquer desnível de um discente em relação à turma e de uma turma em relação ao curso. Quando não forem aplicados instrumentos de diagnóstico, todos os professores e o coordenador do curso deverão ser antenas capazes de detectar e encaminhar os alunos a um atendimento especializado quando estes portarem algum desnível que mereça atenção individualizada.

O docente é a primeira instância do acompanhamento pedagógico. Além de orientar o aluno em relação aos conteúdos de sua disciplina, também poderá influenciá-lo, ensinando-lhe técnicas e métodos diversos para aprender.

O coordenador do curso é a segunda instância e, se não resolver os casos que julgar fora de sua competência, deverá encaminhá-los aos Núcleos Especializados, a exemplo do NAPNE que mantém uma equipe multidisciplinar capaz de dar o acompanhamento pedagógico ao discente.



### **1.7.5. Flexibilização curricular**

A matriz curricular do Curso de Engenharia Florestal foi constituída de forma a priorizar a integração entre ciência, tecnologia e formação profissional. Assim sendo, os conteúdos poderão articular-se e ser desenvolvidos por meio de disciplinas e de projetos integradores. A flexibilização curricular deve ser entendida de forma ampla e irrestrita, haja vista que ela pode se dar de várias maneiras.

No âmbito deste curso, a flexibilização poderá acontecer da seguinte forma:

- a) Por meio de disciplinas optativas que poderão favorecer ao aluno conhecimentos de uma área ou subárea de formação previamente pretendida;
- b) Por meio da disciplina denominada de Tópicos Especiais em Engenharia Florestal que deverá, em seu tempo e a critério do Colegiado do Curso, atender as certas demandas de formação exigidas segundo um contexto específico.
- c) Por meio da integralização de 200 horas/aula de atividades complementares que poderão agregar novos e necessários conhecimentos ao aluno;
- d) Por intermédio da mobilidade acadêmica na mais ampla acepção da palavra nos termos do Regulamento da Organização Acadêmica do IFRO (Artigos 71 a 76).

### **1.7.6. Estratégias de desenvolvimento de atividades não presenciais ou semipresenciais**

Ambiente virtual de aprendizagem

Uma das ferramentas para interação utilizadas no curso de bacharelado em Engenharia Florestal é o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), na plataforma Moodle, por meio do qual são viabilizadas atividades que visem ao ensino-aprendizagem, com acesso a materiais didático-pedagógicos, ferramentas assíncronas e síncronas, mídias educacionais, além de ferramentas de comunicação que propiciem as inter-relações sociais.

No AVA são disponibilizados recursos para consulta de material didático, textos complementares, realização de atividades didáticas e outras atividades relacionadas ao curso. É uma ferramenta acessada com senha individual, que funciona como ambiente de apoio à aprendizagem. A plataforma congrega as ferramentas de interação e realização das atividades de percurso disponíveis no



Moodle e propostas para o desenvolvimento de atividades contextualizadas e de experiência prática ao longo do processo de formação.

Somam-se ao processo os recursos pedagógicos necessários ao ensino remoto, realização de tarefas ou estudo autônomo, tais como: vídeos, animações, simulações, reuniões remotas, links, atividades interativas com professores e alunos, biblioteca virtual e conteúdo da web, possibilitando aos cursistas o desenvolvimento da autonomia da aprendizagem e ainda, a facilidade na busca de informação e construção do conhecimento. Também é disponibilizado no AVA o acesso aos serviços de: informações acadêmicas, notas, calendários, informações pedagógicas, cronogramas, arquivos disponíveis, slides das aulas, materiais complementares, contatos, entre outros.

#### Atividades de Tutoria

A Portaria nº 2117 de 6 de dezembro de 2019 do MEC, trouxe a prerrogativa que permite, até 40% do total da carga horária dos cursos de graduação sejam ministrados com metodologia a distância, desde que atendidos os requisitos da portaria. Usando dessa prerrogativa, e em conformidade com a Resolução nº 87/CONSUP/IFRO, de 30 de dezembro de 2016, que dispõe sobre o regulamento da organização Acadêmica dos Cursos de Graduação em seu Art. 13, os cursos de graduação podem ofertar disciplinas integral ou parcialmente com metodologia a distância desde que não ultrapasse 20% da carga horária total do curso, sendo assim o curso de bacharelado em Engenharia Florestal, ofertará até 20% da carga horária das disciplinas utilizando metodologia a distância.

As atividades com metodologia a distância em Ambiente Virtual de Aprendizagem, de material impresso, e outros, são devidamente orientadas pelo Professor do componente curricular que, no âmbito do IFRO, atua como Professor Tutor. Sendo estabelecido tempo, complexidade e conteúdo do currículo, com o suporte necessário e devido; Respaldo preconizado pela PORTARIA MEC Nº 2.117, DE 6 DE DEZEMBRO DE 2019.

#### **1.7.7. Certificação de conclusão de curso**

Após o cumprimento integral da matriz curricular que compõe o curso, será conferido ao egresso o Diploma de Bacharel em Engenharia Florestal, a ser registrado conforme o Regulamento de Certificados e Diplomas do IFRO.



Só serão concedidos os diplomas de habilitação aos alunos que concluírem todas as disciplinas e práticas profissionais previstas para o curso, incluindo-se estágios, atividades complementares e trabalhos de conclusão de curso, dentro do período de integralização previsto, conforme legislação vigente.

#### **1.7.8. Critérios de aproveitamento de estudos e de certificação de conhecimentos**

O aproveitamento de disciplinas será proporcionado de acordo com a oferta do curso e do calendário estabelecido pelo IFRO, levando-se em conta os critérios estabelecidos na Regulamentação de Organização Acadêmica (ROA) do IFRO.

Os educandos poderão cursar disciplinas obrigatórias e optativas que sejam oferecidas em outros cursos do IFRO e outras instituições, desde que compatíveis com as competências, conhecimentos e carga horária das disciplinas presentes no curso de Engenharia Florestal. Para tal prática deverão ser consideradas as matrizes curriculares dos dois cursos relacionados na análise de equivalência e as ementas e cargas horárias das disciplinas para as quais se requer o aproveitamento, tendo em vista o que está sendo oferecido no *Campus*.

O aproveitamento de estudos, se concedido, ocorrerá se os estudos submetidos a aproveitamento corresponderem à carga horária de pelo menos 75% e a conteúdos iguais ou excedentes do previsto no curso onde se requer que seja feito o aproveitamento. Contudo, tal aproveitamento será concedido apenas quando requerido exclusivamente nos prazos estabelecidos para matrícula de ingresso e quando os estudos tiverem sido realizados a, no máximo, cinco anos da data do requerimento.

O aproveitamento de estudos dever-se-á nos termos do Regulamento da Organização Acadêmica do IFRO:

Art. 119. Aproveitamento de estudos é a prática de reconhecimento e aceitação de estudos concluídos em uma ou mais disciplinas, com resultado suficiente para promoção atestada por instituições de ensino reconhecidas legalmente, e poderá ocorrer de forma:

I - Parcial, quando os estudos realizados na instituição de origem não contemplarem, no mínimo, 75% dos conteúdos ou da carga horária da disciplina no projeto pedagógico do curso de destino.

II - Total, quando os estudos realizados na instituição de origem contemplar, no mínimo, 75% dos conteúdos e da carga horária da disciplina no projeto pedagógico do curso de destino.



§ 1º. O aproveitamento de estudos, quando requerido pelo aluno e deferido pelo IFRO, leva à dispensa da necessidade de cursar aquelas disciplinas ou conteúdos cujos estudos foram aproveitados.

§ 2º. O aproveitamento parcial de estudos requer complementação.

Art. 120. O aproveitamento de disciplinas concluídas com êxito, para fins de complementação de estudos, só poderá ser requerido dentro do prazo de integralização do curso ao qual se refere.

Art. 121. Em qualquer caso de aproveitamento, deverá constar na ficha individual do aluno beneficiado o local em que houve a conclusão das disciplinas e a nota obtida, bem como a menção de que se trata de disciplinas com aproveitamento de estudos realizados em outra instituição.

Art. 122. Estudos realizados em disciplinas com nomenclatura diferente daquelas para as quais se requer o aproveitamento podem ser aceitos, desde que se respeitem os princípios relativos a conteúdos e carga horária de equivalência definidos neste Regulamento.

Art. 123. Podem ser aproveitados conteúdos de duas ou mais disciplinas em uma ou de uma disciplina em duas ou mais, desde que haja a devida equivalência prevista nos termos do artigo anterior.

Art. 124. Não pode haver aproveitamento para atividades acadêmicas específicas, tais como trabalho de conclusão de curso, estágio supervisionado e atividades complementares.

Art. 125. Os registros no histórico acadêmico serão processados da seguinte forma:

§ 1º. A nomenclatura e carga horária a serem registradas serão as relativas à disciplina equivalente no IFRO, conforme Projeto Pedagógico do Curso em questão.

§ 2º. Na hipótese de duas ou mais disciplinas da instituição de origem serem utilizadas em conjunto para o aproveitamento de estudos de uma única disciplina no IFRO, deverá ser registrada a maior nota entre as disciplinas aproveitadas.

§ 3º. Se necessário, o conceito final e/ou nota final de cada disciplina cursada na instituição de origem deverá ser convertido para o sistema próprio de avaliação vigente no IFRO. Quando se tratar de conceitos estes serão convertidos em notas tomando-se como parâmetros os termos médios.

§ 4º. No aproveitamento de estudos, as faltas computadas pela instituição de origem não serão registradas no histórico acadêmico.

Art. 126. Para a disciplina cujo estudo foi aproveitado, deverá constar no histórico acadêmico a sigla "AE", correspondendo à observação "Aproveitamento de Estudo".

Parágrafo único. Na observação do histórico acadêmico deverá constar: "Aproveitamento de estudos cursados na Instituição xxxx, conforme processo



nºxx/20xx”. (processo correspondente à solicitação do aluno e deliberação da Direção de Ensino).

Art. 127. No caso de aproveitamento parcial, o professor responsável pela disciplina deverá atribuir atividade complementar nos termos deste regulamento.

A certificação do conhecimento deverá ser feita também com base no que fora previamente consignado no Regulamento da Organização Acadêmica do IFRO, conforme o que se segue:

Art. 134. Entende-se por Certificação de Conhecimentos, a validação de conhecimentos adquiridos por meio de experiências previamente vivenciadas em diferentes instituições, inclusive no trabalho, a fim de alcançar a dispensa de disciplina(s) integrante(s) da matriz curricular do curso.

Art. 135. A Certificação de Conhecimentos será regida na forma da lei e por regulamentação própria no âmbito do IFRO.

## **1.8. Estágio Curricular Supervisionado**

De acordo com a Resolução CNE/MEC nº 03 de 02 de fevereiro de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Engenharia Florestal, no artigo 8º, o estágio deverá ser concebido como componente curricular obrigatório.

O Estágio Curricular Supervisionado caracteriza-se como componente curricular que fomenta o perfil do formando, consistindo numa atividade obrigatória, mas diversificada, tendo em vista a consolidação prévia dos desempenhos profissionais desejados, segundo as peculiaridades do curso. Visa contemplar uma prática profissionalizante de qualidade, vinculada a uma postura crítica diante dos conhecimentos teóricos, assim como uma postura ética diante do trabalho, tendo por objetivos:

- I. Propiciar ao aluno subsídios para a compreensão da realidade institucional;
- II. Compreender a inter-relação teoria e prática em condições concretas;
- III. Trabalhar em condições reais de planejamento e sistematização.

O Estágio Curricular Supervisionado visa proporcionar ao aluno vivências advindas do enfrentamento de situações reais das atividades profissionais, preparando o aluno para um desempenho competente nas diferentes áreas de atuação do Engenheiro Florestal. Essa atividade permite completar e sedimentar a formação do futuro profissional, quer no aspecto técnico-científico, quer no aspecto social e de relações humanas.



Este componente curricular é bastante peculiar, diferenciando-se dos demais, pois implica colocar o aluno em contato direto com a área de intervenção que é bastante diversificada. Neste caso, o estágio será administrado obedecendo às regras descritas na Resolução nº 87/CONSUP/IFRO/2016, que dispõe sobre o regulamento de estágio dos cursos de graduação do IFRO.

Pelo seu caráter implementador de desempenhos profissionais, antes mesmo de se considerar concluído o curso, é necessário que, à proporção que os resultados do estágio forem sendo verificados, interpretados e avaliados, o estagiário esteja consciente do seu atual perfil, naquela fase, para que ele próprio reconheça a necessidade da retificação da aprendizagem nos conteúdos em que revelará equívocos ou insegurança de domínio e da própria reprogramação da prática.

O Estágio dará ênfase à mediação teoria/prática, recuperando os procedimentos metodológicos necessários à intervenção profissional na realidade. Deverá ser acompanhado pelo professor-supervisor da disciplina e pelo professor-supervisor de campo. O professor supervisor da disciplina deverá aprovar, avaliar e acompanhar a execução do projeto de estágio.

Todo processo de encaminhamento, registro e controle de estágio é intermediado pela Coordenação de Integração, Empresa, Escola e Comunidade (CIEEC), que terá como atividades de rotina para execução do estágio curricular supervisionado:

- A viabilização do estágio curricular pode ser realizada pela CIEEC, diretamente pelo aluno ou por agente de integração que tenha convênio com o IFRO. Caso seja feita pela CIEEC, essa deverá encaminhar os alunos para a empresa requerente através da Carta de Encaminhamento.
- As empresas requerentes deverão estar devidamente conveniadas com o IFRO através do Termo de Convênio. Nesse termo ficam estabelecidas, dentre outras coisas, as obrigações da empresa, as obrigações do IFRO, etc.

O aluno que se encontrar comprovadamente no quadro funcional de uma empresa, exercendo atividades afins ao curso, poderá validar essas atividades como estágio curricular obrigatório, de acordo com as regulamentações internas do IFRO.

A avaliação do estágio será feita periodicamente pela Coordenação do Curso, através de relatórios parciais e/ou reuniões com o estagiário. Nessa etapa, o estágio poderá ser inviabilizado, caso sejam observados desvios nas atividades inicialmente propostas pela empresa.

#### 1.8.1. Supervisão e orientação do estágio supervisionado



Os professores orientadores de estágio são docentes que ministram aulas no curso de Engenharia Florestal. Em casos excepcionais, docentes de outras Coordenações de Curso podem desempenhar a função de orientador de estágio. Cabe ao professor orientador de estágio o acompanhamento direto das atividades em execução pelo estagiário e a manutenção de contatos frequentes com o profissional orientador, para a avaliação do Estágio Supervisionado.

No local do Estágio Supervisionado, o estagiário deverá ter o acompanhamento de um profissional como supervisor, o qual será indicado pela empresa.

#### 1.8.2. Avaliação do estágio supervisionado

O parecer final do Estágio Supervisionado será dado pelo professor orientador de estágio após avaliar o “Relatório Final de Estágio”. Este relatório deverá conter a descrição das atividades realizadas pelo estagiário e o parecer assinado do profissional supervisor da concedente do estágio.

#### 1.8.3. Professor orientador

São atribuições do Professor Orientador:

- Realizar encontros periódicos com seus orientados, de modo a ficar ciente das atividades que estão sendo executadas, e prestar assistência aos alunos em caso de dúvidas;
- Facultar a visita ao local de estágio;
- Fazer a avaliação do Relatório de Acompanhamento de Estágio;
- Fazer a avaliação do Relatório Final de Estágio informando se este foi ou não plenamente concluído.

#### 1.8.4. Estagiário

São atribuições do Estagiário:

- Procurar estágio, quando não for ofertado pelo IFRO;
- Zelar pelo nome do Curso de Engenharia Florestal;
- Elaborar os Relatórios de Estágio;



- Cumprir os prazos de entrega dos Relatórios de Estágio.

### **1.9. Atividades Complementares**

As Atividades Complementares visam possibilitar o reconhecimento, por avaliação, de habilidades e competências do aluno, inclusive adquiridas fora do ambiente escolar, hipóteses em que o aluno alargará o seu currículo com experimentos e vivências acadêmicas, internos ou externos ao curso, não se confundindo com o estágio curricular supervisionado. As atividades complementares integram o currículo do curso de Engenharia Florestal correspondendo a 200 horas/aula. Estas atividades possuem caráter acadêmico, técnico, científico, artístico, cultural, esportivo e de inserção comunitária e obedecem ao Regulamento da Organização Acadêmica dos Cursos de Graduação do IFRO e Regulamento de Atividades Complementares do Curso de Engenharia Florestal. Tais atividades têm como objetivo a formação de um profissional com conhecimento mais amplo, não restringindo apenas aos conhecimentos diretamente ligados à sua opção de curso.

Estas atividades devem ser cumpridas pelo aluno no período em que o mesmo estiver cursando as disciplinas da matriz curricular do curso, sendo um componente obrigatório para a conclusão do mesmo. As atividades deverão ser contabilizadas mediante a solicitação do aluno no SUAP (Sistema Unificado de Administração Pública), onde este insere o documento comprobatório da atividade, juntamente com a carga horária de acordo com a tabela de atividades complementares presente no Regulamento de Atividades Complementares do Curso de Engenharia Florestal e a Coordenação de Curso irá validar os documentos. Cada documento apresentado somente será contabilizado uma única vez e deverão ser registradas no histórico escolar do discente pela Coordenação de Registros Acadêmicos.

Em função do caráter de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, atividades como iniciação científica, monitoria, participação em eventos, congressos, simpósios e visitas técnicas poderão ser contabilizadas como atividades complementares. Podem ainda ser desenvolvidas por meio de atividades práticas de campo e o reconhecimento das práticas profissionais vivenciadas no trabalho, conforme documentos regulatórios. Assim, se orientam a estimular a prática de estudos independentes, transversais, opcionais, de interdisciplinaridade, de permanente e contextualizada atualização profissional específica, sobretudo nas relações com o mundo do trabalho, notadamente integrando-as às



diversas peculiaridades regionais e culturais, e se constituem em componentes curriculares enriquecedores e fomentadores do perfil do formando.

De acordo com a Resolução CNE/CES nº03 de 02 de fevereiro de 2006, as atividades complementares se constituem de componentes curriculares enriquecedores e complementadores do próprio perfil do formando, sem que se confundam com o estágio supervisionado.

As Atividades Complementares serão assistidas pelo Coordenador do curso que seguirá o regulamento devidamente elaborado para este fim.

A competência profissional do egresso há de resultar da integração de várias competências distintas, além da exclusivamente científica, a saber, a crítica, a técnica, a relacional, a de atuação prática e a humanística, desenvolvendo interesses pelos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos da comunidade à qual pertence.

Deste modo, as Atividades Complementares constituem um conjunto de práticas de extensão e pesquisa, por participação e/ou execução, em projetos e eventos desenvolvidos dentro e/ou fora do Instituto e que promovam o aprimoramento da formação acadêmica do aluno, bem como estabeleçam a relação educativa indispensável entre a teoria e a prática, como complementação das atividades curriculares pré-estabelecidas.

#### **1.10. Trabalho de Conclusão de Curso**

Sendo todo o curso voltado a produção de trabalhos de cunho tecnológico, científico e acadêmico, e o aluno incentivado a ser um pesquisador e articulador da teoria e da prática, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) configura-se como o encerramento de todas as atividades no âmbito da formação inicial e serve como propulsor para as atividades de formação continuada e é um requisito curricular necessário à obtenção da graduação em Engenharia Florestal. Assim, quer seja por meio de pesquisa bibliográfica, ou por pesquisa de campo, o acadêmico vivencia por meio do TCC a sistematização de conceitos e o relacionamento dos mesmos com o campo prático. Compreende a análise e, se possível, resolução de um problema técnico ou tecnológico de interesse da área de formação do aluno, e será desenvolvido sobre um tema específico, não necessariamente inédito, envolvendo no mínimo as seguintes atividades básicas que definem suas etapas: elaboração de um projeto de pesquisa; aplicação do projeto; sistematização e apresentação dos resultados da pesquisa por meio de um artigo científico ou monografia e de uma apresentação pública (defesa).

O TCC constitui uma atividade curricular pautada em atividades devidamente orientadas por profissionais lotados no âmbito do curso segundo o predisposto no regulamento próprio. É recomendável que a execução do trabalho deva ser conduzida ao longo do último ano do curso.

O TCC está contemplado na matriz curricular na disciplina preparatória de Trabalho de Conclusão de Curso I e o componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II.

As modalidades admitidas para o TCC no curso de Engenharia Florestal, segundo a Resolução vigente no IFRO, são:

- Monografia;
- Artigo científico;
- Criação de um produto devidamente justificado em relatório ou artigo científico;
- Artigo publicado em revista durante o curso.

### **1.11. Apoio ao Discente**

O apoio ao discente é prestado de diversas formas e por variados segmentos no âmbito do IFRO, de acordo com a necessidade de cada aluno.

O aluno conta com o atendimento da Coordenação de Registros Acadêmicos no que compete a ela e também com o apoio irrestrito do coordenador do curso que está a sua disposição em horários pré fixados em murais e disponíveis no site do IFRO.

Além do atendimento direto e geral, o aluno também conta com atendimentos especializados. O Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE) é o principal órgão de atendimento e de apoio ao acadêmico no tocante às suas dificuldades de adaptação e de aprendizagem.

Para os alunos que precisam ser ouvidos nas suas dúvidas, reclamações e sugestões, há ainda a Ouvidoria que tem atendimento presencial e pelos sistemas de comunicação eletrônica. A Ouvidoria é segmento importante no atendimento e apoio ao discente e está regulamentada em documento próprio.

### **1.12. Ações Decorrentes do Processo Avaliativo do Curso**

A respeito da auto avaliação, o PPC contempla o previsto na Lei nº 10.861/2004 - SINAES Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior e fundamenta-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais e no PDI do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.



A estruturação avaliativa do curso compreende o especificado no Projeto e Regulamento da CPA e contempla os aspectos da organização didático-pedagógica, da avaliação do corpo docente, discente e técnico-administrativo e das instalações físicas.

Na busca de seu reconhecimento como entidade educacional comprometida com sua missão e suas políticas institucionais, o IFRO preocupado em melhorar os serviços oferecidos à comunidade aplica, constantemente, instrumentos avaliativos a fim de detectar as falhas para fazer as correções imediatas e necessárias.

A identificação dos pontos fortes e fracos do IFRO permite a construção de metas que possibilitem uma constante revisão dos procedimentos para a persecução de seus objetivos e alcance de suas políticas institucionais.

O processo avaliativo é democrático e garante a participação de todos os segmentos envolvidos como forma da construção de uma identidade coletiva. Em específico, os instrumentos avaliativos destinados aos discentes são organizados de forma a contemplar aspectos didático-pedagógicos do curso e de cada segmento institucional que lhe sirva de suporte, além, é claro, da avaliação individualizada de cada membro do corpo docente e uma auto avaliação proposta para cada acadêmico.

A avaliação do curso é encaminhada à Coordenação de Curso pela CPA para que possa propor as medidas necessárias de adequação junto às instâncias superiores.

A obtenção dos resultados avaliativos do curso tem possibilitado um diagnóstico reflexivo sobre o papel desenvolvido pelo IFRO no âmbito interno e externo, favorecendo a adoção de novas ações e procedimentos que atendam às demandas do entorno social no qual está inserida, contribuindo, desta maneira, para a construção de uma identidade mais próxima à realidade do ambiente em que se localiza e atua como agente de transformação social e cultural.

A avaliação do PPC traz, em si, a oportunidade de rupturas com a acomodação e abre espaço para se indagar qual a importância do curso para a sociedade, qual a melhor política a ser adotada em sua implementação e qual a sua contribuição para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O processo de avaliação é uma forma de prestação de contas à sociedade das atividades desenvolvidas pela Instituição, a qual atua comprometida com a responsabilidade social e com o desenvolvimento sustentável da região.

O acompanhamento e avaliação do Projeto Pedagógico do Curso resultam, principalmente, de um trabalho integrado entre o Colegiado de Curso, o Núcleo Docente Estruturante, a Comissão Própria



de Avaliação e os demais segmentos do IFRO que, de posse dos resultados, desenvolvem ações de construção e reconstrução do curso e de seu Projeto Pedagógico visando a criação de uma atmosfera propícia ao desenvolvimento social do saber historicamente construído.

São considerados relevantes para o processo de avaliação do curso e de seu Projeto Pedagógico os indicadores oriundos de dados originados das demandas da sociedade, do mercado de trabalho, das avaliações do curso pelo INEP, do ENADE, do Programa de Auto avaliação Institucional do IFRO e dos resultados das atividades de pesquisa e extensão.

O processo de auto avaliação do PPC foi implantado de acordo com as seguintes diretrizes: a auto avaliação do curso constitui uma atividade sistemática que deve ter reflexo imediato na prática curricular; deve estar em sintonia com o Projeto de Auto avaliação Institucional e, por último, deve envolver a participação dos professores, dos alunos e do corpo técnico-administrativo envolvido com o curso.

Cabe a CPA e a Coordenação do Curso operacionalizar o processo de auto avaliação junto aos professores, com o apoio do NDE. Deve haver, ao final do processo, a produção de relatórios conclusivos, a análise desses relatórios conclusivos de auto avaliação pela CPA, pela Coordenação do Curso e pelo NDE.

Os resultados das análises do processo devem ser levados ao conhecimento da comunidade acadêmica por meio de comunicação institucional, resguardados os casos que envolverem a necessidade de sigilo ético.

#### **1.12.1. Atendimento Extraclasse**

O atendimento extraclasse aos alunos é realizado pelo coordenador de curso e pelos professores com jornada semanal específica para atendimento extraclasse ao discente, assim como pelos serviços especializados de atendimento ao discente. Esse atendimento é feito personalizado e individualmente. O aluno, sem prévio agendamento, faz valer seus direitos, tirando dúvidas e apresentando sugestões. Os docentes atendem os alunos que participam dos projetos de iniciação científica, das monitorias, projetos de pesquisa, extensão, dos trabalhos de conclusão de curso, dos estágios supervisionados.

#### **1.12.2. Atendimento Psicopedagógico**



O corpo discente do IFRO tem a sua disposição o serviço de psicologia educacional e orientação pedagógica. Ambos os serviços estão ligados à Coordenação de Assistência ao Educando e à Diretoria de Ensino.

Tem por finalidade a orientação a docentes e discentes no que se refere ao encaminhamento de questões pedagógicas; acompanhando a elaboração, a execução e a avaliação de projetos, planos, programas e outros, objetivando o atendimento e acompanhamento do discente, nos aspectos que se referem ao processo pedagógico, visando contribuir para o acesso, permanência e êxito dos discentes na escola.

Além disso, o corpo discente deste e de outros cursos mantidos pela IFRO conta com o Serviço oferecido pelo Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE). O NAPNE tem por objetivo assessorar e acompanhar os alunos em suas ações, atividades e comportamentos.

O NAPNE promove e executa programas visando à melhoria das condições psicológicas e de desempenho acadêmico do alunado. Além do mais, o NAPNE desenvolve ações em conjunto com as coordenações de curso, Departamento de Apoio ao Ensino e Departamento de Assistência ao Educando com o propósito de diagnosticar os problemas e de, conseqüentemente, apresentar soluções para eles.

### **1.12.3. Estratégias de Nivelamento**

Com o objetivo de recuperar as deficiências de formação dos ingressantes, o IFRO oferece cursos e atividades de nivelamento em matemática, língua portuguesa e em outras disciplinas nas quais os discentes mostraram-se deficitários em relação aos demais de suas turmas. Os cursos de nivelamento são oferecidos a todos os alunos do primeiro semestre dos cursos de graduação, logo nas primeiras semanas de aula.

Os cursos e atividades de nivelamento tem por objetivo revisar conteúdos necessários ao desempenho acadêmico do aluno; oportunizar o estudo de aspectos determinantes para o cotidiano da sala de aula; integrar o estudante na comunidade acadêmica e fazê-lo refletir sobre o que representa a nova vida acadêmica.

O IFRO, por meio de programa próprio, oferece suporte ao desenvolvimento de cursos de nivelamento compatíveis com as prioridades de cada curso e também levando em conta as necessidades identificadas pelas coordenações dos cursos. Além dos acima enumerados, outras disciplinas e conteúdos podem ser apresentados para nivelamento dos alunos ingressantes no IFRO.



#### 1.12.4. Estratégias de Interdisciplinaridade

A proposta de formação interdisciplinar supõe e se operacionaliza em procedimentos teóricos e metodológicos que implicam na integração de conteúdos e atividades das diferentes disciplinas que compõem a matriz curricular do curso.

Isso permitirá conceber o conhecimento como unidade na formação, superando as divisões entre as mesmas, entre teoria e prática, entre ensino e pesquisa, considerando-as, a partir da contribuição das ciências, diferentes leituras de que o processo de aprendizagem não se limita aos conteúdos propostos.

A matriz curricular foi organizada em razão de um plano de etapas de formação intelectual. Uma estratégia para a interdisciplinaridade pode ser a elaboração de projetos de ensino, pesquisa ou extensão com o fim de articular disciplinas umas com as outras, em razão de afinidades de conteúdos e pontos de continuidade. A proposição deve ocorrer em dois sentidos:

- Horizontal: envolvendo disciplinas diferentes em um mesmo período;
- Vertical: envolvendo disciplinas em sequência de períodos.

O estabelecimento de cadeias de conexões horizontais e verticais entre disciplinas incentiva o apoio recíproco entre docentes, dinamiza a aprendizagem e remove a impressão de que as matérias são estanques entre si.

Uma das formas de se programar a prática interdisciplinar é através do que se denomina problematização dos conhecimentos em contato com a realidade por intermédio de um estudo dialógico, tendo em vista que problematizar, tomando como referencial a realidade do acadêmico, significa permitir que o mesmo possa refletir sobre si mesmo enquanto ser pensante.

No ato de repensar o curso apresentado neste Projeto Pedagógico, pode-se, também, recorrer à interdisciplinaridade deste com outros cursos do IFRO conscientizando o acadêmico de que um curso de qualidade não se fundamenta na memorização de conceitos, mas na reflexão ampla e profunda da realidade pautada em aspectos teóricos oriundos de diversos campos científicos.

A interdisciplinaridade com outros cursos poderá ocorrer também por meio de parcerias que sustentem o desenvolvimento de projetos voltados para o benefício da comunidade.

A implantação de projetos integradores de extensão, que visam a ações interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares constitui meta importante no processo de ensino e de



aprendizagem do curso de graduação em Engenharia Florestal oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.

As ações interdisciplinares deverão ser regulamentadas em programas próprios, os quais, além de normas, objetivos e metas, deverão apresentar princípios didáticos e metodológicos do ser e do fazer interdisciplinar.

#### **1.12.5. Estímulos às Atividades Acadêmicas**

A missão do IFRO alicerça-se no desenvolvimento da atividade educacional formativa, desenvolvendo e preparando profissionais, cidadãos livres e conscientes, que busquem projetos de vida, participativos, responsáveis, críticos e criativos, construindo e aplicando o conhecimento para o aprimoramento contínuo da sociedade em que vivem e de futuras gerações.

O Instituto Federal de Rondônia oferece educação superior, visando à formação de sujeitos empreendedores e comprometidos com o autoconhecimento e com a transformação social, cultural, política e econômica do Estado de Rondônia e da Região. Assim, a Instituição tem a responsabilidade social de preparar profissionais éticos e competentes capazes de contribuir para o desenvolvimento regional, o bem-estar e a qualidade de vida de seus cidadãos. Consoante com a sua missão, o IFRO proporciona muitos estímulos aos acadêmicos para a realização de atividades acadêmicas e participação em eventos complementares.

Por assim o ser, O IFRO incentiva a participação do estudante em viagens de estudos; em atividades de extensão; monitoria; pesquisa; discussões temáticas; estudos complementares; participação em seminários, encontros, simpósios, conferências e congressos, internos e externos; participação em estudos de casos; projetos de extensão; em publicação de produção científica em instrumentos próprios e em outros periódicos nacionais e internacionais devidamente registrados nos órgãos de indexação e, finalmente, em visitas programadas e outras atividades acadêmicas e culturais. Além disso, o IFRO apoia a divulgação de trabalhos de autoria dos seus alunos.

O aluno recebe incentivo institucional efetivo, tanto no que diz respeito ao desenvolvimento de sua trajetória acadêmica, quanto no que concerne às ações que o estimulam a permanência na Instituição em programas de formação continuada e de pós-graduação *Lato* e *Stricto sensu*.

#### **1.13. Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no processo ensino-aprendizagem**



O *Campus* de Ji-Paraná dispõe de um conjunto de recursos de informática disponíveis para a comunidade acadêmica. Os equipamentos estão localizados, principalmente, nas instalações administrativas, biblioteca, laboratórios de informática, laboratórios específicos, salas de professores, salas de coordenação, sala do NDE.

O *Campus* Ji-Paraná disponibiliza 4 laboratórios de informática e 1 laboratório de geotecnologias equipados com computadores, todas ligadas à internet. Estes são abertos aos estudantes de segunda a sexta-feira, do período matutino ao noturno. Estes ambientes são destinados às aulas e pesquisas livres dos alunos. Além disso, incorpora de maneira crescente os avanços tecnológicos às atividades acadêmicas. Diversas dependências comuns do *Campus* disponibilizam serviço de wireless aos estudantes. O IFRO incentiva o corpo docente a incorporar novas tecnologias ao processo ensino-aprendizagem, promovendo inovações no âmbito dos cursos.

As tecnologias de informação e comunicação implantadas no processo de ensino-aprendizagem e previstas no Projeto Pedagógico do Curso incluem, especialmente, o uso da imagem e a informática como elementos principais. É estimulado o uso, entre os professores, de ferramentas informatizadas que permitam o acesso dos alunos aos textos e outros materiais didáticos em mídias eletrônicas. As aulas com slides por meio de projetor multimídia ou de aparelhos de televisão possibilitam ao docente utilizar imagens com boa qualidade, além de enriquecer os conteúdos abordados com a apresentação de esquemas, animações, mapas, entre outros. Os docentes utilizam também as linguagens dos modernos meios de comunicação, TV/DVD e da música/som e outros. A integração de dados, imagens e sons; a universalização e o rápido acesso à informação; e a possibilidade de comunicação autêntica reduz as barreiras de espaço e de tempo e criam um contexto mais propício à aprendizagem.

Nos microcomputadores e softwares disponibilizados pela Instituição para o curso, são utilizados (as):

- a) A internet, como ferramenta de busca e consulta para trabalhos acadêmicos e em projetos de aprendizagem. Sua utilização permite superar as barreiras físicas e o acesso limitado aos recursos de informação existentes. Os docentes propõem pesquisas e atividades para os alunos. Os alunos utilizam as ferramentas de busca (como Periódicos Capes, Google, Google Acadêmico, Yahoo, enciclopédia online, demais banco de dados e outros) para elaborar e apresentar um produto seu, estruturado e elaborado a partir dos materiais encontrados;



- b) A comunicação por e-mail, já está consagrada institucionalmente. Por meio de mensagens, alunos e professores trocam informações sobre trabalhos e provas e enviam arquivos e correções uns para os outros;
- c) Os pacotes de aplicativos, que incluem processador de textos, planilha eletrônica, apresentação de slides e gerenciador de bancos de dados, são frequentemente, utilizados pelos docentes, na instituição, para preparar aulas e elaborar provas, e pelos alunos, nos laboratórios de informática e na biblioteca, como extensão da sala de aula. O processador de textos facilita ao aluno novas formas de apropriação da escrita, onde o reescrever é parte do escrever. As planilhas permitem lidar com dados numéricos em diversos componentes curriculares. Além de cálculos numéricos, financeiros e estatísticos, as planilhas também possuem recursos de geração de gráficos, que podem ser usados para a percepção dos valores nelas embutidos quanto para sua exportação e uso em processadores de texto, slides ou blogs;
- d) Os jogos e simulações, propiciando vivências significativas, cruzando dados para pesquisas e fornecendo material para discussões e levantamento de hipóteses;
- e) Nivelamento em disciplinas básicas, cursos de extensão e integralização de carga-horária, online, por meio do ambiente virtual de aprendizagem (AVA), utilizando o *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment* (MOODLE);
- f) Demais ferramentas, de acordo com o previsto nos planos de ensino.

#### **1.14. Procedimentos de Avaliação dos Processos de Ensino-aprendizagem**

A avaliação de desempenho acadêmico, parte integrante do processo ensino-aprendizagem, é feita por disciplina e incide sobre a frequência e o aproveitamento escolar do aluno.

Independentemente dos demais resultados obtidos, são considerados reprovados na disciplina, os alunos que não obtiverem frequência mínima igual a 75% (setenta e cinco por cento) nas aulas e demais atividades programadas.

Os procedimentos de avaliação pontuarão com notas quantitativas a assiduidade, a pontualidade, a participação nos trabalhos, bem como a apresentação, a redação, a coerência, a abrangência, a pertinência com os temas abordados em aula, a visão crítica e criatividade do aluno, os trabalhos individuais realizados por ele, os trabalhos em grupo, participação em seminários, em colóquios



e em visitas de estudos. Além do mais serão aplicadas, na forma do Regulamento da Organização Acadêmica (ROA-Graduação).

As provas ou atividades de avaliação escolar, regulamentadas no ROA-Graduação, visam à avaliação progressiva do aproveitamento do aluno e deverão ter previsão expressa nos planos de ensino de cada disciplina.

Atendida, em qualquer caso, à frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) às aulas e demais atividades escolares, é aprovado o aluno que obtiver nota de aproveitamento não inferior a 60,0 (sessenta), correspondente à média aritmética das notas dos exercícios escolares realizados durante o semestre letivo em consonância com o que está escrito no Regulamento da Organização Acadêmica.

A avaliação se fundamentará no acompanhamento do processo, que possibilite ao aluno um nível de interatividade com o objeto de estudo, no processo de construção de conceitos e na aplicabilidade dos conhecimentos na resolução de problemas. O processo de avaliação deve constituir-se no principal instrumento de investigação diagnóstica, contínua, cumulativa, sistemática e compartilhada em cada etapa educativa, para a busca incessante da compreensão das dificuldades do educando e o aproveitamento das oportunidades da instituição na dinamização do processo de ensino e aprendizagem.

As estratégias e instrumentos de avaliação terão como base de sustentação a Lei n.º 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e a proposta pedagógica do IFRO. A avaliação ocorrerá nas três seguintes formas:

1. Diagnóstica, como verificação do processo;
2. Formativa, para intervenção em favor da superação de problemáticas, prevenção de falhas, aproveitamento de oportunidades e/ou aperfeiçoamento do processo;
3. Somativa, em que se acumulam os resultados obtidos, os quais se traduzem nas médias parciais e finais dos sujeitos, processos e objetos avaliados.

A avaliação do aluno deve ocorrer sempre de forma diversa e múltipla, aplicando-se o mínimo de dois instrumentos presenciais, ou estratégias diferentes entre si por componente curricular e por semestre, módulo ou etapa, em que nenhum deles ultrapasse 60% da nota.

São considerados instrumentos de avaliação todos aqueles que permitem aos educadores fazer diagnósticos e intervenções em tempo hábil, com vistas ao aprimoramento do processo ou recuperação



de estudos, incluindo-se provas escritas e orais, testes, debates, relatórios, dissertações, experiências, práticas, demonstrações, projetos, monografias, exercícios, tarefas, participação em fóruns e outros, seja em atividades regulares ou de rotina, seja ainda nas atividades especiais e estágios.

A Diretoria de Ensino deve acompanhar as avaliações, como forma de sugerir o aperfeiçoamento dos instrumentos avaliativos.

As atividades não presenciais/semipresenciais, para os cursos ofertados na modalidade presencial, não poderão exceder 20% da nota total da disciplina.

As avaliações aplicadas de forma escrita devem ser devolvidas aos alunos, corrigidas, preferentemente em até dez dias úteis após sua aplicação, para que o aluno possa apreciar, discutir ou solicitar revisão.

#### **1.15. Participação Obrigatória dos Discentes no Acompanhamento e na Avaliação do PPC**

O aluno tem participação e representação efetiva na condução do curso. Em se tratando de representação, o corpo discente, seguindo as orientações deste projeto pedagógico, deverá eleger anualmente, entre os seus pares, um representante com direito à voz e ao voto para o Colegiado do Curso.

De igual modo, o aluno é amplamente estimulado a participar das avaliações institucionais e do curso, elaboradas e promovidas anualmente pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) e chamado a contribuir com sugestões de melhoria, quando convocados para as reuniões do Colegiado ou de outras Comissões formadas para este fim.



## **DIMENSÃO 2 - CORPO DOCENTE**

### **2.1. Atuação do Núcleo Docente Estruturante**

Conforme resolução CONAES nº 01, de 17 de junho de 2010, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) de um curso de graduação constitui-se de um grupo de docentes, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico do curso. O NDE deve ser constituído por membros do corpo docente do curso, que exerçam liderança acadêmica no âmbito do mesmo, percebida na produção de conhecimentos na área, no desenvolvimento do ensino, e em outras dimensões entendidas como importantes pela instituição, e que atuem sobre o desenvolvimento do curso.

O Núcleo Docente Estruturante deve ser integrado por professores responsáveis pela formulação das propostas pedagógicas e que estejam efetivamente encarregados da implementação e desenvolvimento do curso no que concerne às atividades de docência, orientação de pesquisa, estágio e extensão, atualização do Projeto Pedagógico, entre outras.

Em sua composição, o Núcleo Docente Estruturante conta com o mínimo de (05) docentes, tendo o coordenador do Curso seu presidente com voto de qualidade nas decisões.

São atribuições do Núcleo Docente Estruturante, entre outras:

- I - contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;
- II - zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;
- III - indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;
- IV - zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação.

#### **2.1.1. Composição do Núcleo Docente Estruturante**

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) é responsável por elaborar este Projeto Pedagógico, além de supervisionar, acompanhar e consolidar a implementação do Curso. Foi eleito pela equipe de professores e designado pela Direção-Geral do *Campus*, em atendimento às orientações da Resolução

1/2010 da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (Conaes). Diante disso, o Quadro 16 apresenta o NDE, nomeado pela Direção-Geral do *Campus* pela Portaria nº 237/JIPA - CGAB/IFRO, de 06 de agosto de 2020.

Quadro 16: Núcleo docente estruturante do curso

| Nº | NOME                              | FORMAÇÃO BÁSICA      | TITULAÇÃO | ÁREA                                       |
|----|-----------------------------------|----------------------|-----------|--|
| 1  | Janice Ferreira do Nascimento     | Engenharia Florestal | Doutorado | Geotecnologias e Melhoramento Florestal    |
| 2  | Andreza Pereira Mendonça          | Engenharia Florestal | Doutorado | Sementes e Viveiros                        |
| 3  | Giovanni Correia Vieira           | Engenharia Florestal | Doutorado | Manejo Florestal                           |
| 4  | Lorena de Souza Tavares Bressiani | Engenharia Florestal | Doutorado | Proteção Florestal                         |
| 5  | Viviane Maia Corrêa               | Engenharia Florestal | Mestre    | Fisiologia vegetal e Tecnologia da madeira |

Fonte: IFRO/*Campus* Ji-Paraná, (2022)

Todos os docentes, membros do NDE, trabalham 40 horas por semana e possuem Dedicção Exclusiva e possuem titulação obtida em programas de pós-graduação *Stricto sensu*.

## 2.2. Coordenador do Curso

Trabalha em articulação com os demais setores de apoio para atendimento às necessidades dos estudantes e do próprio curso. Será realizada por um profissional com elevado grau de formação e titulação, experiência profissional e acadêmica e disponibilidade de tempo para as atividades de avaliação, acompanhamento, instrução e apoio relacionados ao curso. Suas competências deverão ser contidas no Regimento Geral e no Regimento Interno de cada *Campus*.

O Coordenador deve responsabilizar-se pela gestão acadêmica do curso e atender a requisitos de atuação dispostos pelo MEC no Instrumento de Avaliação de Reconhecimento de Cursos, que envolvem disponibilidade adequada de tempo à coordenação, experiência de trabalho docente no nível superior, boa relação com docentes e discentes e participação nos colegiados afins.

O plano de ação do coordenador de curso estará registrado no Plano Anual de Trabalho do *Campus* (PAT), e poderá ser acompanhado a qualquer tempo. A Comissão Própria de Avaliação (CPA)

do IFRO, equipe responsável pela Avaliação Institucional, avalia periodicamente a atuação e desempenho do coordenador através de questionários respondidos pela comunidade acadêmica em visitas aos *Campi*.

Para que um docente seja indicado ou se candidate a coordenador de curso, deverá ter experiência profissional de 4 anos, sendo, no mínimo 1 ano completo na educação superior; ter titulação mínima de mestre e possibilidade de se dedicar o maior número possível de horas à coordenação, ter regime de trabalho de dedicação exclusiva, considerando o número de alunos do curso conforme instrumento de avaliação do INEP/MEC, no item 2.4.

### 2.2.1. Identificação do Coordenador do Curso

A Coordenação do curso será exercida pela professora Dra. Janice Ferreira do Nascimento.

### 2.2.2. Titulação e Formação do Coordenador do Curso

No quadro 17 está demonstrada a formação e titulação da coordenadora do curso:

Quadro 17: Titulação do coordenador(a) do curso

| ANO DE INÍCIO E INTEGRALIZAÇÃO | NÍVEL          | NOME DO CURSO                                       | INSTITUIÇÃO   |
|--------------------------------|----------------|---|---|
| 2003 - 2009                    | Graduação      | Engenharia Florestal – Bacharelado                  | Universidade Federal do Acre - UFAC                                   |
| 2009 - 2011                    | Mestrado       | Engenharia Florestal                                | Universidade Federal de Lavras - UFLA                                 |
| 2011 - 2015                    | Doutorado      | Engenharia Florestal                                | Universidade Federal de Lavras - UFLA                                 |
| 2021 - 2022                    | Especialização | Docência para a Educação Profissional e Tecnológica | Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO |

Fonte: IFRO/*Campus* Ji-Paraná, (2022)

O *curriculum lattes* completo da coordenadora do curso está disponível nos arquivos da Instituição para a devida averiguação e comprovação dos dados apresentados neste título.

### 2.2.3. Experiência Profissional de Magistério Superior e de Gestão do Coordenador do Curso

No quadro abaixo, está demonstrada a experiência do coordenador do curso para fins de comprovação de sua real atuação profissional no magistério superior, bem como em setores de gestão.

Quadro 18: Experiência Profissional do Coordenador do Curso

| Tempo de experiência no magistério superior | Tempo de experiência na educação básica ou profissional | Tempo de experiência em gestão |
|---|---|--------------------------------|
| 4 anos e 4 meses                            | 5 anos e 4 meses  | 4 anos e 4 meses               |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

#### 2.2.4. Regime de Trabalho do Coordenador do Curso

Em obediência às políticas de contratação de pessoal e em atendimento às exigências legais, a coordenadora do curso desenvolve suas funções em **REGIME INTEGRAL** de trabalho, com **DEDICAÇÃO EXCLUSIVA**, conforme está demonstrado em sua portaria de nomeação.

#### 2.2.5. Carga-Horária do Coordenador do Curso

O coordenador do curso trabalha em regime de dedicação exclusiva perfazendo um total de 40 horas semanais distribuídas da seguinte forma:

Quadro 19: Carga-horária do(a) Coordenador(a) do Curso

| DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES                   | NÚMERO DE HORAS |
|--|-----------------|
| Aulas presenciais                          | 09 horas        |
| Coordenação do Curso                       | 22 horas        |
| Tempo dedicado à pesquisa                  | 03 horas        |
| Tempo dedicado à extensão                  | 03 horas        |
| Tempo destinado à capacitação e publicação | 03 horas        |
| TOTAL                                      | 40 horas        |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

#### 2.3. Titulação do Corpo docente

No quadro 20 está apresentada a titulação do corpo docente.

Quadro 20: Titulação do corpo docente

| n° | Nome                  | Graduação  | Titulação |
|----|-----------------------|--|-----------|
| 1  | Alice Sperandio Porto | Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas<br>Bacharel em Farmácia e Bioquímica | Doutorado |



|    |                                   |   |              |
|----|-----------------------------------|---|--------------|
| 2  | Andreia Mendonça dos Santos Lima  | Licenciatura em Letras Português                            | Mestrado     |
| 3  | Andreza Pereira Mendonça          | Bacharel em Engenharia Florestal                            | Doutorado    |
| 4  | Dionéia Foschiani Helbel          | Licenciatura em Letras e Literatura Brasileira<br>Pedagogia | Doutorado    |
| 5  | Emi Silva de Oliveira             | Bacharelado em Direito                                      | Mestrado     |
| 6  | Fernando Antônio Rebouças Sampaio | Bacharelado em Agronomia                                    | Doutorado    |
| 7  | Fernando Ferreira Pinheiro        | Licenciatura plena em Educação Artística                    | Mestrado     |
| 8  | Gilmar Vieira Gomes               | Licenciatura em Física                                      | Mestrado     |
| 9  | Giovanni Correia Vieira           | Bacharel em Engenharia Florestal                            | Doutorado    |
| 10 | Heldo Donat                       | Bacharelado em Ciências Sociais                             | Mestrado     |
| 11 | Janice Ferreira do Nascimento     | Bacharel em Engenharia Florestal                            | Doutorado    |
| 12 | Jefferson Antônio dos Santos      | Graduação em Sistemas de Informação                         | Especialista |
| 13 | José Assis Gomes de Brito         | Licenciatura em Química                                     | Doutorado    |
| 14 | Lediane Fani Felzke               | Licenciatura em História                                    | Doutorado    |
| 15 | Leonardo Mota de Andrade          | Licenciatura em Matemática                                  | Mestrado     |
| 16 | Lorena de Souza Tavares Bressiani | Bacharel em Engenharia Florestal                            | Doutorado    |
| 17 | Rafael Vieira                     | Licenciatura em Química                                     | Mestrado     |
| 18 | Raimundo Gomes da Silva Júnior    | Bacharel em Engenharia Florestal                            | Mestrado     |
| 19 | Regiani Leal Dalla Martha Couto   | Licenciatura em Letras Vernáculas                           | Mestrado     |
| 20 | Regina Geralda de Figueiredo      | Bacharel em Engenharia Florestal                            | Mestrado     |
| 21 | Roger Asevedo dos Santos          | Licenciatura em Ciências Biológicas                         | Mestrado     |
| 22 | Viviane Maia Correa               | Bacharel em Engenharia Florestal                            | Mestrado     |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

O corpo docente do Curso de Graduação em Engenharia Florestal é composto por 22 professores, distribuídos nas áreas do conhecimento a subsidiar a oferta de todos os componentes curriculares, sendo 09 doutores (41%), 12 mestres (55%) e 01 especialista (4%).

### 2.3.1. Políticas de Aperfeiçoamento, Qualificação e Atualização do Corpo Docente

Para a atualização do corpo docente serão tomadas medidas que possibilitem aperfeiçoamento e qualificação dos professores, que englobam cursos de pós-graduação, cursos de capacitação na área de Engenharia Florestal ou em áreas afins.

A possibilidade de aperfeiçoamento pode ocorrer também em função dos editais que são oferecidos pelo próprio Instituto ou através de iniciativa do docente, o que conta com todo o apoio da Instituição.

### 2.3.2. Percentual de Doutores, Mestres, Especialistas e Graduados

Dos 22 docentes do Curso de Engenharia Florestal, 21 possuem pós-graduação *Stricto sensu* (mestrado e doutorado) (96% dos docentes do curso), atendendo às exigências legais, sendo 09 doutores e 12 mestres.

Considerando as exigências contidas no art. 52, incisos II e III da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que define o perfil que deve ter o corpo docente para cursos de terceiro grau, qual seja, de que: “II – Um terço do corpo docente, pelo menos, com habilitação acadêmica de mestrado ou doutorado; III – Um terço do corpo docente em regime de tempo integral”, e considerando os Currículos Lattes do corpo docente atualmente lotado no IFRO *Campus* Ji-Paraná, constata-se que o desenvolvimento do curso, do ponto de vista das exigências contidas em Lei, é plenamente viável, visto que sua composição tem, em maioria, mestres e doutores.

Quadro 21 – Qualificação e quantitativo de docentes do curso de Engenharia Florestal – *Campus* Ji-Paraná

| TITULAÇÃO      | QTDE.     | % DO TOTAL |
|----------------|-----------|------------|
| Especialização | 01        | 4%         |
| Mestrado       | 12        | 55%        |
| Doutorado      | 09        | 41%        |
| <b>Total</b>   | <b>21</b> | <b>100</b> |

Fonte: IFRO/*Campus* Ji-Paraná, (2022)

## 2.4. Regime de Trabalho do Corpo Docente

O IFRO investe na composição de um corpo docente que possua, na sua maioria, dedicação exclusiva e outros que sejam contratados no regime de 40 e 20 horas. Para o Curso de Engenharia Florestal, entretanto, 100% dos docentes são de regime de Dedicação Exclusiva, ou seja, 40 horas das atividades laborais dedicadas ao IFRO (Quadro 22).

Quadro 22: Regime de trabalho do corpo docente

| n° | Nome                              | Regime | Carga horária |
|----|-----------------------------------|--------|---------------|
| 1  | Alice Sperandio Porto             | DE     | 40 horas      |
| 2  | Andreia Mendonça dos Santos Lima  | DE     | 40 horas      |
| 3  | Andreza Pereira Mendonça          | DE     | 40 horas      |
| 4  | Dionéia Foschiani Helbel          | DE     | 40 horas      |
| 5  | Emi Silva de Oliveira             | DE     | 40 horas      |
| 6  | Fernando Antônio Rebouças Sampaio | DE     | 40 horas      |
| 7  | Fernando Ferreira Pinheiro        | DE     | 40 horas      |
| 8  | Gilmar Vieira Gomes               | DE     | 40 horas      |
| 9  | Giovanni Correia Vieira           | DE     | 40 horas      |
| 10 | Heldo Donat                       | DE     | 40 horas      |
| 11 | Janice Ferreira do Nascimento     | DE     | 40 horas      |
| 12 | Jefferson Antônio dos Santos      | DE     | 40 horas      |
| 13 | José Assis Gomes de Brito         | DE     | 40 horas      |
| 14 | Lediane Fani Felzke               | DE     | 40 horas      |
| 15 | Leonardo Mota de Andrade          | DE     | 40 horas      |
| 16 | Lorena de Souza Tavares Bressiani | DE     | 40 horas      |
| 17 | Rafael Vieira                     | DE     | 40 horas      |
| 18 | Raimundo Gomes da Silva Júnior    | DE     | 40 horas      |
| 19 | Regiani Leal Dalla Martha Couto   | DE     | 40 horas      |
| 20 | Regina Geralda de Figueiredo      | DE     | 40 horas      |
| 21 | Roger Asevedo dos Santos          | DE     | 40 horas      |
| 22 | Viviane Maia Correa               | DE     | 40 horas      |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)



O IFRO investe na composição de um corpo docente que possua, na sua maioria, dedicação exclusiva e outros que sejam contratados no regime de 40 e 20 horas. No *Campus* Ji-Paraná, 100% destes docentes trabalham em regime de dedicação exclusiva.

## **2.5. Experiência Profissional do Corpo Docente**

Quanto mais experiente é o corpo docente, melhor será o desempenho do curso na formação do egresso. O IFRO, em cumprimento à sua missão e aos seus objetivos, prima pela formação de um quadro de docentes que sejam devidamente titulados em programas de pós-graduação *Stricto sensu* e que tenham experiência no magistério, quer seja superior, quer seja na educação básica.

Quando possível, o IFRO investe na formação de seus professores incentivando-os a cursar pós-graduação, *Lato* e *Stricto sensu*, e outros cursos de formação e especialização docente como se pode verificar nas anotações do departamento próprio e conforme depoimento dos próprios professores.

No que se refere à experiência profissional, o IFRO, ao selecionar os professores para o seu quadro, assume, nos termos dos editais de processos seletivos e concursos, como compromisso de priorizar a aquisição de profissionais com experiência no magistério, com especial destaque para aqueles com ampla experiência na educação básica.

A experiência no magistério superior possibilita ao professor uma atuação segura, focada na aprendizagem dos alunos e integrada à proposta pedagógica do IFRO. A experiência profissional, fora do magistério, na área de formação, possibilita ao professor uma abordagem mais prática dos conteúdos curriculares ministrados em sala de aula. Assim o sendo, o IFRO busca formar seus quadros de professores dando preferência àqueles que, além do conhecimento teórico, tenham habilidades práticas adquiridas no exercício profissional.

Assim sendo, no quadro 23, relacionamos os professores e sua respectiva experiência na Educação Básica, Magistério Superior e Experiência profissional fora da docência, em tempo.

Quadro 23 – Experiência profissional do corpo docente do Curso de Engenharia Florestal do IFRO – *Campus Ji-Paraná*

| n° | Nome                              | Experiência profissional fora da Docência (anos) | Experiência em Docência na Educação Básica ou Profissional (anos) | Experiência em Docência no Magistério Superior (anos) | Experiência em EAD/TUTORIA (anos) |
|----|-----------------------------------|--|---|---|-----------------------------------|
| 1  | Alice Sperandio Porto             | 0  | 14  | 3   | 8 anos, 5 meses                   |
| 2  | Andreia Mendonça dos Santos Lima  | 1  | 17  | 15  | 8 anos, 4 meses                   |
| 3  | Andreza Pereira Mendonça          | 6  | 13  | 6   | 8 anos, 4 meses                   |
| 4  | Dionéia Foschiani Helbel          | 5  | 28  | 4   | 8 anos, 4 meses                   |
| 5  | Emi Silva de Oliveira             | -  | 6   | 4   | 6 anos, 2 meses                   |
| 6  | Fernando Antônio Rebouças Sampaio | 20   | 14  | 15  | 8 anos, 4 meses                   |
| 7  | Fernando Ferreira Pinheiro        | 0  | 12  | 7   | 8 anos, 4 meses                   |
| 8  | Gilmar Vieira Gomes               | 13   | 11  | 7   | 8 anos, 4 meses                   |
| 9  | Giovanni Correia Vieira           | 0  | 4   | 4   | 4 anos, 4 meses                   |
| 10 | Heldo Donat                       | -  | 8   | 4   | 8 anos, 4 meses                   |
| 11 | Janice Ferreira do Nascimento     | 0  | 5   | 4   | 5 anos, 4 meses                   |
| 12 | Jefferson Antônio dos Santos      | 11   | 4   | 4   | 4 anos, 7 meses                   |
| 13 | José Assis Gomes de Brito         | 0  | 20  | 11  | 8 anos, 4 meses                   |
| 14 | Lediane Fani Felzke               | 0  | 18  | 18  | 8 anos, 4 meses                   |
| 15 | Leonardo Mota de Andrade          | 0  | 18  | 11  | 8 anos, 4 meses                   |
| 16 | Lorena de Souza Tavares Bressiani | 1,5  | 10  | 4,5   | 8 anos, 4 meses                   |

|    |                                    |   |    |    |                  |
|----|------------------------------------|---|----|----|------------------|
| 17 | Rafael Vieira                      | 0 | 4  | 3  | 4 anos, 5 meses  |
| 18 | Raimundo Gomes da Silva Júnior     | 3 | 9  | 4  | 8 anos, 4 meses  |
| 19 | Regiani Leal Dalla Martha Couto    | 0 | 14 | 6  | 8 anos, 4 meses  |
| 20 | Regina Geralda de Figueiredo Souza | 1 | 4  | 4  | 4 anos, 4 meses  |
| 21 | Roger Asevedo dos Santos           | 0 | 12 | 12 | 4 anos, 10 meses |
| 22 | Viviane Maia Correa                | 0 | 8  | 3  | 3 anos, 11 meses |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

## 2.6. Relação entre o número de docentes e o número de vagas

O IFRO procura manter adequada relação entre o número de vagas anuais e o número de docentes que têm regime de trabalho em tempo integral ou regime de 40 e 20 horas. Segundo o Censo da Educação Superior, no Brasil, temos, aproximadamente, 2.314 instituições de ensino superior e 307 mil professores. A média nacional do número de discentes em relação ao número de docentes é de 17,4. Nas instituições públicas a média é de 12,39 alunos por professor, enquanto nas instituições privadas essa relação é superior a 20 alunos por docente.

Considerando o número de docentes apresentados para os cinco primeiros anos de funcionamento do curso e também o número de vagas oferecidas no decorrer do mesmo prazo, temos uma média de 9,09 alunos por professor.

Os docentes listados para atuar no curso de Engenharia Florestal também atuarão nos demais cursos do *Campus*.

## 2.7. Funcionamento do Colegiado do Curso

O Colegiado do Curso de Graduação, no âmbito de cada *Campus*, é um órgão consultivo que poderá deliberar sobre assuntos relativos ao ensino e à aprendizagem no âmbito do curso. Suas competências estão previstas na RESOLUÇÃO N° 7/REIT - CONSUP/IFRO, DE 03 DE JANEIRO DE 2018, assim como as de seus membros, que são:

- a) Coordenador de curso
- b) Docentes em exercício no curso
- c) Discente regular do curso escolhido entre os seus pares para o mandato de um ano.

Compete ao Colegiado do Curso, enquanto órgão ou instância deliberativa:

- a) Deliberar sobre a necessidade de atualização/reformulação do projeto pedagógico de curso a partir da legislação vigente e de estudos de pesquisa de demanda realizadas;
- b) Aprovar em primeira instância o projeto pedagógico do curso considerando as normas institucionais e a legislação nacional vigente;
- c) Planejar, executar e avaliar eventos e ações específicas de curso previstas no calendário acadêmico e projeto pedagógico de curso;
- d) Planejar e executar ações do curso de forma interdisciplinar;



- e) Assessorar a coordenação do curso na organização e condução dos Trabalhos de Conclusão de Curso, prática profissional supervisionada (estágio ou atividade equiparada) e atividades acadêmico-científico-culturais;
- f) Estudar a possibilidade de oferta de disciplina ou turma especial e encaminhar à Direção de Ensino;
- g) Planejar e implementar ações com vistas à ampliação das possibilidades de permanência e êxito no processo educativo;
- h) Propor projetos de incentivo à capacitação dos docentes do curso;
- i) Propor investimentos na infraestrutura do curso, como laboratórios, salas, etc.
- j) Propor projetos de ensino, pesquisa e extensão no âmbito do curso;
- k) Deliberar acerca de qualquer atividade relacionada ao atendimento dos discentes;
- l) Manifestar-se sobre temas de ordem didático-pedagógica que lhe sejam submetidos por quaisquer outras instâncias;
- m) Decidir entre os pares a constituição do Núcleo Docente Estruturante para o curso, no caso dos cursos de graduação;
- n) Analisar em primeira instância os casos omissos em matéria didático-pedagógica no âmbito do curso que representa.

## **2.8. Produção Científica, Cultural, Artística ou Tecnológica do Corpo Docente**

O IFRO é uma instituição preocupada com o desenvolvimento científico, acadêmico, tecnológico, artístico e cultural de seus professores. Assim sendo, tudo o que é produzido por eles recebe tratamento diferenciado. O IFRO desenvolve programas e assegura instrumentos e mecanismos de visibilidade e publicação dos trabalhos desenvolvidos por seus docentes.

Além de sua revista científica, o IFRO ainda dá incentivo para que os docentes lotados em seus cursos produzam e publiquem seus trabalhos de natureza científica, tecnológica, artística e cultural em revistas regionais, nacionais e internacionais, devidamente indexadas nos órgãos apropriados.

Em decorrência disso, o IFRO tem sempre um número satisfatório de professores com publicações dentro de espaço não superior a três anos, conforme se pode verificar no Quadro 24.

Quadro 24: Produção Científica, Cultural, Artística ou Tecnológica do Corpo Docente

| Nº | Nome Completo                     | Artigos publicados em periódicos científicos na área | Artigos publicados em periódicos científicos em outras áreas | Livros ou capítulos em livros publicados na área | Livros ou capítulos em livros publicados em outras áreas | Trabalhos publicados em anais (completos) | Trabalhos publicados em anais (resumos) | Traduções de livros, capítulos de livros ou artigos publicados | Propriedade intelectual depositada | Propriedade intelectual registrada | Projetos e/ou produções técnicas artísticas e culturais | Produção didático-pedagógica relevante, publicada ou não |
|----|-----------------------------------|--|--|--|--|---|---|--|------------------------------------|------------------------------------|---|--|
| 1  | Alice Sperandio Porto             | 4  | 0  | 0  | 0  | 1   | 2                                       | 0  | 0                                  | 0                                  | 0   | 0  |
| 2  | Andreia Mendonça dos Santos Lima  | 0  | 1  | 0  | 2  | 0   | 0                                       | 0  | 0                                  | 0                                  | 0   | 0  |
| 3  | Andreza Pereira Mendonça          | 9  | 1  | 0  | 0  | 0   | 0                                       | 0  | 0                                  | 2                                  | 21  | 0  |
| 4  | Dionéia Foschiani Helbel          | 0  | 1  | 0  | 6  | 4   | 0                                       | 0  | 0                                  | 0                                  | 0   | 0  |
| 5  | Emi Silva de Oliveira             | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0                                       | 0  | 0                                  | 0                                  | 0   | 0  |
| 6  | Fernando Antônio Rebouças Sampaio | 12   | 0  | 0  | 0  | 23  | 21                                      | 0  | 0                                  | 0                                  | 0   | 0  |
| 7  | Fernando Ferreira Pinheiro        | 0  | 4  | 0  | 1  | 2   | 1                                       | 0  | 0                                  | 0                                  | 0   | 0  |
| 8  | Gilmar Vieira Gomes               | 1  | 0  | 0  | 0  | 1   | 8                                       | 0  | 0                                  | 0                                  | 0   | 0  |
| 9  | Giovanni Correia Vieira           | 2  | 0  | 0  | 0  | 1   | 0                                       | 0  | 0                                  | 0                                  | 0   | 0  |
| 10 | Heldo Donat                       | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0                                       | 0  | 0                                  | 0                                  | 0   | 0  |
| 11 | Janice Ferreira do Nascimento     | 2  | 0  | 0  | 0  | 8   | 5                                       | 0  | 0                                  | 0                                  | 0   | 0  |

|    |                                   |   |   |   |    |   |   |   |   |   |   |   |
|----|-----------------------------------|---|---|---|----|---|---|---|---|---|---|---|
| 12 | Jefferson Antônio dos Santos      | 0 | 0 | 0 | 0  | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 13 | José Assis Gomes de Brito         | 1 | 0 | 0 | 0  | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 14 | Lediane Fani Felzke               | 0 | 9 | 0 | 24 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 15 | Leonardo Mota de Andrade          | 0 | 2 | 0 | 5  | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 16 | Lorena de Souza Tavares Bressiani | 1 | 1 | 2 | 0  | 3 | 6 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 17 | Rafael Vieira                     | 1 | 0 | 0 | 0  | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 18 | Raimundo Gomes da Silva Júnior    | 0 | 3 | 1 | 1  | 3 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 19 | Regiani Leal Dalla Martha Couto   |   | 2 | 2 | 0  | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 20 | Regina Geralda de Figueiredo      | 2 | 0 | 1 | 0  | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 21 | Roger Asevedo dos Santos          | 0 | 0 | 0 | 0  | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 22 | Viviane Maia Correa               | 0 | 0 | 0 | 0  | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

## DIMENSÃO 3 – INFRAESTRUTURA

### 3.1. Gabinetes de Trabalho para Professores em Tempo Integral

O *Campus* dispõe de espaço para todos os professores que trabalham em regime de dedicação exclusiva, de 40 e de 20 horas. A maior parte desses professores desenvolve outras atividades no *Campus* e, por isso, tem salas que servem para o desenvolvimento das ações específicas dessa outra função e também para o atendimento ao discente.

O *Campus* ainda não possui espaço destinado aos professores de tempo integral prestarem atendimento ao aluno, no entanto, existem três salas de professores com divisórias individuais para trabalho e mesa coletiva. Já está em processo de licitação uma obra que consistirá na construção de um bloco de salas para órgãos administrativos da instituição e de salas individuais para professores. Portanto, no decorrer do curso, os espaços serão providenciados e terão ao mínimo as especificações seguintes:

Quadro 25: Descrição de gabinetes para cada docente.

| ITENS                              | ESPECIFICAÇÃO EM NÚMEROS           |
|------------------------------------|------------------------------------|
| Espaço físico em metros quadrados: | 4 m <sup>2</sup> no mínimo/docente |
| Mesa(s):                           | 1/docente                          |
| Cadeira(s):                        | 2/docente                          |
| Armário(s) e arquivo(s):           | 1/docente                          |
| Computador(es):                    | 1/docente                          |
| Impressora(a):                     | Coletiva                           |

Fonte: IFRO/*Campus* Ji-Paraná, (2022)

### 3.2. Espaço de Trabalho para Coordenação de Curso e Serviços Acadêmicos

Todos os coordenadores de curso do *Campus* são lotados no regime integral e possuem gabinetes de trabalho, no qual desenvolvem suas ações administrativas, pedagógicas e de atendimento aos professores e alunos.

Quadro 26: Espaço de trabalho para a coordenação de curso e serviços acadêmicos

| ITENS                              | ESPECIFICAÇÃO EM NÚMEROS   |
|------------------------------------|----------------------------|
| Espaço físico em metros quadrados: | 25m <sup>2</sup> no mínimo |
| Mesa(s):                           | 1                          |
| Cadeira(s):                        | 3                          |
| Armário(s) e arquivo(s):           | 1                          |
| Computador(es):                    | 1                          |

|                |            |
|----------------|------------|
| Impressora(a): | Individual |
| Telefone:      | Individual |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

### 3.3. Sala de Professores

O *Campus* conta com quatro salas de professores, climatizada e mobiliada com mesas de trabalho, geladeira, cadeiras e espaços destinados ao trabalho individual.

Quadro 27: Descrição da sala de professores

| ITENS                                 | ESPECIFICAÇÃO EM NÚMEROS |
|---------------------------------------|--------------------------|
| Espaço físico em metros quadrados:    | 156                      |
| Mesa(s) coletiva(s):                  | 3                        |
| Cadeira(s):                           | 45                       |
| Armário(s) e arquivo(s):              | 100                      |
| Computador(es):                       | 2                        |
| Impressora(a):                        | 3                        |
| Mesa(s) e espaço(s) individual(is)    | 8                        |
| Aparelho de televisão:                | 1                        |
| Assento(s) estofado(s) para descanso: | --                       |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

### 3.4. Salas de Aula

A Instituição disponibiliza aos seus acadêmicos salas de aula adequadas e confortáveis, com dimensões que variam de 52,00 a 67,00 m<sup>2</sup>, construídas em alvenaria e concreto armado, com fechamento em vidros temperados, piso cerâmico antiderrapante, revestimento em massa corrida e pintura látex/acrílica. Há em cada sala uma televisão para uso como recurso multimídia.

Todas as salas de aula são mobiliadas com 40 carteiras individuais, com acabamento em fórmica, quadros brancos, climatizadas com ar condicionado Split e cortinas tipo persiana e com flexibilidade relacionada às configurações espaciais, o que oportuniza distintas situações de ensino-aprendizagem.

O IFRO conta com salas de aula padronizadas, com capacidade para 40 alunos e planejadas para oferecer as melhores condições de aprendizagem atendendo às disposições regulamentares quanto à dimensão, iluminação, ventilação (todas as salas são climatizadas), mobiliário e limpeza.



### **3.5. Recursos materiais**

Acesso a equipamentos de informática pelos docentes

Todos os docentes do *Campus* têm acesso a equipamentos de informática que estão distribuídos nos laboratórios, na biblioteca, nos gabinetes e em salas de estudos e de atendimento a alunos.

A Instituição disponibiliza em seus três turnos de funcionamento, os laboratórios de informática, composto com máquinas e equipamentos de última geração. Além do laboratório, os docentes contam ainda com equipamentos de informática instalados nas coordenadorias dos cursos, departamentos de pesquisa e extensão, além da biblioteca.

Há disponibilidade de rede wifi exclusiva para os docentes utilizarem em sala de aula, assim como para os alunos, além de kits multimídia que oportunizam a elaboração de materiais pelos docentes que são disponibilizados virtualmente aos alunos através do AVA. Outros recursos audiovisuais e didáticos (projetores multimídias, dentre outros) podem ser solicitados ao DAPE (Departamento de Apoio ao Ensino) e Coordenação do curso, quando necessários.

### **3.6. Acesso dos Alunos a Equipamentos de Informática**

O IFRO coloca a serviço das necessidades acadêmicas dos seus alunos, os Laboratórios de Informática e Biblioteca, onde todos os equipamentos são utilizados diariamente no horário de funcionamento do *Campus* (07:30h às 22:50 h).

Levando em conta a infraestrutura tecnológica disponível nos Laboratórios de Informática e Biblioteca, a relação dos equipamentos de informática por alunos ativos no curso é de 2,26. Todos os equipamentos de informática destinados aos alunos são conectados em rede cabeada ou aos nove pontos de transmissão de rede sem fio (wireless).

Além do mais, foi implantado um sistema especializado que possibilita ao aluno acompanhar sua situação acadêmica, Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP), pela Internet, permitindo-lhe acesso ao relatório de notas, resultados de avaliação, reserva de livros, (re) matrícula on-line, comprovante de matrícula e outros. O corpo discente também tem acesso ao aplicativo IFRO Mobile SUAP com funcionalidades que facilitam o cotidiano acadêmico.

#### **3.6.1. Plano de atualização tecnológica e manutenção de equipamentos**

A atualização dos laboratórios varia de acordo com as novas tecnologias e a manutenção, preventiva ou corretiva, é planejada pela Coordenação de Curso e Coordenação do Laboratório e é feita por profissionais especializados. A operacionalização dos equipamentos é de responsabilidade dos docentes e técnicos do IFRO.

A atualização tecnológica e a manutenção de equipamentos correspondem às ações do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), do Plano de ação do *Campus* e do Plano Diretor de Tecnologia da Informação, que prevê a aquisição de equipamentos. Todavia, a atualização poderá ser desenvolvida também por meio de ações complementares pelos servidores do IFRO, enquanto a manutenção ficará a cargo tanto de técnicos especializados quanto dos que manuseiam os equipamentos nos processos de formação acadêmica.

### 3.7. Biblioteca

O *Campus* oferece biblioteca aos alunos, em ambiente climatizado, dinâmico e organizado, contendo referências bibliográficas imprescindíveis a sua formação. Entende-se que o conhecimento construído ao longo dos tempos, especialmente sistematizados em livros e outras formas de divulgação, deve ser objeto de estudo e ficar disponibilizado aos alunos, para a fundamentação teórica de suas atividades estudantis e profissionais.

As ementas de cada disciplina trazem uma lista de bibliografias básicas que estará presente na biblioteca do *Campus*. Haverá ainda vários outros materiais, citados ou não, voltados para a área, nas mais diversas mídias, como CDs, DVDs, arquivos virtuais e outros. Os referenciais mais importantes encontram-se descritos nos planos de disciplina, aos quais serão somados outros.

Quadro 28. Espaço físico da Biblioteca

| Qtde. | Espaço Físico | Área m <sup>2</sup> | Infraestrutura de móveis e equipamentos  | Pessoal Técnico Responsável                                  |
|-------|---------------|---------------------|--|--|
| 01    | Biblioteca    | 500                 | Com espaço de estudos individual e em grupo, equipamentos específicos, 13 computadores e acervo bibliográfico e de multimídia. | 02 bibliotecárias<br>01 técnico em biblioteca e 2 auxiliares |

Fonte: IFRO/*Campus* Ji-Paraná, (2022)



Na biblioteca é oferecido apoio bibliográfico ao desenvolvimento das atividades estudantis, empréstimo de livros, manuais e revistas, orientações sobre as normas da ABNT. O serviço oferecido conta com sistemas de informação de usuários e navegação on-line destinada ao acesso a periódicos, revistas e portais educacionais. Os serviços e condições de atendimento estão descritos no Regulamento das Bibliotecas do IFRO.

A instituição também possui assinatura da biblioteca Virtual Minha Biblioteca®, cujo acervo conta com mais de 10.000 títulos e o acesso está disponível 24 horas por dia, todos os dias da semana, para todos os alunos e servidores do Instituto Federal de Rondônia, com acesso por meio do SUAP, com tutorial e mais informações estabelecidas na plataforma virtual: <https://portal.ifro.edu.br/bibliotecadigital-nav>.

Também está disponível nos computadores da biblioteca, assim como nos demais da instituição, acesso ao Portal de Periódicos CAPES para consulta de trabalhos científicos indexados nas mais diversas bases de dados nacionais e internacionais. A biblioteca é aberta ao público de segunda a sexta-feira, do período matutino ao noturno. O espaço é aberto à comunidade escolar, sendo os empréstimos permitidos somente aos alunos e servidores do *Campus*.

A biblioteca atende ao público de segunda a sexta-feira, das 7h às 22h, de forma ininterrupta. O espaço é aberto à comunidade em geral, mas os empréstimos são permitidos somente aos alunos e servidores do *Campus*.

### **3.8. Bibliografia Básica**

A política da biblioteca do *Campus* baseia-se na aquisição de toda a bibliografia básica das disciplinas constantes na matriz curricular dos cursos procurando atualizá-la periodicamente. No início de cada disciplina os docentes são orientados a disponibilizar informações sobre as bibliografias da ementa da disciplina e que estão presentes na biblioteca. A bibliografia é sempre recomendada pelos docentes responsáveis pelas disciplinas, supervisionada pelo coordenador de curso e pelo Núcleo Docente Estruturante com a anuência do Colegiado do Curso.

O Núcleo Docente Estruturante do curso trabalha também no sentido de recomendar a atualização bibliográfica a fim de manter a qualidade e atualização dos conhecimentos do aluno.

No item do ementário deste projeto, estão esboçadas as obras da bibliografia básica que compõem o conjunto de referências exigidas para a formação do egresso do Curso de Engenharia

Florestal.

Para o melhor aproveitamento dos estudos, o acervo conterá a média mínima de um exemplar para cada cinco alunos, essencialmente para as três ou mais bibliografias básicas de cada disciplina, conforme orientação dos regulamentos e instrumentos indicativos do INEP/MEC.

### **3.9. Bibliografia Complementar**

A bibliografia complementar atua como um acervo complementar na formação dos alunos e é recomendada pelos docentes responsáveis pelas disciplinas, supervisionada pelo coordenador de curso e pelo Núcleo Docente Estruturante com a anuência do Colegiado do Curso.

A bibliografia complementar indicada atende aos programas das disciplinas com o mínimo de exemplares por títulos segundo orientação dos regulamentos e instrumentos indicativos do INEP/MEC para cada disciplina.

No item do ementário deste projeto, estão esboçadas as obras da bibliografia complementar que compõem o conjunto de referências exigidas para a formação do egresso do Curso de Engenharia Florestal.

### **3.10. Periódicos Especializados**

A biblioteca conta, em seu acervo, com periódicos, nacionais e estrangeiros, específicos para os cursos e outros de interesse geral da comunidade acadêmica. Para tanto são mantidas assinaturas correntes de periódicos, que podem ser ampliadas, de acordo com as indicações da comunidade acadêmica.

Além das assinaturas de periódicos, o *Campus* viabiliza acesso aos periódicos disponíveis livremente no site da CAPES e em outros bancos públicas e privadas, nacionais e internacionais.

Todos os cursos mantidos pelo *Campus* recebem periódicos em número necessário para atender a demanda da comunidade acadêmica.

### **3.11. Laboratórios Didáticos e Especializados: quantidade**

O *Campus* Ji-Paraná possui 05 laboratórios de informática, sendo que um deles atende o curso de Engenharia Florestal como laboratório de Geotecnologias. São abertos aos estudantes de segunda a

sexta-feira, nos períodos matutino, vespertino e noturno. Estes ambientes são destinados às aulas e pesquisas em geral. Os professores interessados em usar estes ambientes agendam seus horários em planilhas, que são controladas pelos funcionários e estagiários. A entrada e permanência de alunos são controladas por meio de listas de presença. Não é permitido o acesso a conteúdos não educacionais, como jogos e sites de relacionamentos.

Quadro 29. Laboratórios de informática

| Qtde | Espaço físico            | Área m <sup>2</sup> | Infraestrutura de móveis e equipamentos  | Objetivos de ensino   | Uso do Laboratório |
|------|--------------------------|---------------------|--|---|--------------------|
| 01   | Labin 1                  | 63                  | Mesa de trabalho para docente, mesa de trabalho para acondicionamento de computadores, 41 computadores com acesso à internet, software e projetor multimídia ou TV | Utilizado para as disciplinas que necessitam de informática.  | Geral              |
| 01   | Labin 2                  | 63                  | Mesa de trabalho para docente, mesa de trabalho para acondicionamento de computadores, 30 computadores com acesso à internet, software e projetor multimídia ou TV | Utilizado para as disciplinas que necessitam de informática.  | Geral              |
| 01   | Geotecnologias / Labin 3 | 63                  | Mesa de trabalho para docente, mesa de trabalho para acondicionamento de computadores, 32 computadores com acesso à internet, software e projetor multimídia ou TV | Utilizado para as disciplinas que contemplam os seguintes assuntos: Inventário e Manejo Florestal, Geoprocessamento, Sensoriamento remoto, Desenho Técnico, Manejo de bacias hidrográficas. | Específico         |
| 01   | Labin 4                  | 63                  | Mesa de trabalho para docente, mesa de trabalho para acondicionamento de computadores, 33  | Utilizado para as disciplinas que necessitam de informática.  | Geral              |

|    |         |    |  |  |       |
|----|---------|----|--|--|-------|
|    |         |    | computadores com acesso à internet, software e projetor multimídia ou TV   |  |       |
| 01 | Labin 5 | 63 | Mesa de trabalho para docente, mesa de trabalho para acondicionamento de computadores, 31 computadores com acesso à internet, software e projetor multimídia ou TV | Utilizado para as disciplinas que necessitam de informática. | Geral |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

Além destes, o *Campus* conta com outros laboratórios didáticos que poderão atender principalmente as disciplinas do núcleo básico, sendo eles: Biologia, Química e Física. Os objetivos de cada um deles estão descritos no quadro 30.

Quadro 30. Laboratórios didáticos disponíveis

| Laboratório | Objetivos  |
|-------------|--|
| Biologia    | O laboratório de Biologia tem como objetivo estimular o educando na observação das estruturas que compõem as células e tecidos, estudar e identificar microrganismos, verificar a anatomia e fisionomia dos animais, bem como identificar as estruturas que compõem os vegetais e sua fisiologia. Além disso, o laboratório é utilizado nos projetos de pesquisa e extensão. O laboratório possui 60 m <sup>2</sup> e é equipado com microscópios ópticos, estereoscópios, estufa e outros equipamentos para o ensino-aprendizagem de Biologia e outras áreas relacionadas, bem como peças anatômicas e laminários prontos para uso. Além disso, possui algumas vidrarias e reagentes de utilização corriqueira.   |
| Química     | Os laboratórios de Química estimulam os discentes na compreensão de processos e fenômenos químicos em escala experimental, auxiliando na compreensão dos materiais e metodologias empregadas em análises químicas, bem como os protocolos de segurança envolvidos.<br>O <i>Campus</i> Ji-Paraná possui um Laboratório de Bioquímica/Microbiologia (60 m <sup>2</sup> - sala 36); um almoxarifado/sala de reagentes (40 m <sup>2</sup> - sala 37); dois Laboratórios de Química Geral (60 m <sup>2</sup> /cada laboratório - salas 38 e 39); um Laboratório de Química Analítica (80 m <sup>2</sup> - sala 41); um Laboratório de Química Inorgânica (80 m <sup>2</sup> - sala 42) e um Laboratório de Química Orgânica (80 m <sup>2</sup> - sala 43). No Bloco dos Laboratórios de Química, está alocado um pequeno almoxarifado para armazenamento de reagentes químicos, adequado conforme as normas de segurança vigentes. Os Laboratórios de |

|        |   |
|--------|---|
|        | Química atendem às atividades práticas e/ou didáticas, pesquisa e extensão de todos os cursos do <i>Campus</i> , sendo regidos por normas próprias (funcionamento, utilização e biossegurança). Os espaços dos laboratórios são bem dimensionados, com condições adequadas de limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e segurança.   |
| Física | O <i>Campus</i> Ji-Paraná conta com um moderno laboratório de Física de 60 m <sup>2</sup> , equipado com diversos instrumentos voltados para o estudo de fenômenos físicos. O espaço é amplo, bem iluminado e com bancadas em alvenaria em toda a sua extensão. O ambiente e os equipamentos do laboratório de Física são propícios para o ensino dos diversos ramos da ciência, bem como a pesquisa de temas bem específicos que vão desde Mecânica Clássica até Física Moderna e Contemporânea. |

Fonte: IFRO/*Campus* Ji-Paraná, (2022)

### 3.11.1. Plano de Atualização Tecnológica, Serviços e Manutenção dos Equipamentos

A escolha de laboratórios e as instalações especiais atendem às necessidades dos cursos, levando-se em conta o número de alunos e a relação custo-benefício.

A atualização dos laboratórios varia de acordo com as novas tecnologias, e a manutenção é feita por profissionais especializados. A operacionalização dos equipamentos é de responsabilidade dos docentes e técnicos do IFRO.

No sentido de garantir os serviços nos laboratórios didáticos especializados, é condição primordial que o IFRO mantenha a existência de um técnico responsável pela manutenção, atendimento à comunidade e assessoramento aos docentes no decorrer de suas aulas práticas, em todos os turnos.

### 3.11.2. Infraestrutura de laboratórios específicos da área de formação

As atividades em laboratório são de fundamental importância para o processo de formação educacional. Os laboratórios são espaços pedagógicos fundamentais na construção das relações entre teoria e prática e devem ser utilizados em todas as etapas de formação dos alunos. Estes laboratórios deverão estar com os equipamentos básicos necessários e o material de consumo disponível para as experiências, com bancadas, banquetas/cadeiras, equipamentos específicos e quadro branco.

Abaixo são apresentados os laboratórios preparados para o Curso, com seus respectivos objetivos de ensino e aprendizagem.

Quadro 31 –Laboratórios específicos para o curso

| Estrutura  | Descrição  |
|--|--|
| LABORATÓRIO DE SEMENTES E PRODUTOS NÃO MADEIREIROS | O laboratório de sementes e produtos não madeireiros proposto tem como objetivo contemplar as disciplinas de Sementes e Produtos Florestais Não Madeireiros. Serão desenvolvidas atividades de ensino, pesquisa e extensão nas linhas de atuação em: morfologia de sementes, testes germinativos, avaliações fisiológicas de sementes, biometria de sementes, análise nutricional de material vegetal, quantificação de matéria seca foliar e ainda experimentos que combinam armazenamento, secagem, extração e avaliação de óleos vegetais e demais produtos não madeiráveis de uso múltiplo.  |
| VIVEIRO FLORESTAL                                  | O viveiro florestal proposto tem como objetivo atender ao ensino e pesquisa por meio de atividades práticas na disciplina de viveiros florestais e na condução de pesquisas científicas. Atualmente o <i>Campus</i> conta com uma casa de vegetação (600 m <sup>2</sup> ) para atender ao ensino e pesquisa por meio de atividades práticas na disciplina de viveiros florestais e na condução de pesquisas científicas. Porém está em fase de planejamento a construção de um viveiro para atender ao curso.  |
| LABORATÓRIO DE BOTÂNICA E ANATOMIA DA MADEIRA      | O laboratório de botânica e anatomia da madeira (54 m <sup>2</sup> ) tem por finalidade propiciar aulas práticas, atendendo a continuidade dos ensinamentos teóricos, produzidos em sala de aula pelas disciplinas de botânica, dendrologia, ecologia florestal e anatomia da madeira, além desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão na área. Serão desenvolvidas aulas práticas de morfologia externa e interna de órgãos das plantas, de taxonomia para identificação de espécies de interesse econômico da região. Identificação das principais espécies comerciais madeireiras a partir de cortes histológicos, densidade da madeira, visualização de vasos e parênquimas. Oportunizará ao aluno o interesse no envolvimento direto na pesquisa com produção técnica, por meio das atividades que identificarão: ecologia de comunidades e populações de plantas, fitossociologia, conservação da biodiversidade e identificação botânica e da anatomia da madeira. O laboratório conta com diversos equipamentos como: Microscópio, lupa, TV, estufa, freezer, deionizador de água, balança, paquímetro, medidor de clorofila e espectrofotômetro. |

|   |  |
|---|--|
| <p>LABORATÓRIO DE SOLOS E ÁGUA</p>                | <p>O objetivo do laboratório é desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão em análises de água e solos, desenvolvendo as seguintes atividades: análises químicas dos solos para fins de avaliação da fertilidade; análises químicas dos solos para fins de classificação do solo; análises físicas dos solos; análises de corretivos da acidez do solo; análises químicas de material orgânico; análises químicas de tecidos vegetais; análises químicas e físicas da água.</p>  |
| <p>LABORATÓRIO DE PROTEÇÃO E MANEJO FLORESTAL</p> | <p>O laboratório de proteção e manejo florestal possui 54 m<sup>2</sup> e tem por finalidade desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão na biologia, ecologia e controle de pragas e doenças e incêndios florestais em plantios florestais. O laboratório conta com uma coleção entomológica didática.</p> <p>Manejo Florestal têm por finalidade desenvolver atividades de ensino, pesquisas e extensão no uso múltiplo das florestas nos aspectos legais e técnicos, econômicos e sociais do manejo florestal, bem como fazer modelagem do crescimento da população e classificação produtiva de florestas nativas e plantadas. Para isso possui diversos equipamentos para mensuração como sutas, hipsômetros, vertex, fitas métricas e diamétricas, entre outros.</p> |
| <p>LABORATÓRIO DE GEOTECNOLOGIAS</p>              | <p>O Laboratório de Geotecnologias tem por finalidade desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão na área das ciências florestais utilizando recursos de Sensoriamento Remoto, Sistema de informações Geográficas e Geoprocessamento. O laboratório é equipado com computadores e programas computacionais especializados capazes de gerar dados relacionados ao geoprocessamento, além de equipamentos especializados como Drones e GNSS (navegação e geodésico), estações totais e teodolitos.</p>   |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

Os horários de funcionamento dos laboratórios específicos do IFRO *Campus* Ji-Paraná acompanharão o período de atividade escolar, das 07h às 11 h e das 13h às 17h, de segunda a sexta-feira. Esporadicamente, os laboratórios podem ser utilizados em outros horários de acordo com a demanda dos docentes, em comum acordo com as Coordenações de Curso e de Laboratório.

Os móveis e equipamentos dos laboratórios e demais espaços de ensino e aprendizagem estão apresentados no quadro 32.

Quadro 32 - Quantificação e descrição dos ambientes de formação

| Qtde. | Espaço Físico | Área<br>M <sup>2</sup> | Infraestrutura de móveis e equipamentos | M <sup>2</sup> por aluno |
|-------|---------------|------------------------|---|--------------------------|
|-------|---------------|------------------------|---|--------------------------|

|   |  |     |   |      |
|---|--|-----|---|------|
| 3 | Salas de Aula                                      | 52  | Com 40 carteiras, condicionador de ar, disponibilidade para utilização de notebook com televisão de 55".      | 1,30 |
| 1 | Auditório  | 650 | Com 500 lugares, projetor multimídia, notebook, sistema de caixas acústicas e microfones.                     | 1,30 |
| 1 | Biblioteca   | 500 | Com espaço de estudos individual e em grupo, equipamentos específicos e acervo bibliográfico e de multimídia. | --   |
| 4 | Laboratório de Informática                         | 52  | Com 40 máquinas, software e projetor multimídia ou TV.  | 1,30 |
| 1 | Laboratório de Biologia                            | 52  | Equipamentos específicos para aulas e atividades de pesquisa.   | 1,30 |
| 6 | Laboratório de Química                             | 52  | Equipamentos específicos para aulas e atividades de pesquisa.   | 1,30 |
| 1 | Laboratório de Física                              | 60  | Equipamentos específicos para aulas e atividades de pesquisa.   | 1,50 |
| 1 | Laboratório de sementes e produtos não madeireiros | 120 | Equipamentos específicos para aulas e atividades de pesquisa.   | 3,00 |
| 1 | Laboratório de botânica e anatomia da madeira      | 60  | Equipamentos específicos para aulas e atividades de pesquisa.   | 1,50 |
| 1 | Laboratório de solos e água                        | 120 | Equipamentos específicos para aulas e atividades de pesquisa.   | 3,00 |
| 1 | Laboratório de proteção e manejo florestal         | 60  | Equipamentos específicos para aulas e atividades de pesquisa.   | 1,50 |
| 1 | Laboratório de geotecnologias/informática          | 63  | Equipado com 32 máquinas, softwares e equipamentos específicos e projetor multimídia.                         | 1,30 |

Fonte: IFRO/Campus Ji-Paraná, (2022)

### 3.12. Laboratórios didáticos especializados: qualidade

Conforme poderá ser observado na avaliação in loco, os laboratórios didáticos especializados apresentam excelente qualidade. Foram todos equipados com os melhores materiais, como se pode verificar no item que apresenta a infraestrutura e o rol de equipamentos que os compõem. Para além de construir e fazer funcionar, o IFRO se preocupa em manter atualizados e conservados os espaços físicos e os equipamentos de todos os seus laboratórios.

Os laboratórios possuem espaço físico amplo, bancadas adequadas e em número suficiente para o desenvolvimento das atividades docentes. A iluminação natural e a artificial favorecem o desenvolvimento de atividades a qualquer hora do dia. E em todos os espaços possuem as placas de aviso e materiais de segurança como chuveiros, extintores, entre outros. Os Laboratórios didáticos



especializados são, essencialmente, ambientes de aprendizagem, providos de diversos tipos de materiais, devidamente organizados e facilmente acessíveis para serem utilizados pelos servidores e alunos do *Campus Ji-Paraná*.

### **3.13. Laboratórios didáticos especializados: serviços**

Os laboratórios do IFRO são criados para atender, em serviços, a comunidade interna, mas também poderão, de acordo com a disponibilidade, atender a comunidade externa.

Os laboratórios de informática estão à disposição de todos os professores em suas aulas, mas nos horários em que não há aulas, também aos alunos para pesquisa e para a elaboração de trabalhos acadêmicos.

Todos os laboratórios possuem técnicos que se revezam na manutenção e nos cuidados para que o espaço esteja sempre pronto e devidamente arrumado para as aulas e para a execução dos projetos de pesquisa e de extensão orientados pelo corpo docente.

No sentido de garantir os serviços nos laboratórios didáticos especializados, é condição primordial que o IFRO mantenha a existência de um técnico responsável pela manutenção, atendimento à comunidade e assessoramento aos docentes no decorrer de suas aulas práticas, em todos os turnos.

Os laboratórios deverão ser ocupados, prioritariamente, com aulas práticas, além de outras atividades laboratoriais, como iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e práticas profissionais.

Apenas professores e alunos do *Campus Ji-Paraná* e convidados, devidamente identificados, terão acesso aos laboratórios didáticos especializados. Os Laboratórios poderão ser utilizados por outras empresas ou instituições através da formação de Convênios e/ou Termos de Cooperação Técnica, que deverão ser solicitados mediante:

- I. Submissão de projeto ou planejamento das atividades, acompanhado de cronograma e horário, a análise e aprovação da Direção-Geral do *Campus*, Conselho ou Colegiados competentes.
- II. Apresentação de Termo de Cooperação Técnica ou Convênio encaminhado à Direção-Geral do *Campus*, formalizando a associação e identificando as responsabilidades de cada parte.



O acesso e a permanência aos laboratórios ficam condicionados ao recebimento de instruções de segurança e acompanhamento do técnico do laboratório ou docente autorizado que esteja desenvolvendo atividades de pesquisa e/ou ensino naquele laboratório.



## **4. REQUISITOS LEGAIS**

### **4.1. Diretrizes curriculares nacionais do curso**

Sua elaboração está amparada nos seguintes aspectos legais: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional); Resolução CNE/CES nº 03, de 02 de fevereiro de 2006 (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Engenharia Florestal); Resolução CNE/CES nº02, de 18 de junho de 2007 (Carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial); Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004 (institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES) e Plano de Desenvolvimento Institucional -PDI do IFRO *Campus* Ji-Paraná - quinquênio 2018-2022.

### **4.2. Diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena**

O IFRO em seu Plano de Desenvolvimento Institucional, no título que trata das políticas de ensino para o ensino técnico de nível médio e de graduação faz menção às Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, conforme o disposto no Parecer CNE/CP nº 08, de 06 de março de 2012, que originou a Resolução CP/CNE nº 01 de 30 de maio de 2012 e também às Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana e indígena, conforme o disposto na Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, na Resolução CNE/CP nº 01, de 17 de junho de 2004 e na Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003.

### **4.3. Diretrizes nacionais para a educação em direitos humanos**

Em 1948, a Organização das Nações Unidas editou e apresentou ao mundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos a fim de garantir que todos os seres humanos pudessem “invocar os direitos e as liberdades proclamados [...], sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. ”A partir de então, foi desencadeado um processo de mudança no comportamento dos indivíduos e dos grupos sociais em todo o planeta. Diversos outros instrumentos,



cartas, tratados, pactos foram criados a fim de dar garantia e de ampliar as já existentes nos diversos países em redor do mundo.

No Brasil, os direitos humanos estão garantidos na Constituição Federal (1988), em seu artigo 5º, parágrafos 2º e 3º, nos quais está consignado que:

§ 2º Os direitos e garantias expressos nesta Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte.

§ 3º - Os tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quintos dos votos dos respectivos membros, serão equivalentes às emendas constitucionais.

Além de recepcionar a legislação e os tratados internacionais sobre direitos humanos, no *caput* do artigo 5º da Constituição Federal (1988) está escrito que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]”.

A legislação brasileira é perfeita no que se refere ao oferecimento de garantias individuais e coletivas; no entanto, a prática não imita a teoria, visto que as denominadas minorias sociais vivem marginalizadas em face de uma exclusão que, a cada dia, torna-se mais e mais evidente.

Visando minorar os diversos atentados contra os direitos individuais e coletivos e alavancar políticas que avancem rumo a um futuro de igualdade e de respeito à dignidade da pessoa humana, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República; o Ministério da Educação; o Ministério da Justiça e a UNESCO, por meio do Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos, instituíram o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH) com os objetivos gerais de:

a) destacar o papel estratégico da educação em direitos humanos para o fortalecimento do Estado Democrático de Direito; b) enfatizar o papel dos direitos humanos na construção de uma sociedade justa, equitativa e democrática; c) encorajar o desenvolvimento de ações de educação em direitos humanos pelo poder público e a sociedade civil por meio de ações conjuntas; d) contribuir para a efetivação dos compromissos internacionais e nacionais com a educação em direitos humanos; e) estimular a cooperação nacional e internacional na implementação de ações de educação em direitos humanos; f) propor a transversalidade da educação em direitos humanos nas políticas públicas, estimulando o desenvolvimento institucional e interinstitucional das ações previstas no PNEDH nos mais diversos setores (educação, saúde, comunicação, cultura, segurança e justiça, esporte e lazer, dentre outros); g) avançar nas ações e propostas do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) no que se refere às questões da educação em direitos humanos; h) orientar políticas educacionais direcionadas para a constituição de uma cultura de direitos humanos; i) estabelecer objetivos, diretrizes e linhas de ações para a elaboração de programas e projetos na área da educação em direitos humanos; j) estimular a reflexão, o estudo e a pesquisa voltados para a educação em direitos humanos; k) incentivar a criação e o fortalecimento de instituições e organizações nacionais, estaduais e municipais na perspectiva da educação em direitos humanos; l) balizar a elaboração, implementação, monitoramento, avaliação e atualização dos Planos de



Educação em Direitos Humanos dos estados e municípios; m) incentivar formas de acesso às ações de educação em direitos humanos a pessoas com deficiência.

Embora não haja uma política esboçada num plano ou programa específico para tratar dos direitos humanos, é certo que o tema vem se tornando, a cada dia, mais frequente nas discussões dos comitês, conselhos e comissões constituídas para pensar o futuro do IFRO. Os direitos humanos já figuram como disciplinas obrigatórias, como optativas e também como conteúdo de disciplinas que tratam de questões humanas e sociais nos cursos da educação básica, técnica, tecnológica e superior do Instituto Federal de Educação de Rondônia, o qual pretende, nos anos vindouros, ampliar as discussões em nível de poder contribuir, sobremaneira, com a formação humanista da sociedade na qual está inserido e atua como agente de transformação social.

#### **4.4. Proteção do direito da pessoa com transtorno do espectro autista**

Com fundamento no disposto na Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012, o IFRO, por intermédio do seu Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), a fim de prestar a devida e necessária proteção aos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista, por meio de atendimento educacional especializado indicado para cada caso, mediante estudo de caso individualizado realizado pelo Núcleo.

#### **4.5. Titulação do corpo docente**

Com fundamento no art. 66, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) N°. 9394, de 20 de dezembro de 1996, “a preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado”.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, embora seja uma instituição muito jovem com pouco mais de oito anos, tem levado muito a sério a formação continuada no sentido de preparar seus docentes para o exercício da docência superior. Para alcançar essa meta, o IFRO vem estabelecendo parcerias com IES de todo o país com a finalidade de proporcionar oportunidades aos docentes em estarem cursando mestrados e doutorados em todas as áreas do conhecimento. Além dessa ação, o Instituto trabalha com a política de afastamento para os professores matriculados em

programa *Stricto sensu* regulares conceituados pela CAPES. Dessa forma, a política de formação continuada se torna democrática e idealística.

A titulação do corpo docente está amplamente descrita na dimensão 2 deste projeto.

#### **4.6. Núcleo docente estruturante (NDE)**

O Núcleo Docente Estruturante é responsável por elaborar o Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Florestal do IFRO *Campus* Ji-Paraná, além de supervisionar, acompanhar e consolidar a implementação do Curso.

O NDE é o órgão consultivo, formado por um conjunto de professores com a mais elevada formação e titulação, designados pelo Colegiado de Curso e que têm responsabilidade com a implantação e implementação do Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Florestal. Suas atribuições e de seus membros são especificadas na Resolução CONAES nº 01 de 17 de junho de 2010.

O Núcleo Docente Estruturante está descrito com minúcias na dimensão 2 deste projeto.

#### **4.7. Carga horária mínima, em horas**

Conforme está consignado na matriz curricular, o curso atende ao que preconiza a lei no tocante à carga horária mínima. A resolução CNE/CES nº 02, de 18 de junho de 2007, que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, indica que o Curso de Graduação em Engenharia Florestal deve ter um mínimo de 3.600 horas.

O curso de Engenharia Florestal do IFRO *Campus* Ji-Paraná terá 3.618 horas-relógio.

#### **4.8. Tempo de integralização**

O tempo de integralização do curso de Engenharia Florestal do IFRO *Campus* Ji-Paraná, que tem o mínimo de 5 anos (dez semestres) e o máximo de 10 anos (vinte semestres) está em conformidade com a Resolução CNE/CES nº 02, de 18 de junho de 2007, que define, em seu artigo 1º, na forma do Parecer CNE/CES nº 8/2007, as cargas horárias mínimas para os cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial. No Parágrafo único, estabelece que os estágios e atividades complementares

dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, não deverão exceder a 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso, salvo nos casos de determinações legais em contrário. E no artigo 2º define que as Instituições de Educação Superior, para o atendimento do artigo 1º, deverão fixar os tempos mínimos e máximos de integralização curricular por curso, bem como sua duração, tomando por base as seguintes orientações:

- I – a carga horária total dos cursos, ofertados sob regime seriado, por sistema de crédito ou por módulos acadêmicos, atendidos os tempos letivos fixados na Lei nº 9.394/96, deverá ser dimensionada em, no mínimo, 200 (duzentos) dias de trabalho acadêmico efetivo;
- II – a duração dos cursos deve ser estabelecida por carga horária total curricular, contabilizada em horas, passando a constar do respectivo Projeto Pedagógico;
- III – os limites de integralização dos cursos devem ser fixados com base na carga horária total, computada nos respectivos Projetos Pedagógicos do curso, observados os limites estabelecidos nos exercícios e cenários apresentados no Parecer CNE/CES nº 8/2007, de forma que o Grupo de Carga Horária Mínima entre 3.600 e 4.000h o limite mínimo para integralização de 5 (cinco) anos;
- IV – a integralização distinta das desenhadas nos cenários apresentados na Resolução poderá ser praticada desde que o Projeto Pedagógico justifique sua adequação. O artigo 3º apresenta prazo para implantação pelas IES, em quaisquer das hipóteses de que tratam as respectivas Resoluções da Câmara de Educação Superior do CNE, referentes às Diretrizes Curriculares de cursos de graduação, bacharelados.

E, para concluir, o artigo 4º orienta que as Instituições de Educação Superior devem ajustar e efetivar os projetos pedagógicos de seus cursos aos efeitos do Parecer CNE/CES nº 8/2007 e da Resolução CNE/CES Nº 02/2007, até o encerramento do ciclo avaliativo do SINAES, nos termos da Portaria Normativa nº1/2007, bem como atender ao que institui o Parecer CNE/CES nº 261/2006, referente à hora-aula.

Assim, em atendimento ao artigo 2º, inciso III, alínea “d”, da Resolução CNE/CES Nº 02/2007, conforme carga horária total do curso de Engenharia Florestal do IFRO *Campus* Ji-Paraná, o limite mínimo para integralização do curso é de 5(cinco) anos.

#### **4.9. Acessibilidade para pessoas com deficiência física**

O *Campus* está se adaptando para proporcionar condições de acesso e utilização de todos os seus ambientes ou compartimentos para pessoas com necessidades específicas ou com mobilidade reduzida, inclusive adaptação de sala de aula, biblioteca, auditórios, ginásios e instalações desportivas e laboratórios, áreas de lazer, estacionamentos e sanitários.



Em atendimento à Lei Federal n.º 10.098/2000 e ao Decreto 5.296/2004, o *Campus* tem:

- a) Estacionamento e/ou acesso adequado e reservado, próximo às edificações, para portadores de necessidades especiais;
- b) Em toda edificação, com mais de um pavimento, existirá acesso facilitado por rampa, calçada rebaixada e/ou elevador;
- c) Os sanitários são adaptados para pessoas com deficiência, com equipamentos e acessórios;
- d) Largos corredores, facilitando a locomoção e acesso aos vários ambientes;
- e) Locais de reunião com espaços reservados, facilitando a acessibilidade.
- f) Deverá ser cumprido o estabelecido na NBR 9050 (ABNT, 2004) e legislações aplicáveis.

#### **4.9.1. Acessibilidade para alunos com deficiência visual**

A deficiência visual pode ser classificada em dois grupos principais, são elas a cegueira e a visão parcial ou reduzida (baixa visão). Os alunos cegos são aqueles que perderam totalmente a visão ou aqueles que têm somente a percepção da luz, necessitando do uso do Sistema Braille como meio de leitura e escrita ou de meios de comunicação que não estejam relacionados com o uso da visão.

Já os alunos com visão parcial ou reduzida são aqueles que têm limitações da visão à distância, mas que são capazes de ver materiais e objetos a poucos centímetros de distância, elas são capazes de ler textos impressos ampliados ou com o uso de recursos óticos especiais.

Para os alunos cegos pode-se adquirir material em Braille ou em áudio, como os áudios livros, que são livros cujos textos vêm narrados. Para os alunos com baixa visão pode-se adquirir material em tinta, ampliado na fonte, estilo e tamanho que o aluno precisa. Existem também para estes alunos os ampliadores de textos, sendo sua função a de ampliar textos e imagens através de um monitor que pode ser uma televisão ou computador, além de permitir tamanho e contrastes diferentes.

O *Campus* está se adaptando para adquirir equipamentos que favoreçam a acessibilidade para alunos com deficiência visual, a fim de facilitar o ensino e aprendizagem a todos os alunos.

#### **4.9.2. Acessibilidade para alunos com deficiência auditiva**



Historicamente, as pessoas com necessidades educacionais específicas têm sido alvo de discriminação e preconceito em todos os aspectos da vida comunitária. Nos últimos trinta anos, porém, tem-se observado uma mudança substancial em uma longa trajetória, que tem episódios que vão desde o aniquilamento e isolamento em instituições específicas — muitas vezes tidas como “depósitos” — até a conquista de direitos assegurados em documentos oficiais em âmbito nacional e internacional. Segundo o IBGE, Censo 2000, no Brasil existem 24,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência ou incapacidade, o que representa 14,5% da população brasileira.

Um marco significativo que demonstra o avanço das conquistas dos movimentos de surdos, por exemplo, está mencionado no Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, dispendo sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras, e o art. 18 da Lei Federal nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que trata da acessibilidade de pessoas com necessidades específicas.

É possível a construção de novos sentidos para o trabalho de educação no campo da diferença, a partir do momento em que a educação possa ser compreendida como um processo amplo, de gestão participativa e comprometida com as múltiplas necessidades e possibilidades inerentes ao campo da inclusão.

Destacam-se ações que podem colaborar com a inclusão do aluno surdo no curso de Engenharia Florestal:

- a) a introdução de aspectos que disseminem a LIBRAS no curso de Engenharia Florestal para ouvintes e surdos;
- b) a organização de recursos e estratégias pedagógicas adaptadas às necessidades educacionais especiais de alunos surdos que utilizam a LIBRAS, tais como: livros didáticos e paradidáticos, manuais, vídeos-aulas legendados em LIBRAS, uso de recursos visuais para introduzir e exemplificar o desenvolvimento de conteúdos específicos com o apoio da escrita, desenhos, figuras, mapas, fotos, fragmentos de filmes, entre outros.
- c) encaminhamento prévio do conteúdo e de materiais didático-pedagógicos aos intérpretes que serão abordados nas aulas semanais;
- d) a formação continuada da equipe do NAPNE e dos professores do aluno surdo, visando atender às suas necessidades educacionais.



O *Campus* Ji-Paraná conta com um profissional intérprete de Libras para atendimento do discente, que utiliza a Língua Brasileira de Sinais e está ainda se adaptando para adquirir equipamentos que favoreçam a acessibilidade para alunos com deficiência auditiva.

#### **4.10. Oferecimento da disciplina de Libras**

Compreendendo que todo e qualquer profissional terá que lidar, em algum momento de sua vida, respeitosamente, com as pessoas surdas, o Instituto Federal de Educação de Rondônia entende que deve, com fundamento no disposto no Decreto da Presidência de República nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000, no seu artigo 3º e parágrafos, em suas licenciaturas, oferecer Língua Brasileira de Sinais como disciplina obrigatória e como optativa nos demais cursos.

Em especial, este Núcleo Docente Estruturante entende que este curso deve oferecer Língua Brasileira de Sinais como disciplina optativa, visto que o egresso em Engenharia Florestal terá um perfil diversificado que, certamente, o colocará de frente com todos e quaisquer sujeitos que necessitem de seus préstimos e conhecimentos tecnológicos.

E estando o egresso deste Curso em questão, frente a frente, com alguém que exija tratamento diferenciado em função de sua necessidade específica, saberá ele lidar de forma competente e hábil usando o necessário de sinais para estabelecer uma comunicação que seja eficiente e que atenda os anseios de seu cliente.

#### **4.11. Informações acadêmicas**

As informações acadêmicas são parte da relação de uma instituição de ensino com a comunidade a que ela atende. Em conformidade com a Portaria Normativa nº 40 de 12/12/2007, no seu artigo 32, a IES precisa lançar mão de todos os instrumentos de comunicação que dispõe para manter a comunidade acadêmica informada de todas as suas ações, especialmente aquelas que sejam de total interesse de professores e alunos.



No IFRO, as informações acadêmicas são propagadas por intermédio de meios eletrônicos e virtuais, sem, no entanto, desprezar aqueles convencionais, a exemplo dos murais internos e dos comunicados impressos entregues aos discentes.

O IFRO construiu e mantém o Sistema Integrado de Gestão Acadêmica (SIGA-Edu) como seu principal portal de informação acadêmica. Nele são registrados os conteúdos ministrados, a frequência e as notas atribuídas aos alunos. O discente tem acesso ao sistema para registro por meio do Portal do Professor, o aluno, por sua vez, tem acesso a essas informações pelo Portal do aluno, recentemente implantado.

Além do SIGA-Edu, o IFRO mantém atualizadas as informações acadêmicas em seu site [www.ifro.edu.br](http://www.ifro.edu.br), a fim de atender ao que preconiza a Lei nº 13.168, de 06 de outubro de 2015.

#### **4.12. Políticas de educação ambiental**

A política de Educação Ambiental no âmbito do IFRO visa construir valores sociais, atitudinais e competências para a utilização sustentável do meio ambiente.

Além do oferecimento de disciplinas que tratam do tema e de conteúdos, oferecidos de modo transversal, nas demais disciplinas de formação geral, será estimulada a implantação de projetos e de programas relacionados ao tema, a fim de consolidar uma política ambiental que seja capaz de resgatar os mais puros valores relacionados à preservação e ao uso responsável da terra, das matas, do ar, das águas e de tudo o que se deriva deles.

De igual modo, serão estabelecidas parcerias com órgãos ambientais de natureza pública e privada para o desenvolvimento de políticas de preservação e conservação de rios, florestas e de outros ambientes naturais na região de abrangência do IFRO. Como norte para a sua política de educação ambiental interna, o IFRO servirá de tudo o quanto está preconizado no Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) e evoca em especial as cinco diretrizes:

- a) Transversalidade e Interdisciplinaridade.
- b) Descentralização Espacial e Institucional.
- c) Sustentabilidade Socioambiental.
- d) Democracia e Participação Social.
- e) Aperfeiçoamento e Fortalecimento dos Sistemas de Ensino, Meio Ambiente e outros que tenham interface com a educação ambiental.



## 5. TEMAS GERAIS E INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

### 5.1. Infraestrutura do *Campus*

O *Campus* Ji-Paraná está em processo de expansão de sua infraestrutura, com garantia dos ambientes e recursos para a realização do curso. Os setores de atendimento possuem equipamentos e mobiliários adequados, além de pessoal de apoio para a manutenção e organização dos espaços e instrumentos de trabalho.

Para atender, de forma adequada, às necessidades acadêmicas, foram projetadas suas instalações prediais dentro dos padrões exigidos pelos órgãos de controle.

As instalações prediais construídas, de excelente qualidade, são em alvenaria e estrutura de concreto armado, com fechamento em vidro e tijolo cerâmico, piso cerâmico antiderrapante, revestimento externo com reboco, massa acrílica e no interno com reboco, massa corrida, pintura látex/acrílica, textura e azulejos (laboratórios e conjuntos sanitários) com portas internas de madeira e janelas com vidro temperado.

A instalação elétrica está de acordo com as normas da concessionária local. Na parte interna, todo o sistema é embutido com quadros de distribuição de acordo com as cargas, interruptores, tomadas e luminárias fluorescentes distribuídos em conformidade com as necessidades e código de obra.

Todos os ambientes são climatizados por ar condicionados tipo Split, dimensionados de acordo com a área e normas técnicas.

A instalação hidrosanitária atende às normas da concessionária local, inclusive às exigências de segurança.

O prédio utiliza cobertura segundo as normas técnicas e de acordo com o indicado nos instrumentos editados pelos órgãos de controle.

Havendo feita uma sucinta demonstração da macroestrutura física do IFRO, daqui por diante, este projeto deverá descrever, detalhadamente, as estruturas específicas para o funcionamento do curso em questão.

Para melhor detalhar a estrutura física e acadêmica do *Campus*, a seguir, será apresentado um quadro contendo as repartições e dependências a serem utilizadas por professores e alunos no exercício das atividades de ensino, de pesquisa, de extensão e na realização de outras atividades que sejam complementares ao processo de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

Quadro 33: Estrutura física do *Campus Ji-Paraná*

| Dependências                               | Quantidade | Total em M <sup>2</sup>    |
|--|------------|----------------------------|
| Casa de vegetação                          | 1          | 600                        |
| Sala de aula                               | 17         | 884                        |
| Sala de professores                        | 4          | 156                        |
| Auditório                                  | 1          | 650                        |
| Biblioteca                                 | 1          | 500                        |
| Sala de Aprendizagem alternativa           | 1          | 130                        |
| Laboratório de informática                 | 5          | 315                        |
| Laboratório de física                      | 1          | 60                         |
| Laboratório de Solos e água                | 1          | 120                        |
| Laboratório de hardware                    | 1          | 60                         |
| Laboratório de redes de computadores       | 1          | 52                         |
| Laboratório de química                     | 5          | 260                        |
| Laboratório de sementes                    | 1          | 120                        |
| Laboratório de proteção e manejo florestal | 1          | 60                         |
| Laboratório de botânica                    | 1          | 60                         |
| Laboratório de biologia                    | 1          | 52                         |
| Laboratório de história                    | 1          | 20                         |
| Sala de videoconferência                   | 2          | 52                         |
| <b>Total</b>                               | <b>44</b>  | <b>2.918 M<sup>2</sup></b> |

Fonte: IFRO/*Campus Ji-Paraná*, (2022)

### 5.1.1. Infraestrutura de Segurança

A instalação do *Campus Ji-Paraná* foi projetada para atender as normas do Código de Segurança e Proteção contra Incêndio – CBM/RO, por meio da instalação dos seguintes sistemas:

- Extintores CO<sup>2</sup> nos corredores e laboratórios;
- Parapeito no mezanino/saguão;
- Saída de emergência;
- Luminárias de emergência;
- Ducha d'água nos laboratórios de química;
- Sinalizações;
- Parte elétrica: Subestação e quadros de distribuição compatíveis com as cargas.

### 5.1.2. Área de Convivência

O IFRO conta com áreas de convivência, saguões e mezaninos que servem para o lazer, descanso e também para as relações interpessoais de alunos e professores. Nesses espaços de convivência amplos, arejados e confortáveis são contemplados os serviços de alimentação e lazer.

### **5.1.3. Biblioteca**

O *Campus* Ji-Paraná oferece biblioteca aos alunos, em ambiente climatizado, dinâmico e organizado, contendo referências bibliográficas imprescindíveis a sua formação. Entende-se que o conhecimento construído ao longo dos tempos, especialmente sistematizados em livros e outras formas de divulgação, deve ser objeto de estudo e ficar disponibilizado aos alunos, para a fundamentação teórica de suas atividades estudantis e profissionais. Por isso, salienta-se a importância a ser dada à Biblioteca, que contará ainda com acervo virtual de consulta e sistemas de acesso a este acervo.

As ementas das disciplinas trazem uma lista de bibliografia básica que estará presente na biblioteca do *Campus*. Haverá ainda vários outros materiais, citados ou não, voltados para a área, nas mais diversas mídias, como CDs, DVDs, arquivos virtuais e outros. Os referenciais mais importantes encontram-se descritos nos planos de disciplina em apêndice do PPC, aos quais serão somados outros.

A biblioteca deverá operar com um sistema informatizado, possibilitando fácil acesso ao acervo. O sistema informatizado propicia a reserva de exemplares cuja política de empréstimos prevê um prazo máximo de 14 (catorze) dias para o aluno e 180 (cento e oitenta) dias para os professores, além de manter pelo menos 1 (um) volume para consultas na própria Instituição. O acervo deverá estar dividido por áreas de conhecimento, facilitando, assim, a procura por títulos específicos, com exemplares de livros e periódicos contemplando todas as áreas de abrangência do curso.

#### **5.1.3.1. Espaço Físico da Biblioteca**

O espaço da biblioteca é dedicado a estudos de alunos, professores e demais pessoas da comunidade, seja em grupo ou individualmente. Há espaços para acadêmicos de nível superior e alunos do Nível Técnico Integrado ao Ensino Médio. São previstas consultas a bases de dados digitais e outros serviços, como solicitação de artigos.

#### **5.1.3.2. Serviços Oferecidos na Biblioteca**

Na biblioteca é oferecido apoio bibliográfico ao desenvolvimento das atividades estudantis, como empréstimo de livros, manuais e revistas. Até a implementação do curso, o serviço oferecido contará também com catalogação online, sistemas de informação de usuários e navegação online destinada ao acesso a periódicos, revistas e portais educacionais. Os serviços e condições de atendimento estão descritos no Regulamento das Bibliotecas do IFRO.

Também está disponível nos computadores da biblioteca, assim como nos demais da instituição, acesso ao Portal de Periódicos CAPES para consulta de trabalhos científicos indexados nas mais diversas bases de dados nacionais e internacionais.

#### **5.1.3.3. Horário de Funcionamento da Biblioteca**

A biblioteca atende ao público de segunda a sexta-feira, do período matutino ao noturno ininterruptamente. O espaço é aberto à comunidade em geral, mas os empréstimos são permitidos somente aos alunos e servidores do *Campus*.

O horário de funcionamento da biblioteca é das 07h30min às 21h, de segunda-feira a sexta-feira.

#### **5.1.4. Espaços para Eventos**

O *Campus* conta com instalações físicas que atendem às necessidades para realização de pequenos, médios e grandes eventos, tais como: auditório, sala de conferências, quadra poliesportiva e outros espaços.

#### **5.1.5. Instalações Sanitárias**

As instalações sanitárias do *Campus* foram construídas de acordo com as normas hidrossanitárias da concessionária local, composta de três conjuntos sanitários masculinos e três femininos.

Com área de 16,53m<sup>2</sup>, cada conjunto possui quatro divisórias com vasos sanitários, sendo uma planejada para atendimento às pessoas com necessidades especiais e uma bancada com lavatórios.

Todos os conjuntos têm piso cerâmico antiderrapante, revestimento total das paredes em azulejos, janelas com vidros temperados, portas em madeira. As divisórias e as bancadas são de pedra tipo granito.

Quadro 34 -Quantidade de banheiros no *Campus* IFRO Ji-Paraná

| <b>Quadra Esportiva</b>       | <b>Lavatórios</b> | <b>Vasos Sanit.</b> | <b>Duchas</b> | <b>Mictórios</b> | <b>PMR</b> |
|-------------------------------|-------------------|---------------------|---------------|------------------|------------|
| Masculino                     | 08                | 03                  | 06            | XX               | 01         |
| Feminino                      | 08                | 06                  | 03            | XX               | 01         |
| <b>Garagem</b>                |                   |                     |               |                  |            |
| Masculino                     | 02                | 01                  | 01            | 02               | 00         |
| Feminino                      | 02                | 02                  | 00            | 00               | 00         |
| <b>Laboratórios</b>           | 00                | 00                  | 00            | 00               | 00         |
| <b>Boco Novo 1º piso</b>      |                   |                     |               |                  |            |
| Masculino                     | 03                | 03                  | 00            | 02               | 01         |
| Feminino                      | 03                | 03                  | 00            | 00               | 01         |
| <b>Bloco Novo 2º piso</b>     |                   |                     |               |                  |            |
| Masculino                     | 03                | 03                  | 00            | 02               | 01         |
| Feminino                      | 03                | 03                  | 00            | 00               | 01         |
| <b>Biblioteca</b>             |                   |                     |               |                  |            |
| Masculino                     | 03                | 03                  | 00            | 03               | 01         |
| Feminino                      | 03                | 03                  | 00            | 00               | 01         |
| <b>Cantina e refeitório</b>   |                   |                     |               |                  |            |
| Masculino                     | 03                | 03                  | 00            | 02               | 00         |
| Feminino                      | 03                | 03                  | 00            | 00               | 00         |
| <b>ADM 01</b>                 |                   |                     |               |                  |            |
| Masculino                     | 02                | 02                  | 00            | 03               | 01 Unisex  |
| Feminino                      | 02                | 02                  | 00            | 00               |            |
| <b>ADM 2</b>                  |                   |                     |               |                  |            |
| Masculino                     | 02                | 02                  | 00            | 03               | 00         |
| Feminino                      | 02                | 02                  | 00            | 00               | 00         |
| <b>Bloc Salas de Aulas 03</b> |                   |                     |               |                  |            |
| Masculino                     | 03                | 06                  | 00            | 01               | 00         |
| Feminino                      | 03                | 06                  | 00            | 00               | 01 Unisex  |

Fonte: IFRO/*Campus* Ji-Paraná, (2022)

## 5.2. Organização do Controle Acadêmico

A organização do controle acadêmico segue as normas regimentais estabelecidas nos documentos gerais do IFRO e também nos documentos internos de cada *Campus*. O órgão central de desempenho das atividades acadêmico-administrativas é a Coordenação de Registros Acadêmicos (CRA). O controle da organização acadêmica dá-se por meio de sistema eletrônico denominado de SIGA-Edu (Sistema Integrado de Gestão Acadêmica).

O registro e o controle acadêmico de matrícula, trancamento, transferência e aproveitamento de estudos são de responsabilidade da CRA. As questões acadêmicas, expedição de atestados, históricos



escolares, registro de diplomas, entre outras atividades também estão a cargo da mesma Coordenação. A verificação e o registro de frequência, notas, aprovação/reprovação são de responsabilidade do professor e o seu controle de responsabilidade da CRA.

A CRA é o órgão de apoio ao qual compete centralizar todo o movimento acadêmico e administrativo de cada *Campus* e é dirigida por um(a) coordenador(a), sob a orientação da Diretoria de Ensino.

O(A) coordenador(a) tem sob sua guarda e responsabilidade todos os livros e sistemas de escrituração escolar, arquivos, prontuários dos alunos e demais assentamentos em livros e sistemas de registros fixados pelo Regimento Geral, pelo Regulamento da Organização Acadêmica e pela legislação vigente.

À CRA compete:

- I. Inscrever os candidatos à seleção e admissão;
- II. Proceder à matrícula dos alunos;
- III. Expedir documentação escolar geral;
- IV. Expedir diplomas e certificados;
- V. Organizar e manter atualizados arquivos e fichários;
- VI. Manter o controle dos registros acadêmicos;
- VII. Divulgar as diversas atividades do setor escolar;
- VIII. Executar outros trabalhos que lhes sejam atribuídos pelo diretor de ensino;

Ao(à) coordenador(a) compete:

- I. Dirigir a CRA, observadas as normas regimentais, e as que lhe forem conferidas pelos órgãos e instâncias superiores;
- II. Desenvolver todas as atividades que lhe for designada no Regimento Geral, nos Regulamentos da Organização Acadêmica e nos demais documentos e legislação vigente.

### **5.3. Setores de Apoio Pedagógico e Técnico-Administrativo**

A seguir, indicamos os principais setores em que atua a equipe de apoio pedagógico e técnico-administrativo e os principais serviços oferecidos pelo IFRO no desenvolvimento do ensino, da aprendizagem, da extensão e da pesquisa.



### 5.3.1. Diretoria de Ensino

Articula-se com a Direção Geral e com os demais setores de manutenção e apoio ao ensino para o desenvolvimento das políticas institucionais de educação. Delibera a respeito de programas, projetos e atividades de rotina, conforme competências descritas no Regimento Interno do *Campus* e as instruções da Direção Geral; organiza, executa e distribui tarefas referentes ao desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão.

O IFRO tem por política institucional garantir não somente o acesso ao ensino de qualidade, mas criar mecanismos que garantam a permanência do aluno na instituição, com sucesso em sua trajetória acadêmica.

O atendimento/acompanhamento pedagógico às turmas e aos alunos, de forma individualizada, tem como objetivo o desenvolvimento harmonioso e equilibrado dos acadêmicos em todos os aspectos - físico, mental, emocional, moral, estético, político, educacional e profissional. Para tanto, serão direcionados esforços no sentido de:

- a) Proporcionar ao aluno atividades para integração ao grupo no qual está inserido;
- b) Proporcionar informações que favoreçam a inserção dos estudantes no cotidiano escolar;
- c) Identificar estratégias adequadas para uma ação integrada de trabalho com os docentes;
- d) Trabalhar atitudes e valores em grupo ou individualmente, tanto com os alunos quanto com os professores;
- e) Possibilitar ao aluno consciência de suas escolhas e decisões profissionais, que serão trabalhadas no âmbito individual e no coletivo;
- f) Avaliar, atender e/ou encaminhar para setores competentes os alunos envolvidos em situações de conflito, ou com problemas que interfiram direta ou indiretamente no seu desenvolvimento acadêmico;
- g) Trabalhar a Organização Didática: normas, direitos e deveres, instâncias de decisão dos processos políticos, pedagógicos e administrativos e informações sobre os serviços oferecidos pelo IFRO;



- h) Buscar interação com professores, individualmente ou em grupo (reuniões de área, de turma, encontros pedagógicos e outros), para discutir sobre os encaminhamentos decorrentes do processo de ensino e aprendizagem.

#### **5.3.1.1. Departamento de Apoio ao Ensino (DAPE)**

Desenvolve atividade de suporte à Diretoria de Ensino; presta apoio ou exerce atividade de orientação a professores e alunos, no que tange a elaboração, tramitação, organização, recebimento e expedição de documentos referentes ao ensino profissionalizante médio; controla materiais e recursos didáticos disponibilizados aos docentes e acadêmicos deste nível de ensino; com auxílio de uma equipe de pedagogos e técnico em assuntos educacionais, atua junto ao ensino técnico nas modalidades ofertadas, para prestar apoio pedagógico aos alunos e professores.

#### **5.3.1.2. Coordenação de Assistência ao Educando (CAED)**

Desenvolve atividade de suporte à Diretoria de Ensino e à Coordenação de Apoio ao Ensino; presta informações a todos de direito no que se refere às notas obtidas nas etapas; oferece orientação aos alunos quanto a aproveitamento, frequência, relações de interação e outros princípios voltados para o bom desenvolvimento dos estudos. Tem ainda como serviços específicos:

- **Serviço social:** prestará assistência ao aluno em relação aos aspectos socioeconômicos, que envolvem: construção do perfil socioeconômico dos que ingressam no IFRO; levantamento de necessidades; elaboração de planos de apoio financeiro que envolva, por exemplo, bolsa-trabalho e bolsa-monitoria; realização de outras atividades de atendimento favorável à permanência do aluno no curso e ao seu bem-estar;
- **Serviço de psicologia:** atenderá aos alunos em relação aos aspectos psicológicos, por meio de orientações, estudos de caso, diagnósticos e atendimentos de rotina.

#### **5.3.2. Departamento de Extensão (DEPEX)**

Orienta os agentes das comunidades interna e externa para o desenvolvimento de projetos de extensão, considerando a relevância dos projetos e a viabilidade financeira, pedagógica e instrumental



do *Campus*; participa de atividades de divulgação e aplicação dos projetos, sempre que oportuno e necessário; oferece orientação vocacional aos alunos.

Por meio da Coordenação de Integração entre Escola, Empresa e Comunidade, cumprirá as atividades de rotina relativas a estágio (levantamento de vagas de estágio, credenciamento de empresas, encaminhamento ao mercado de trabalho, estabelecimento de relação quantitativa e qualitativa adequada entre alunos e docentes orientadores, e outros), desenvolverá planos de intervenção para conquista do primeiro emprego, acompanhará egressos por meio de projetos de integração permanente, construirá banco de dados de formandos e egressos, fará as diligências para visitas técnicas, dentre outras funções. Em geral, o Departamento de Extensão apoia a administração, a Diretoria de Ensino e todos os membros das comunidades (interna e externa) no desenvolvimento de projetos que favoreçam ao fomento do ensino e da aprendizagem. Usa como estratégia a projeção, a instrução, a logística, a intermediação e o marketing.

### **5.3.3. Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação (DEPESP)**

Atende às necessidades da instituição também de forma articulatória, relacionando a pesquisa e a inovação com as atividades de ensino; responde pela necessidade de informação, organização e direcionamento das atividades afins, atentando-se para as novas descobertas e o desenvolvimento de projetos de formação e aperfeiçoamento de pessoas e processos.

Por meio da Coordenação de Pesquisa e Inovação, trabalhará com programas de fomento, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e/ou Tecnológica – PIBIC, PIBITI e outros, e projetos específicos de desenvolvimento da pesquisa, desenvolvidos no âmbito interno ou não, envolvendo apenas os alunos e professores como também a comunidade externa.

### **5.3.4. Da Coordenação de Tecnologia da Informação (CGTI)**

É um setor que trabalha pela automação e desenvolvimento de sistemas nos mais diversos níveis e segmentos, envolvendo: Gestão da Rede Nacional de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) dos Institutos Federais; Observatório Nacional do Mundo do Trabalho; EPT Virtual; Portal Nacional de EPT; EPT Internacional; Acessibilidade Virtual; Controle Acadêmico (responsável pelo controle da documentação do aluno na instituição), dentre outros programas, sistemas e processos.



### **5.3.5. Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NAPNE)**

Os alunos que se encontrarem com alguma desigualdade social que implique em uma dificuldade extraordinária para a sua permanência no curso poderão contar com o serviço de apoio do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais — NAPNE.

O Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), vinculado à Diretoria de Ensino, atua na promoção, planejamento e execução de políticas voltadas às pessoas com necessidades específicas.

Dentre as principais atividades desenvolvidas pelo núcleo, está:

- I. O assessoramento às Diretorias de Ensino e os Departamentos de Pesquisa e de Extensão na execução das políticas e ações referentes à acessibilidade e ao atendimento educacional especializado;
- II. Propor, assessorar e monitorar as políticas de inclusão, na perspectiva da educação inclusiva, no tocante à educação especial e ao atendimento educacional especializado;
- III. Suscitar e intermediar as negociações de convênios com possíveis parceiros para atendimento das pessoas com deficiência em suas necessidades educacionais especiais;
- IV. Propor, programar e monitorar os projetos referentes à educação especial inclusiva e ao atendimento educacional especializado e a busca de recursos para execução dos mesmos;
- V. Elaborar programa de atendimento aos discentes com necessidades específicas, no *Campus*, junto aos docentes e o núcleo pedagógico multidisciplinar, bem como auxiliar os docentes a adequarem as suas aulas conforme o programa definido;
- VI. Providenciar adaptação curricular necessária conforme as necessidades dos alunos com deficiência em consonância com os fundamentos legais científicos e tecnológicos;
- VII. Desenvolver, de forma articulada com o ensino, ações de cunho multiprofissional e multidisciplinar, voltadas ao processo de avaliação, diagnóstico e intervenção em necessidades educacionais especiais;



- VIII. Assessorar metodologicamente os docentes nas atividades didático-pedagógicas e, na elaboração dos instrumentos de avaliação no atendimento às pessoas com necessidades educacionais especiais;
- IX. Estimular a pesquisa e o desenvolvimento de Tecnologia Assistiva e material didático pedagógico adaptado;
- X. Propor ações de visem a educação para o exercício da cidadania, a convivência, aceitação da diferença, promovendo a quebra das barreiras atitudinais, educacionais e arquitetônicas.

#### **5.4. Políticas Especiais do IFRO**

##### **5.4.1. Políticas de Educação Inclusiva**

A sociedade é formada por indivíduos diferentes, e aqueles que estão fora do padrão da maioria, geralmente, são marginalizados, estereotipados e/ou relegados ao que, modernamente, são chamados de grupos de minorias. Segundo Santos e Paulino (2008, p. 70):

Historicamente, a dialética exclusiva/inclusiva vem galgando caminhos tortuosos e modificando-se de acordo com a sua época. Desta maneira, pode-se constatar a formação de diversos grupos de excluídos que se modificam a cada dia e compõem uma série de movimentos em favor dos direitos sociais e de participação, buscando minimizar as exclusões que podem ser percebidos nitidamente em muitas situações, de forma velada em outras e muitas vezes até mesmo mascaradas.

Procurando se adequar à modernidade inclusiva e a esse novo mundo de diversidades que se organizam em grupos de minorias excluídas; o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), com o propósito de tratar os iguais com igualdade e os desiguais com desigualdade, na medida de suas desigualdades, a fim de igualar os desiguais aos iguais, vem desenvolvendo políticas denominadas de inclusivas para atender as camadas sociais excluídas dos sistemas educacionais a fim de nivelá-las aos demais membros da sociedade. Assim sendo, como está preconizado no seu Plano de Desenvolvimento Institucional (2014):

Todas as obras recentes realizadas pelo Instituto Federal de Rondônia já contemplam em seus projetos as recomendações da legislação vigente no que refere às questões de acessibilidade. Edificações pré-existentes incorporadas ao IFRO ao longo do tempo e que, porventura, não possuíam acessibilidade, foram adequadas. Nesse sentido, outra questão a se destacar, é a Resolução nº30/2011, que disciplina a organização, o funcionamento e as atribuições dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com



Necessidades Educacionais Específicas – NAPNEs, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO.

Entre suas principais características, destacam-se os procedimentos para sua efetiva implantação, que tem como objetivo principal, criar a cultura da educação para a convivência, a aceitação da diversidade, a eliminação das barreiras arquitetônicas, educacionais e atitudinais, incluindo socialmente a todos por meio da educação.

Informamos também que duas metas apresentadas no presente documento contribuem para a regulamentação da acessibilidade e para o atendimento prioritário em âmbito institucional. A Pró-Reitoria de Planejamento e Administração – PROPLAD – tem como meta para o ano de 2015, a elaboração do Plano de Desenvolvimento Físico do IFRO (PDF), que passará a oferecer documentalmente, de maneira mais detalhada, as especificidades técnicas de construção para atendimento ao disposto, atendendo as necessidades de cada *Campus*, em consonância com os objetivos institucionais e a legislação vigente. Em complemento a essa ação, a reitoria tem como meta a elaboração do Plano de Acessibilidade e Atendimento Prioritário do IFRO, que, como o nome sugere, passará a servir como referência documental da instituição para essa finalidade, contemplando os estudos já realizados pelo NAPNE, bem como do PDF, a ser desenvolvido pela PROPLAD.

O ensino e a aprendizagem têm interessado, sobremaneira, pesquisadores, professores, gestores e também às famílias, especialmente, no que concerne à educação especial inclusiva. No âmbito do Instituto Federal de Educação de Rondônia, isso não é diferente. Apesar de sua jovialidade, o IFRO tem demonstrado que pode fazer a diferença oferecendo à sociedade uma educação isonômica para todos. Todos os seus *Campus* têm procurado incluir os mais diversos sujeitos socialmente constituídos para que façam parte do sistema nacional de educação básica, técnica, tecnológica e superior, provendo assim “o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (CF, art 3º, inc. IV), pautando sempre pelo zelo aos princípios constitucionais de respeito à dignidade da pessoa humana, da liberdade de ir e vir e da igualdade entre todos. (Constituição Federal, 1988).

### **5.5. Acesso a Equipamentos de Informática pelos Docentes**

Todos os docentes do *Campus* têm acesso a equipamentos de informática que estão distribuídos nos laboratórios, na biblioteca, nos gabinetes e em salas de estudos e de atendimento a alunos.

A Instituição disponibiliza, em seus três turnos de funcionamento, os laboratórios de informática, composto com máquinas e equipamentos de última geração. Além do laboratório, os docentes contam ainda com equipamentos de informática instalados nas coordenadorias dos cursos, departamentos de pesquisa e extensão e serviço de apoio psicopedagógico.

O acesso à internet no âmbito do *Campus* é realizado por meio de um canal de alta velocidade, com 14MBps/s –Full (Upload/Download).



Os microcomputadores disponibilizados aos docentes permitem, também, acesso, por intermédio do Sistema Siga-EDU, às informações sobre as suas turmas, impressão do diário de classe, cadastro de notas, faltas, conteúdo e relatórios, podendo assim, acompanhar o rendimento acadêmico de cada aluno em tempo real e de qualquer lugar.

#### **5.6. Recursos Audiovisuais Disponíveis para o Exercício da Docência**

Os recursos audiovisuais são disponibilizados em números equivalentes às necessidades e demandas das aulas e atividades acadêmicas.

Os professores têm a sua disponibilidade kits multimídias para elaboração de video aulas, como microfone de lapela; microfone com condensador de alto desempenho, iluminador com tripé, tripé para câmera, cabos e adaptadores; webcam; mesa digitalizadora, power bank.



## 6. REFERÊNCIAS UTILIZADAS PARA ELABORAÇÃO DO PROJETO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050/2004**. Disponível em: [http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield\\_generico\\_imagens-filefield-description%5D\\_24.pdf](http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_24.pdf).

BRASIL. **Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos / Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.

BRASIL. **Constituição Federal**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)

BRASIL. **Lei 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)

BRASIL. **Lei 11.534**, de 25/10/2007. Dispõe sobre a criação de Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/lei/l11534.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/l11534.htm)

BRASIL. **Lei 11788** de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre estágio de Estudantes. Disponível em: <http://www.sjc.sp.gov.br>

BRASIL. **Lei 13.005** de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm)

BRASIL. **Lei 8.670**, de 30/6/1993. Dispõe sobre a criação de Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais e dá outras providências. Disponível: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8670.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8670.htm)

BRASIL. **Lei Federal n.º 10.098/2000**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l10098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm)

BRASIL. **Lei LDB: de diretrizes e bases da educação**: lei n. 9.394/96. Apresentação Esther Grossi. 3. ed. Brasília: DP&A, 2000

BRASIL. **Lei nº 10.861**, de 14/04/2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/lei/l10.861.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.861.htm)

BRASIL. **Lei nº 11.892**, de 29/12/2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm)

BRASIL. **Lei nº 12.711/2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm)

BRASIL. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm).

BRASIL. Ministério da Educação do. **Portaria Normativa nº 40**, de 12/12/2007. Institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação da educação superior no sistema federal de educação. Disponível em: <https://www.ufmg.br/dai/textos/Port%20aria%20Normativa%2040%20E-MEC.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação do. **Resolução nº 2** de 18 de junho de 2007. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.

BRASIL. Ministério da Educação do. **Resolução Nº 3**, de 2 de fevereiro de 2006. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Engenharia Florestal e dá outras providências.

CONAES. **Resolução Nº 01**, de 17 de junho de 2010. Núcleo Docente Estruturante. Disponível em: [http://www.pucsp.br/cpa/downloads/21\\_03\\_11\\_nucleo\\_docente\\_estruturante\\_resolucao\\_conaes\\_1\\_17\\_junho\\_2010.pdf](http://www.pucsp.br/cpa/downloads/21_03_11_nucleo_docente_estruturante_resolucao_conaes_1_17_junho_2010.pdf).

CONFEA. **Resolução nº 186**, de 14 de novembro de 1969. Fixa as atribuições profissionais dos Engenheiros Florestais. Disponível em: <http://normativos.confesab.org.br/ementas/visualiza.asp?idEmenta=234>

CONSUP/IFRO. **Resolução nº 11** de 09 de fevereiro de 2017. Dispõe sobre a aprovação do Regulamento de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos Cursos Técnicos de Nível Médio e dos Cursos de Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO.

CONSUP/IFRO. **Resolução nº 79/2016**. Dispõe sobre o Regulamento de Estágio dos Cursos Técnicos de Nível Médio e Cursos de Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO.

CONSUP/IFRO. **Resolução Nº 87**, de 30 de dezembro de 2016. Regulamento da Organização Acadêmica dos Cursos de Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO.

CONSUP/IFRO. **Resolução nº 26** de 22 de julho de 2015. Regulamenta o Programa Institucional de Pesquisa-PIP do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.

CONSUP/IFRO. **Resolução nº 8**, de 9 de abril de 2013. Dispõe sobre o Regulamento dos Conselhos de Classe e Colegiados de Curso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.

IFRO. **Plano de Desenvolvimento Institucional do IFRO 2014–2018**. Disponível em: <http://pdi.ifro.edu.br/>.

INEP. **Educação Censo Básico**. Disponível em: <http://censobasico.inep.gov.br/censobasico/#/>. Acesso em: 17 jul. 2016



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades**. 2016. Disponível:  
<<http://cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/home-cidades>>.